

TRAUDI HEISLER

A INDÚSTRIA DE VENÂNCIO AIRES – RS: UM ESTUDO GEOECONÔMICO.

Florianópolis
2008

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Pós-Graduação em Geografia**

Traudi Heisler

A Indústria de Venâncio Aires – RS: Um Estudo Geoeconômico.

Marcos Aurélio da Silva

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

Florianópolis/SC, setembro de 2008.

A INDÚSTRIA DE VENÂNCIO AIRES – RS: UM ESTUDO GEOECONÔMICO.

TRAUDI HEISLER

Coordenador: Dr. Carlos José Espíndola

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários á obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.

Presidente: _____

Prof.Dr. Marcos Aurélio da Silva – UFSC

Membro: _____

Prof. Dr. Carlos José Espíndola – UFSC

Membro: _____

Prof. Dr. Fábio Napoleão – UDESC

Membro: _____

Prof. Dr. José Messias Bastos – UFSC

Florianópolis, 26 de setembro de 2008.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas que de alguma ou outra forma me ajudaram que se necessitaria de várias páginas para agradecer. Mas algumas foram especiais por acreditar em mim e colaboraram para enriquecer não somente a minha dissertação, mas a vida acadêmica e pessoal.

Para começar o professor Marcos Aurélio da Silva, meu orientador que se dispôs a me orientar e mesmo sem conhecê-lo, acabei ganhando um grande amigo. Já que não sou catarinense, agradeço aos bons momentos e as pessoas com as quais pude contar durante a pós-graduação.

No Rio Grande do Sul começo agradecendo a Prefeitura Municipal de Venâncio Aires, em especial a secretaria de indústria e comércio, pelas informações que foram fornecidas. As onze indústrias que foram visitadas e que acreditam na pesquisa para melhorar a atividade. Ainda por confiarem na ética da pesquisa e da pesquisadora.

Meus amigos de Santa Maria, no interior do estado, entre eles o Francisco, a Elenir, a Mara (que me ajudou a organizar os mapas) e a professora Lílian, que apesar de não ter nada a ganhar com a minha pesquisa, me deu várias orientações.

Deixei para o final, a minha família por que ela foi a mais importante nessa minha jornada.

RESUMO

O presente trabalho busca caracterizar as atividades industriais do município de Venâncio Aires, estado do Rio Grande do Sul. Esta área faz parte de uma importante região conhecida internacionalmente por abrigar o Complexo Agroindustrial do Tabaco, dessa forma atraindo diferentes formas de investimentos de capital. Além deste, se destacam também o ramo da refrigeração comercial e confecções que tem tomado a frente na produção e nos investimentos em tecnologia e infra-estrutura. Diante das visitas feitas á onze indústrias e estas respondendo á questões diversas sobre suas atividades foram traçadas as principais características da atividade industrial local. A principal consideração que podemos inferir diz respeito a grande dinâmica desses estabelecimentos e o seu grande potencial produtivo e criativo, principalmente no desenvolvimento de novos produtos. O reflexo de tudo isso está na organização do espaço local, um espaço urbano em transição, onde o antigo e o novo fazem parte do cotidiano da sociedade local.

Venâncio Aires é parte importante no desenvolvimento econômico regional quanto nacional. Durante o período analisado, observou -se que a formação do espaço e da sociedade se fez através de um conjunto de variáveis de distintas escalas geográficas, articuladas entre si e que configuraram a organização e o uso desse espaço.

Palavras-chave: indústria, organização espacial, Venâncio Aires, formação sócioespacial.

ABSTRACT

The dissertation searches characteristic of the industrial activity in the country of Venâncio Aires, Rio Grande do Sul estate. The area make important part region international know for the tobacco complex agriculture industrial, this attraction different forms of capital investment.

Besides, also detail the commercial refrigeration live and garment making having take the technology investment and infrastructure. Ahead the visits done of eleven industrial and these answer several questions of his activity.

This consider main can respect say of big dynamic industrial and creative e productive potential, main devolvement of new products. The reflection everything in the space organization, one urban space in transition, where the old and the new part make to daily the place society.

This datum show on considerable growth, when population dynamic and territorial divisions of the work. The economic growth and social is visible, no only us numbers and ecstasics, but visible in the city.

Keywords: Spatial organization, territorial formation, region, Venâncio Aires, industrial.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa dos COREDEs do Rio Grande do Sul, localizando o Vale do Rio Pardo.	39
FIGURA 2: Mapa de localização da área de estudo.	42
FIGURA 3: Centro da Vila de Venâncio Aires em 1932.	46
FIGURA 4: Mapa de migrações no Rio Grande do Sul.	47
FIGURA 5: Gráfico da população por sexo de Venâncio Aires/RS.	48
FIGURA 6: Gráfico da evolução da população, quanto ao local de moradia de Venâncio Aires/RS, no período de 1920 a 2006.	49
FIGURA 7: Renda da população trabalhadora empregada em Venâncio Aires/RS. .	51
FIGURA 8: Número de indústrias em Venâncio Aires/RS, no período de 1940 a 2006.	55
FIGURA 9: Mapa de localização das indústrias amostradas de Venâncio Aires/RS.	63
FIGURA 10: Processo de destala na indústria fumageira.	65
FIGURA 11: Montagem de tratores agrícolas.	70
FIGURA 12: Origem das matérias-primas nas indústrias visitadas em Venâncio Aires/RS.	71
FIGURA 13: Mapa de fluxograma dos destinos da produção das indústrias amostradas de Venâncio Aires - RS.	75
FIGURA 14: Recepção de fumo "in natura" na indústria Companhia Brasileira de Fumo em Folha, em Santa Cruz do Sul.	80
FIGURA 15: Igreja Matriz São Sebastião Martir, na área central da cidade.	90
FIGURA 16 - Mapa de Zoneamento do espaço urbano de Venâncio Aires/RS.	91
FIGURA 17: Imagem da Zona residencial e comercial de Venâncio Aires.	92
FIGURA 18: Indústria instalada no Distrito Industrial.	94
FIGURA 19 - Planta da cidade de Santa Cruz do Sul/ RS.	95
FIGURA 20: Mapa de expansão do perímetro urbano de Venâncio Aires/RS.	97
FIGURA 21 - Local de moradia dos trabalhadores das indústrias amostradas de Venâncio Aires/RS.	99
FIGURA 22 - Sazonalidade da produção e contratação de funcionários das indústrias amostradas em Venâncio Aires/RS.	100

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Número de indústrias e pessoas ocupadas em relação à população total entre 1940 e 2000 em Venâncio Aires/RS.	99
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Quadro de desnacionalização da indústria fumageira de Venâncio Aires/RS.	83
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NACIONAL E REGIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O RIO GRANDE DO SUL	16
1.1 BRASIL: INDUSTRIALIZAÇÃO, DUALIDADES E A QUESTÃO REGIONAL ...	16
1.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS DUALIDADES NO RIO GRANDE DO SUL: A CONSTITUIÇÃO DA PROPRIEDADE RURAL	27
1.2.1 O início das atividades industriais e m áreas coloniais de origem alemã no Rio Grande do Sul	33
2. VENÂNCIO AIRES, DESCRIÇÕES GEOGRÁFICAS E HISTÓRICAS	38
2.1 O VALE DO RIO PARDO	38
2.1.1 Formação histórica de Venâncio Aires	41
2.2 POPULAÇÃO	47
2.3 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	51
2.4 AS INDÚSTRIAS E O INÍCIO DAS SUAS ATIVIDADES.....	56
3. CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICO-ECONÔMICAS DA INDÚSTRIA DE VENÂNCIO AIRES	62
3.1 ESTRUTURA INDUSTRIAL, MAQUINARIA, MÃO-DE-OBRA	62
3.2 MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS NA INDÚSTRIA LOCALIZADA.....	71
3.3 O MERCADO CONSUMIDOR E A PRODUÇÃO LOCAL	73
3.4 QUESTÃO AMBIENTAL E INDÚSTRIA LOCAL.....	85
4. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE VENÂNCIO AIRES	88
4.1 CARACTERÍSTICAS DA MÃO – DE – OBRA NAS INDÚSTRIAS DE VENÂNCIO AIRES/RS.....	98
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

Para a geografia é importante estudar as transformações ocorridas nas diferentes sociedades: desde seus processos culturais, as técnicas por elas desenvolvidas e, principalmente, a industrialização. De modo que a história de um espaço geográfico se constrói e está marcada pela sucessão de transformações culturais, econômicas e sociais ocorridas ao longo do tempo.

Para entender a história da sociedade é preciso compreender sua evolução, conquistada a partir da aquisição de novos conhecimentos e do desenvolvimento de suas condições materiais. A discussão em torno do materialismo histórico parece ser uma teoria que se ajusta aos estudos sobre a formação de um pequeno modo de produção colonial no sul do Brasil.

O materialismo histórico tem como objetivo conhecer a sociedade. O homem é quem faz a história, a partir da produção das condições materiais. Isso baseado no trabalho que é condição de alienação do homem, incluindo seu conhecimento, sua mente, que unidas, se completam.

No materialismo histórico a totalidade é indicada pelo movimento do Modo de Produção e sua efetivação sob diferentes formações sócio espaciais. Esse processo é parte da história da humanidade. É como Gramsci se refere à “filosofia da práxis”, isto é, às relações que são próprias da sociedade entre sua infra-estrutura (econômica) e supra-estrutura (jurídico – político).¹

Aliado ao materialismo histórico, o estudo de compreender a sociedade é completado pela dialética. Esta pressupõe que o conhecimento dos homens acontece em movimento e reconhece a necessidade de se adicionar o novo na realidade humana. “Estudar a história através da dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”.²

Nessa concepção os objetos reais e científicos ocupam o espaço e se relacionam e nas diferentes dimensões da totalidade. Durante a existência humana

¹ Vieira, M.G.E. de D. Formação social brasileira e geografia: reflexões sobre um debate interrompido. Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis. 1992, p.34.

² Konder, L. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.08.

e a partir da constituição da sociedade moderna, os homens estabelecem determinadas relações muito além de suas necessidades. E, ainda, relações de produção que determinam o grau de desenvolvimento das forças produtivas e que estão incluídas numa estrutura econômica, que aliada a uma superestrutura jurídica e política é que forma o modo de produção.³

A passagem de um modo para outro se dá quando o certo estágio de desenvolvimento da sociedade e de sua produção material entra em contradição com relações existentes, que moviam até então a sociedade.

Os modos de produção mostram uma seqüência do desenvolvimento da humanidade, sua evolução, através de fatos e elementos concretos. Em seus aspectos fundamentais – relações de produção, forças produtivas, formas de propriedade - é a expressão do estágio histórico da relação homem/natureza (da produção) que se explica nas relações entre os próprios homens, a sociedade⁴.

Marx foi um dos maiores defensores desse conceito, em parte por explicar as relações capitalistas, as relações de poder e a condição ideológica. Também coloca que existe a combinação de relações de produção numa realidade dada, ou seja, numa formação social concreta. E para se ter uma melhor compreensão dessa realidade, recorre ao conceito de “modo de produção”.

Um Modo de Produção engloba diversas instâncias em combinação, que possuem dinâmica e autonomia próprias, ligadas em unidade dialética: a econômica, a político-jurídica e a ideológica. Dobb coloca “que um modo de produção implica em relações de produção, os quais, por sua vez, pressupõem classes com diferentes posições sociais”.⁵

O Pequeno Modo de Produção está baseado na exploração de pequenas propriedades da época da transição do feudalismo para o capitalismo. Através de um processo de expropriação dentro da própria classe de pequenos proprietários de

³ Suertegaray, D.M. Notas sobre epistemologia da geografia. In Cadernos Geográficos, UFSC, 1999. p.23.

⁴ Vieira, M.G.E. de D. op.cit. p.43.

⁵ Procacci, G. Uma sinopse do debate. In: Sweezy, P. M. A transição do feudalismo para o capitalismo, 4 ed., trad. Didonet, I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.p. 136.

terra, houve acumulação de capital. Assim se lançaram as bases para alguma acumulação de capital no interior do próprio Pequeno Modo de Produção.⁶

Os fatos históricos mostram que essa situação foi presente nas colônias de imigração alemã e na área em estudo. Houve a ascensão de alguns produtores que começaram a trabalhar com o comércio e que através da expropriação da comercialização da produção excedente destas pequenas propriedades, acumularam capitais suficientes para investir nas indústrias de banha, erva-mate e fumo.

A manifestação concreta de um determinado modo de produção está no estudo de sua formação sócio-espacial, revelando suas principais características. É uma particularidade do espaço-temporal do modo dominante, é a base da formação sócio-econômica de uma região. “Daí a categoria de Formação Econômica e Social parecer-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida para o espaço”.⁷

O conceito de formação econômico-social, depois aperfeiçoado para formação sócio-espacial, estudado por Milton Santos, é de crucial importância para a análise geográfica. Este expressa a idéia de movimento histórico da sociedade, permitindo que, a partir dele, reconheça-se o espaço geográfico como a expressão material da forma como os homens se organizam socialmente para produzir e reproduzirem suas vidas no e com o espaço. De acordo com as suas palavras, a geografia sempre esteve mais preocupada com a forma do que a formação das coisas.

Representa a evolução diferencial de cada lugar e as relações de forças externas que muitas vezes provocam impulsos para a evolução. Baseada na capacidade do homem de transformar o espaço com seu trabalho, esta categoria parece esclarecer a linha do tempo e a dinâmica do espaço, dando definição a cada estágio histórico da humanidade.

O interesse nos estudos sobre as formações sócio-espaciais está na possibilidade de oferecerem o conhecimento de uma sociedade em sua totalidade e

⁶ Ibidem, p.135.

⁷ Santos, M. Espaço e sociedade: ensaios. 2 ed. Petrópolis:vozes, 1982, p.10.

em suas frações, mas sempre um conhecimento peculiar, apreendido num dado momento.⁸ Para realizar comparações, é necessário deixar claramente definidas as especificidades para poder distinguir esta de outras formações.

A formação sócio-espacial permite que se considerem processos, estrutura, funções e formas em suas concretizações espaços-temporais diferenciadas, ao mesmo tempo integradas. Corrêa dá o exemplo da internacionalização, o estágio mais avançado da espacialidade capitalista, mostrando diferenças espaciais antigas e novas.⁹ A apreensão do modo de produção e da formação social, ou do conhecimento do geral e do específico, apresenta a materialização da sociedade. O resultado é dado pela formação sócio-espacial de um determinado espaço.

O desenvolvimento da indústria brasileira, especialmente o das atividades iniciadas por imigrantes, deu-se em pequenas unidades de fundo de quintal. Elas já apresentavam significativos avanços técnicos, se as compararmos com o momento da chegada das indústrias multinacionais. Assim, a evolução da indústria alia-se a fatores como a massificação do consumo e a conseqüente distribuição espacial.

O uso cada vez maior dos meios de comunicação e de transporte fez com que ocorresse a modernização das indústrias. Sua localização não ficou condicionada, então, somente aos grandes centros urbanos. E lá se processou como a atividade mais dinâmica, com lucros mais visíveis, na qual a modernização foi sempre fator de sucesso.

Em Venâncio Aires, município do interior do Rio Grande do Sul, esta dinâmica é bastante visível, pois o setor industrial é o principal gerador de renda e trabalho. E isto se reflete na organização do espaço desta cidade. Propusemos-nos, assim revelar como se iniciou o processo de industrialização, a acumulação dos capitais para dinamizar esse processo e a organização espacial da área urbana do referido município.

Desta forma, a história e a geografia do lugar precisam ser estudadas para que se possa compreender qual é a vocação do município. A falta de estudos mais

⁸ Ibidem. p.12.

⁹ Corrêa, L.R. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. ANAIS - ANPUR (IX encontro), v.3,2001, p.123.

aprofundados e específicos faz com que a área em estudo careça de conhecer sua própria dinâmica e seu valor perante a região e a própria nação. Vê-se suma importância no entendimento de seu processo de industrialização, pois esse é essencial na formação regional, que está voltada para exportação de seus produtos.

Dentro da formação do Brasil e do Rio Grande do Sul, Venâncio Aires desempenha um papel relevante em sua história e economia. Em parte, pelo fato de ter sido uma das primeiras regiões colonizadas pela imigração germânica do Rio Grande do Sul, pois esta etnia se caracterizou pelo desenvolvimento prematuro com o comércio e a industrialização.

O desenvolvimento econômico do município, atualmente, é superior, se comparado com o de outras cidades do Estado, especialmente as da região sul. Possui um setor industrial diversificado, com indústrias de diferentes tamanhos e produção para mercados internacionais.

Fazer o estudo de uma área específica como Venâncio Aires, ajudaria na compreensão do processo de organização do próprio país, pois o entendimento das partes e suas inter-relações permite com que se consiga recompor a formação completa do Brasil.

O objeto de estudo foi o município de Venâncio Aires e seu processo de industrialização, desde sua gênese até os dias atuais. A utilização de informações foi tanto de ordem primária, quanto de leituras especializadas na Geografia industrial e econômica. O uso de dados e informações primárias adquiridos nos mais diversos órgãos públicos e privados foi de suma importância para suprir as necessidades da pesquisa.

É claro que, além de mostrar o desenvolvimento das indústrias, foram realizados estudos complementares sobre a colonização, os princípios do comércio, que segundo estudiosos fomentaram o início de algumas atividades industriais, a organização espacial do município e do meio urbano, as tecnologias utilizadas nas indústrias e a sua estrutura, as potencialidades ainda não exploradas.

As visitas dirigidas foram realizadas nas indústrias dos ramos mais expressivos, onde se aplicaram questionários previamente elaborados, de acordo

com os objetivos da pesquisa. Além de visitas ao interior da fábrica e às demais dependências da indústria. Essas informações foram agrupadas para análise e descrição da realidade encontrada.

A organização estrutural do trabalho foi baseada, primeiramente, na discussão teórica sobre a formação do território do Rio Grande do Sul e da região do Vale do Rio Pardo, onde se insere a área de estudo. Também sobre como ocorreu a estruturação da indústria gaúcha e a colonial. E, por último, sobre a importância da estrutura fundiária responsável por muitas características do Estado.

No segundo capítulo se concentra a caracterização da área de estudo e a sua região, suas principais características históricas-geográficas, a economia local, incluindo o desenvolvimento do comércio e do perímetro urbano e por fim o estabelecimento das atividades industriais existentes atualmente.

O terceiro capítulo contém todas as informações levantadas na pesquisas de campo, desde aquelas obtidas nas entrevistas feitas às indústrias do município e outras levantadas em órgãos públicos de pesquisa. Essas informações mostram a realidade encontrada e quais são as características das atividades industriais.

O final da dissertação está pautado na atual organização do espaço de Venâncio Aires, localizando assim as áreas funcionais e as estagnadas, especialmente as da área urbana. Apresenta, também, principais considerações sobre o setor industrial, sua produção e a divisão do trabalho.

1. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NACIONAL E REGIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O RIO GRANDE DO SUL

A atividade industrial no mundo moderno, dominado pela sociedade de consumo, tornou-se um dos mais importantes setores da economia mundial. Por desenvolver atividades que lhes são complementares, fornece empregos, estimula o desenvolvimento do comércio, dos transportes e dos serviços. O outro lado da atividade tende a acumular capital em poucas mãos provocando a proletarização da massa de trabalhadores, principalmente nos países subdesenvolvidos.

Estudar o processo de industrialização do Brasil não se restringe apenas à indústria propriamente dita. Conteúdos, como formação do espaço e da sociedade, propriedade fundiária e comércio mundial também entram na discussão. Esses são de suma importância para a compreensão dos caminhos que foram percorridos durante todo o processo de consolidação das atividades industriais.

Destacando a industrialização nacional, podemos inferir que o processo de substituição das importações teve dinâmismos diferentes e regionalizados. No caso do sul do Brasil, onde houve a imigração de europeus para formar economias de pequena produção, os resultados foram pequenas indústrias advindas das atividades artesanais e comerciais.

Concentrando os estudos no Rio Grande do Sul, tornam-se evidentes, com grande clareza, as contradições que o latifúndio e a pequena propriedade provocaram no desenvolvimento econômico regional. O modo de produção vigente da metade do século XIX conserva e reproduz o latifúndio, de um lado, enquanto multiplica o minifúndio, de outro. O tempo transcorrido não fez mudar muito esse panorama, pois essa contradição persiste nos correntes dias, deixando praticamente metade do território do Estado com desenvolvimento restrito.

1.1 BRASIL: INDUSTRIALIZAÇÃO, DUALIDADES E A QUESTÃO REGIONAL

O processo de industrialização do Brasil teve início na segunda metade do século XIX. Ocorreu de forma bastante diferenciada, muito dependente do local e da

época histórica. A partir desse momento, inúmeras modificações econômicas, sociais, e populacionais foram promovidas.

Podemos afirmar que “foi com a abertura dos Portos (1808) que se inicia no Brasil o processo em que nas suas etapas mais avançadas, força a iniciativa industrial”.¹⁰ Surge, dentro do País, um aparelho de intermediação mercantil¹¹, este, por sua vez, é que vai realizar uma nova integração da economia com a sociedade brasileira. A iniciativa das primeiras atividades industriais foi de particulares e de governantes, que a partir de fatores existentes, como mercado consumidor e financiamentos, se dedicaram à nova atividade.

Uma forma mais facilitada de compreender a industrialização do Brasil é através da Tese da Dualidade, desenvolvida por Ignácio Rangel. Este tem uma interpretação da dinâmica econômica do país e explica o processo de industrialização e a natureza das crises do capitalismo através de ciclos longos e médios.¹²

Rangel considerou que a economia brasileira, é fruto das mesmas formas de produção do mundo antigo. Aqui o período foi de quinhentos anos para se processar diferentes formas de produção. No mundo antigo isso levou milhares de anos para acontecer. Outra consideração importante diz respeito à dinâmica histórica, aqui diferenciada do mundo antigo por considerar a evolução das relações que este mantém com economias centrais.¹³

A Dualidade pode ser associada à teoria dos ciclos longos ou de Kondratiev, na intenção de tornar mais completo o entendimento do processo de industrialização nacional. O Brasil sempre fez parte da periferia mundial subdesenvolvida, onde precisou se ajustar, de acordo com as condições impostas pelo centro do capital mundial.

¹⁰ Tejo, L. Ensaio FEE. Contribuição à crítica da economia Rio Grandense. POA, 3(1), 79 -108, 1982, p.92.

¹¹ Pesavento, S.J. História do Rio Grande do Sul. 8ª ed. POA: Mercado Aberto, 1983. p. 143

¹² Egler, C. A. G. As escalas da economia. Uma introdução a dimensão territorial da crise. RBG 1991, v 53 p. 234.

¹³ Pereira, L. C. B. & Rêgo, J. M. Um mestre da economia brasileira: Ignácio Rangel. Revista de Economia política, v.13, n. 2 (50), abril-junho de 1993.p. 102.

Rangel foi o primeiro a fazer relação entre a estrutura e a evolução social brasileira. Os momentos de maior tensão ocorreram nos períodos depressivos dos ciclos longos de Kondratieff. A troca de poder entre classes dominantes também se processou nas fases recessivas.¹⁴

É uma teoria que abarca também outras esferas da realidade social, concebida como uma totalidade histórico-estrutural, que tenta dar conta da especificidade da economia e da sociedade brasileira. Segundo Rangel, existe uma combinação de modos de produção dominantes. Um aparelho econômico dividido em dois pólos. Cada pólo representa uma classe econômica que está no comando ou, então, que pretende alcançar o domínio político.

A dualidade aparece na existência de dois pólos, um interno e um externo. Além deste, aparece tanto no pólo interno e externo, um lado externo que corresponde às relações de produção vigentes nos países centrais.

O pólo interno da 1ª Dualidade brasileira era baseado na estrutura das fazendas de escravos e os laços com as fazendas de escravos eram de suserania - vassalagem. Já o pólo externo compreendia o capital mercantil através da Coroa Portuguesa. Essa estrutura nacional interna permaneceria até 1888 -1889, tendo como ponto final a abolição da escravidão.¹⁵

No Rio Grande do Sul desse período, as disputas pelo território são intensas e incessantes, principalmente pelos portugueses e espanhóis. E é nesse clima que teremos algo próximo de uma primeira dualidade. Tendo como atores do pólo interno a classe dominante do sul (os donatários das sesmarias) e os pecuaristas da região norte do Estado, que ali se estabeleceram em função dos corredores de gado para Sorocaba.¹⁶

Durante o período da 1ª dualidade brasileira, a indústria do charque gaúcho adquire grandes proporções devido à impossibilidade da indústria platina de carne

¹⁴ Mamigonian, A. Teorias sobre a industrialização. Cadernos Geográficos. UFSC. nº 1.mai 1999, Florianópolis; 1999. p. 28.

¹⁵ Mamigonian, A. & Rego, M. (org). Pensamento de Ignácio Rangel. São Paulo: editora 34, 2000, p.152 e 153.

¹⁶ Vieira, op.cit, p.123.

seca atender ao mercado consumidor. ¹⁷ São esses charqueadores-pecuaristas que terão domínio político no Rio Grande do Sul.

Em relação ao Brasil, e mais precisamente às fazendas de escravos, “a primeira dualidade” devia provar a sua eficácia, resolvendo o problema de assegurar o crescimento da economia. Acreditava-se que era de fundamental importância essa substituição, pois sem ela não seria possível haver crescimento na economia nacional. Não obstante o estancamento prolongado do comércio exterior, tudo esteve subordinado à capacidade que a economia nacional teria para promover uma forma de substituição de importações. ¹⁸

As mudanças que aconteceram ao cabo da primeira dualidade dizem respeito às alterações no pólo interno de nossa sociedade. No interior das fazendas ocorre a substituição do escravismo pela servidão de gleba. Enquanto que nas relações externas das mesmas, os laços feudais são substituídos por um capitalismo mercantil. ¹⁹

Chegando à segunda dualidade e que condiz com a fase “b” do 2º Kondratiev, o Brasil tinha de promover uma forma qualquer de substituição de importações. ²⁰ Caberia, dessa forma, ao capital mercantil promovê-lo, basicamente incentivando a diversificação da produção interna, por processos artesanais e manufatureiros. ²¹

No cenário do Rio Grande do Sul, os senhores feudais pecuaristas da campanha (maragatos) e os senhores feudais do Planalto (chimangos), começaram a travar a Revolução Federalista, uma das guerras mais sangrentas do Brasil. O primeiro grupo estava interessado em manter o comércio de carne, o que garantia a hegemonia da classe. Já o segundo estava interessado em diversificar a economia, incluindo as áreas concretizadas pela colonização dos imigrantes alemães. ²²

No sul do Brasil e principalmente no Rio Grande do Sul, o desenvolvimento industrial foi beneficiado diretamente pela incorporação de grandes massas de

¹⁷ Antonacci, M. A. et al. RS: Economia e Política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979 p.59.

¹⁸ Mamigonian, A. & Rego, M. (org). 2000, p.155.

¹⁹ Ibid, p.157.

²⁰ Ibid, p.159.

²¹ Ibid, p.159.

²² Vieira, op. cit. p.124.

trabalhadores europeus.²³ Essas indústrias permaneceram por muito tempo artesanais e a distribuição da produção realizada em nível regional, não conseguindo alcançar regiões como o Sudeste brasileiro.

O centro de maior expressão para o Rio Grande do Sul era Pelotas, por ser centro das charqueadas, e Rio Grande, que já nessa época, tendo porto, realizava as exportações de charque. Esses fatores levaram à instalação das primeiras indústrias têxteis que aproveitavam o porto para exportar seus produtos.²⁴

Do período fabril compreendido entre 1874/1930 e 1930/1969 houve a instalação de mais de 30 empresas têxteis fabris de médio e grande porte. Um desses casos é a antiga fábrica Rheingantz de tecidos de algodão e de lã. São 43.000 m² de área construída na área urbana da cidade de Rio Grande.²⁵

Direcionando para a área de estudo, no interior do Rio Grande do Sul, temos como exemplo o ano de 1873, quando na freguesia de São Sebastião, atual Venâncio Aires, o artesão Frederico Closs passa a trabalhar com curtimento de couro. Futuramente viria a ser o Curtume Closs, uma importante indústria regional.²⁶

No findar do século XIX, ainda não havia condições para que a atividade industrial riograndense, em sua maior parte, perdesse seu caráter regionalista.²⁷ Isso devido à falta de uma infra-estrutura viária na época, quando a navegação de cabotagem era restrita e esporádica. Isso foi fator importante para as colônias de imigração terem desenvolvido indústrias de pequeno porte especializadas na produção de bens, que satisfizessem as necessidades mais urgentes e substituíssem as importações. Nesse momento, as famílias estavam carentes de rendas, o que não permitia as importações.

No restante do Brasil, e principalmente em Salvador, as primeiras iniciativas industriais foram tomadas pelos grandes comerciantes portugueses, com a produção de tecidos. Essa atividade, no início, era muito artesanal e criada no interior das

²³ Tejo op.cit, p.94.

²⁴ Gros, D. B. Burguesia industrial gaúcha e o estado nacional, 1964 -1978. Série teses FEE, Porto Alegre, 1987, p. 40.

²⁵ Martins, S. F. Friches industrielles no extremo sul do Brasil: uma análise sobre o caso da cidade de Rio Grande/RS. <http://www.ub.es/geocrit/9porto/solismar.htm>. Acesso em 01 abril de 2008.

²⁶ Vogt, op. cit. p. 274.

²⁷ Gros, op. cit. p.100.

fazendas de café e açúcar para vestir os escravos. Com o passar do tempo, essas primeiras fábricas de tecidos de algodão da Bahia se tornaram as maiores do país, representaram 11 dos 30 estabelecimentos existentes no país.²⁸

Para São Paulo, o processo de industrialização se faz a partir do entendimento da economia e da própria sociedade paulistana. Como não poderia deixar de ser, a aristocracia rural tomou as primeiras iniciativas com criação de tecelagens, assim como os do café. Os equipamentos e os técnicos foram importados da Europa.²⁹

A indústria de São Paulo passou a ter um desenvolvimento maior a partir da 1ª Guerra Mundial, conquistando mercados regionais. Grande parte deste desenvolvimento vem da rede ferroviária e de transportes terrestres. A partir do século XX, os grandes empresários paulistas tinham suas origens na imigração. Mas a maior mudança na industrialização aconteceu com a entrada de empresas estrangeiras.

As iniciativas estavam intimamente ligadas à expansão da economia cafeeira, isto é, faziam parte do seu mundo especializado de negócios e exportação de gêneros tropicais. A tentativa de mudança do sistema colonial -latifundiário para industrial não foi lá bem sucedida. Um dos primeiros ramos industriais a se destacar foi o têxtil, fundado por essa aristocracia rural, tão ávida pela modernidade.³⁰

O Brasil vem desenvolvendo, ao longo de sua existência como Estado, ciclos, que na sua passagem fazem a troca do poder, através da formação de classes ligadas aos setores econômicos em ascensão, que estão experimentando os progressos e a concentração de capitais.

Ou melhor, o poder do Estado brasileiro sempre esteve ligado à coalizão de duas classes. Estas, por sua vez, são reflexo do desenvolvimento das forças produtivas. Na medida em que são substituídos os modos de produção e a própria

²⁸ Mamigonian op. cit p. 41.

²⁹ Mamigonian op. cit p. 42.

³⁰ Ibid, op. Cit. p.86.

dualidade, as mudanças também acontecem nas classes que dominam o poder político.³¹

Com a Primeira Grande Guerra Mundial, mudanças aconteceram principalmente nas regiões onde a monocultura era de exportação, como São Paulo. As exportações de café caíram em curto espaço de tempo, fazendo com que grandes fazendeiros fossem assolados pela crise. De outro lado, a produção feita pelos imigrantes e colonos do café sofreu aumento nas exportações de produtos como feijão e arroz.³²

Assim sendo, as duas primeiras décadas do século XX marcaram em São Paulo a aceleração do crescimento industrial, pela multiplicação gigantesca das iniciativas empresariais, graças à dinâmica e numerosa pequena produção mercantil regida pela imigração.³³

Com o advento da terceira dualidade, inaugura-se no Brasil um período de expansão econômica com dinamismo próprio, tentando, desta forma, acelerar as substituições das importações. O fato de maior expressão foi a crise de 1929 e a revolução de 30. O Brasil criou mecanismos que fizeram aumentar a capacidade das indústrias existentes e de outras que passaram a existir. O pacto de poder, criado em 1930, acelerou o processo de substituição das importações, através do uso seletivo dos recursos cambiais, da retirada das barreiras fiscais internas, do financiamento da produção e da instituição de reservas de mercado. Como resultado, houve contração de importações e as indústrias viram suas produções aumentarem e o comércio regional se desenvolver.

Para a economia gaúcha, a década de 1930 e os anos que se seguem com a Segunda Grande Guerra foram certamente inusitados para a indústria regional, no que se refere às possibilidades de substituições de importações. As oportunidades se criaram principalmente para os produtos importados, que passassem a ser produzidos no país ou, então, já eram feitos e tinham sua comercialização restrita.³⁴

³¹ Rangel, I. Economia: milagre e anti-milagre. RJ: Jorge Zahar; ed. 1985., op.cit. p. 25.

³² Mamigonian, op. cit.p.33.

³³ Ibid. p.43.

³⁴ Silva, M. A. O processo de industrialização no Sul do Brasil. Cadernos Geográficos, Florianópolis, n. 15, maio de 2006, p. 31.

O território gaúcho acumulou riqueza através de um modelo do sul do Brasil, tendo a agropecuária ligada à pequena produção mercantil, oposta à economia da campanha, importante motor da acumulação. Com isso, o mercado e as atividades econômicas regionais se fortaleceram, permitindo enfrentar a concorrência com o resto do país.

A oligarquia gaúcha, que liderava a aliança, era de formação ideológica positivista. Conduziu um processo de modernização pelo alto, a chamada via prussiana, como já havia acontecido na segunda metade do século XIX na Alemanha, Itália e Japão. ³⁵ “O modelo histórico gaúcho pode ser assim designado pelo fato de compor uma economia regional com linhas próprias, cujo centro nevrálgico repousava nas atividades agropecuárias conectas às atividades fabris e exportadoras”. ³⁶

Com o avanço da industrialização, se acelerou a integração das economias até então fortemente concentradas em torno de São Paulo. ³⁷ Isto fez com que muitos autores assinalassem que o Rio Grande do Sul sempre desempenhou um papel periférico na economia e na política brasileira, e dependente das mesmas. ³⁸

Deve-se, todavia, tomar cuidado com a tese do papel periférico do Rio Grande do Sul, pois nem todos os setores produtivos entram em crise ou não conseguiram exportar seus produtos. É o caso, nos anos 50, da indústria de calçados e a farmacêutica. Houve, sim, crise agrária ligada a ramos de produção de produtos primários, mas ainda assim essa crise foi determinada por fatores externos. ³⁹

No período que vai de 1930 a 50, a burguesia industrial do Rio Grande do Sul se mobilizou para defender seus interesses, mantendo uma série de canais de articulação com as instâncias decisórias do Estado brasileiro. Chega a criar

³⁵ Mamigonian, op.cit, p.47.

³⁶ Antoniaci et al. op.cit p.362.

³⁷ Mamigonian, op.cit., p.49.

³⁸ Antoniaci et al.op.cit, p. 362.

³⁹ Silva, M. A. op.cit. p.44 – 45.

associações extra-oficiais, para ter acesso às instâncias decisórias, assim como adota uma posição diferente das associações tradicionais.⁴⁰

O Rio Grande do Sul, entre os anos de 1930 e 1937, teve um aumento na quantidade e no valor dos produtos manufaturados exportados para outros estados, o que, para a economia gaúcha, foi fixando a indústria como principal atrativo de produção, pois desempenhou um crescimento interessante. A industrialização de grande porte assumiu contornos mais nítidos e definitivos no período de 1957-61, quando, então, as bases técnicas da indústria estavam compostas e em funcionamento, e a economia brasileira como um todo passou a girar, fundamentalmente, em torno da produção industrial.⁴¹

As maiores mudanças acontecidas na industrialização foram mesmo após a II Grande Guerra Mundial, quando definitivamente houve consolidação da produção industrial. Alguns mecanismos, principalmente políticos, foram fundamentais para o aumento da produção, como do número de indústrias.

No período de 1957-61, as bases ainda não estavam completas em todas as regiões do país. A partir da década de 60, o Estado desempenhou um papel de promotor, quando associou os interesses multinacionais e os órgãos públicos. Estas bases só vão se completar na década de 1970, com o Segundo Plano Nacional de Metas do Governo Federal, incluindo a substituição das importações.

Os exemplos de mecanismos utilizados e de maior impacto foram a instrução nº 70 da SUMOC (Superintendência da Moeda e Crédito), que estabelecia numerosas categorias para as exportações e, principalmente, para as importações.⁴² Juntamente foi criada a Instrução nº 113 da SUMOC, que daria uma série de vantagens ao capital estrangeiro, buscando atrair investimentos externos diretos.⁴³

Essas duas instruções vieram de fato a dar impulso na industrialização. O encarecimento dos bens de capital importados, ditado pela Instrução nº 70 da SUMOC, trazia-nos um novo impulso no sentido da industrialização dos bens de

⁴⁰ Gros, 1990, p.42.

⁴¹ Antoniacci et al. op.cit p.359.

⁴² Rangel, op.cit. p.36.

⁴³ Silva, M. A. op.cit. p.38.

capital, o qual começava a perder seu primitivo caráter artesanal. ⁴⁴ E em relação à Instrução nº113 da SUMOC, as empresas estrangeiras foram forçadas a elevar os índices de nacionalização das partes e peças. ⁴⁵

O Rio Grande do Sul, nesse período, foi influenciado por um pensamento mais local e regional. O pensamento da aristocracia rural estava voltado para interesses políticos e a economia colocada em segundo plano. Eram os imigr antes e os judeus que deveriam se ocupar com estas questões. ⁴⁶

O crescimento das indústrias de bens de capital se deu em função do aumento dos ramos da mecânica e do material de transporte, de 3% em 1959 para 4,2% em 1962 ⁴⁷, sendo o segmento de máquinas e implementos agrícolas, carrocerias para veículos automotores, o de maior expansão no período. A indústria de bens intermediários teve crescimento de 26% em 1959, taxa essa maior do que a produção nacional. ⁴⁸

A década de 1960 não foi de grande impulso no crescimento, que se manteve em ritmo mais fraco. A produção de bens de capital tomou a frente da produção industrial, sendo 6,7% em 1968 para 10,7% em 1973 ⁴⁹, reagindo, dessa forma, ao crescimento nacional. Os bens de capital tiveram maior desempenho devido à produção de máquinas agrícolas e aos estímulos recebidos do setor agrícola, através do aumento da demanda, com a modernização das lavouras e toda a política governamental de apoio a essas atividades, conhecida como “revolução verde”. ⁵⁰

Nessa fase, o Rio grande do Sul já possuía uma integração maior com o resto do país. No caso das carrocerias, este setor estava vinculado ao desempenho das fábricas do pólo industrial do centro do país, ou seja, São Paulo, por fornecer o produto acabado. ⁵¹ Na produção de bens intermediários, o maior destaque é a de combustíveis e lubrificantes, que se deu em função da instalação da Refinaria

⁴⁴ Rangel, op.cit. p. 35.

⁴⁵ Silva, M. A. op.cit. p.39.

⁴⁶ Gros, 1990, p.89.

⁴⁷ Silva, M. A. p.12.

⁴⁸ Silva, M. A. op.cit. p. 12.

⁴⁹ Ibidem, p. 12.

⁵⁰ Ibidem, p. 15.

⁵¹ Ibidem, p. 15.

Alberto Pasqualini no ano de 1968. Também influenciaram a produção de insumos agrícolas, como fertilizantes ligados à política de desenvolvimento da agricultura.

Na Região Sul a ação de estatais iniciou em 1960. Liderada por diferentes governos estaduais do período, insatisfeitos com a política econômica do governo federal. Argumentava-se que esse tipo de política estava gerando enorme desigualdade, pois teria concentrado o desenvolvimento.

No caso do país, o desenvolvimento do Departamento I ou bens de capital foi bastante importante para o sistema econômico, pois causou grandes alterações e houve um notável aumento da produção dos insumos agrícolas modernos produzidos pela indústria química e pela mecânica de produção de tratores durante a década de 1970.

No começo dos anos 70, houve o surgimento de um grande número de novas empresas e todas beneficiadas pelos investimentos do II PND. Mas no ano de 1976, como um todo, ocorre uma queda real nos investimentos realizados para todos os setores industriais. Essa queda de crescimento no período ocorre também para a indústria do Rio Grande do Sul.⁵² Isto não significou uma estagnação dos investimentos, que progrediram de acordo com o programa de substituição de importações do período, encerrado por volta de 1984.⁵³

Acompanhando a evolução da indústria regional e nacional, podemos perceber a nítida diferença na origem e na estrutura das indústrias do Rio Grande do Sul e São Paulo. No primeiro, a industrialização ocorreu a partir de setores menos desenvolvidos e dimensões reduzidas: a agropecuária colonial e a pecuária tradicional. No segundo, houve o aproveitamento da acumulação de capitais e da infra-estrutura do café, embora os agentes que gerassem o processo não tivessem sempre origem nestes setores.⁵⁴

As atividades industriais chegaram a ponto de o Estado intervir e criar áreas especiais para as instalações das indústrias. São os chamados “distritos industriais”. A criação e a localização dos distritos industriais em áreas periféricas são

⁵² Silva M. A. p. 49.

⁵³ Silva, M. A da. p.49.

⁵⁴ Mamigonian, A. 1974.

resultantes da ação do Estado e do governo Municipal, visando, através de vários fatores como terrenos preparados, infra-estrutura básica como energia e água, a lém de incentivos fiscais, levar as indústrias a optarem por estabelecer suas plantas nessas áreas.

1.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS DUALIDADES NO RIO GRANDE DO SUL: A CONSTITUIÇÃO DA PROPRIEDADE RURAL

O processo histórico de formação do Rio Grande do Sul se fez tardiamente, se compararmos com a colonização do litoral brasileiro. O ponto de partida de sua ocupação, assim como sua colonização, ocorreu com o estabelecimento das reduções jesuíticas no século XVII, período em que o domínio Espanhol se fazia presente no sul do Brasil.

Durante a ocupação lusitana, as cidades de Rio Grande e de Porto Alegre foram fundadas. Em 1777, os limites do Estado foram traçados, através do Tratado de Idelfonso, o que marcaria o fim das disputas entre Portugal e Espanha. A incorporação das Missões Jesuítas, em 1801, finaliza a integração definitiva do território.⁵⁵

Como forma de diversificar a produção agrícola, o governo imperial passou a promover a colonização em diversos estados do Brasil. Para os gaúchos, a imigração européia constitui a base da ocupação e da formação do Estado.

Através do processo de renovação da economia colonial do Brasil, com a mineração tomando a frente no lugar do engenho açucareiro, o Rio Grande do Sul entra como subsidiário dessa nova economia. Sua função é ser fornecedor de gado. Este havia se reproduzido rapidamente, após ter sido abandonado pelos jesuítas na região conhecida como “Vacaria do Mar”.

Além da criação de gado, o Rio Grande do Sul foi corredor de transporte de muares vindos da Argentina e que então tinham fundamental importância para a

55 Silveira, R. L. L. da. Complexo agroindustrial do fumo e território: A formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo - RS, Tese de doutorado, UFSC Florianópolis, 2007.p. 76.

atividade mineradora. Os currais utilizados para reter o gado xucro, deixado pelos jesuítas, passam a ser utilizados para comercializar este gado.

A região do Vale do Rio Pardo foi uma das que participaram do desenvolvimento inicial da pecuária, enquanto espaço de apresamento, de localização de currais e invernadas e também de criação de gado. Com isso, há o surgimento de um novo modo de apropriação e de uso do território regional. As terras localizadas mais ao sul de Venâncio Aires se incluíram nesse período.⁵⁶

A localização da campanha gaúcha se dá a partir da formação de um espaço latifundiário, criado para defender as fronteiras brasileiras da Coroa Espanhola. Devido ao Tratado de Tordesilhas, a Coroa Portuguesa fez a distribuição de sesmarias na região que faz fronteira com Uruguai e Argentina.

A região da Campanha é composta por campos abertos, com características de terra de ninguém, uma região escassamente povoada, baseada na criação de gado. Apesar desta ser uma atividade muito antiga no Rio Grande do Sul, é interessante observar em que época e de que forma a estância, como unidade de produção, passa a ter importância efetiva no conjunto da economia sulina.⁵⁷ Também conhecidas como sesmarias, as estâncias eram lotes de terras doados pela Coroa, que em outras regiões eram sinônimos de fazendas.

A concessão das sesmarias no Rio Grande do Sul é bem diferenciada da região nordeste do Brasil. Aqui, a concessão das sesmarias se dava em função de serviços militares prestados na defesa da parte do território português contra espanhóis. Para a região nordeste, a capitalização era condição primeira para ter o privilégio da propriedade de terras.

Foi a partir de 1750, com a assinatura do Tratado de Madri, que as terras apropriadas pelos portugueses e luso-brasileiros não militares, na bacia hidrográfica do rio Jacuí, aí incluídas aquelas localizadas no Vale do Rio Pardo, começaram a ser legalizadas pela Coroa Portuguesa. Essas estâncias foram

⁵⁶ Silveira, R. L. L. da. 2007. p.70.

⁵⁷ Lando, A. M. & Barros, E. C. A colonização alemã no Rio Grande do Sul, uma interpretação sociológica. Porto Alegre: Movimento, 1981, p.47.

ocupadas por comerciantes e peões que faziam a retenção do gado xucro.⁵⁸

A atividade pecuarista, iniciada pelos espanhóis e posteriormente ampliada por um contingente luso-brasileiro, é responsável pela formação da base fundamental dessa organização econômico-social, na qual áreas como o litoral e a campanha gaúcha adquiriram importância na evolução da organização histórica e econômica do Rio Grande do Sul.⁵⁹

O levante dos índios missioneiros em 1753 deu origem à Guerra Guaranítica, até 1756, e fez com que a estratégia de ocupação e povoamento a partir da pecuária fosse revista. O que acabou prevalecendo foi a instalação dos casais açorianos, especialmente ao longo do litoral (sul) e na faixa da depressão central, em inúmeros núcleos ou povoados.⁶⁰

Foi a chegada de açorianos, a partir de 1742, que permitiu aos portugueses garantir a posse das fronteiras meridionais e criar um povoamento mais concentrado, sob a égide da agricultura.⁶¹ Na região do Rio Pardo, os casais foram assentados em Taquari, Santo Amaro, Rio Pardo e em Encruzilhada, onde receberam datas de terra, ferramentas e sementes que lhes pudessem prover os meios indispensáveis a sua fixação e existência material.⁶²

Devido ao calote dado pelas autoridades oficiais, e com a sedução da vida mais fácil com a pecuária, estes açorianos, geração após geração, foram igualmente se tornando criadores de gado. O que aconteceu foi que eles acabaram abandonando a agricultura.

Nesse período, as práticas agrícolas sofriam resistência pelos pecuaristas e a atividade agrícola dos açorianos entrava em decadência. A partir disso houve, o incentivo da imigração européia não portuguesa, inaugurando as pequenas propriedades. Até as primeiras décadas do século 19, a pecuária – especificamente o charque e a carne – dominava a economia gaúcha.

⁵⁸ Silveira, op. cit. p.71.

⁵⁹ Rocha, L. H. M. da. O papel de Santa Maria como centro de drenagem fu ndiária. Dissertação de mestrado, Florianópolis, UFSC, 1993.

⁶⁰ Silveira, op. cit. p. 74.

⁶¹ Rocha, L. H. M. da. A importância da terra na organização espacial: A formação econômico social do espaço sul-rio-grandense. Revista Ensino & Pesquisa. Santa Maria, n. 3, dez 1989.

⁶² Silveira, 2007, p.80.

O Brasil precisava de um novo tipo de colonos, pequenos proprietários livres, que cultivassem as terras de mata com o auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado.⁶³

A opção pela colonização buscava também desenvolver a agricultura, diante da crise do trigo e da insuficiência da produção agrícola dos imigrantes açorianos. Esses deveriam efetivamente suprir a demanda do mercado interno da província, com o aumento da produção agrícola, para reduzir a carestia e garantir a regularidade da oferta de alimentos.⁶⁴

As diferenças entre a campanha gaúcha e as áreas coloniais do Rio Grande do Sul podem ser entendidas como:

“...nas áreas que eram outrora florestais, encontramos hoje em dia uma população de pequenos agricultores brancos que juntamente com suas esposas e filhos têm lavrado a terra e estabelecido lares do tipo europeu. Nos campos vizinhos vive o fazendeiro, de origem luso brasileira, que cria bovinos e cavalos em grandes propriedades e tem como empregados negros e mulatos, descendentes de antigos escravos”.⁶⁵

Essas duas regiões evoluíram de maneiras diferentes e apesar de seu início ter sido pela agricultura e agropecuária, hoje elas possuem funções distintas. Enquanto que a Campanha continua com a criação de gado, baixa densidade demográfica, a região de Venâncio Aires e as demais colônias de imigração não açorianas possuem o setor industrial solidamente estabelecido, com densidade demográfica muito superior a da Campanha.

A colonização do território regional iniciou em 1849, com a chegada dos primeiros colonos alemães à colônia oficial de Santa Cruz, na área central do Vale do Rio Pardo. Após, foram surgindo no entorno de Santa Cruz as colônias particulares de Rincão del Rey (no atual município de Rio Pardo), em 1850 de Mariante (no atual município de Venâncio Aires), em 1856 de Rio-Pardense (no atual município de Vale do Sol), em 1862 de Germânia (no atual município

⁶³ Ibidem, p.166.

⁶⁴ Silveira, op. cit. p.151.

⁶⁵ Weibel, L. Princípios de colonização Européia no sul do Brasil. RBG, ano XI, abr -jun, 1949, p.165

de Candelária), em 1863 de Sinimbu (no atual município de Sinimbu), em 1866 e de Venâncio Aires (no atual município de Venâncio Aires), em 1891.⁶⁶

A região do Vale do Rio Pardo, dando destaque a Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, possui uma conotação oposta a da Campanha. A intenção de colonizar um vazio existente, que foi um dos principais motivos, fez com que se estabelecesse uma região produtora de alimentos, que pudessem servir a outras regiões do Rio Grande do Sul.

A região de Venâncio Aires, até 1850, era uma enorme selva, onde havia alguns invasores luso-brasileiros em busca de erva-mate. “Flanqueadas de ambos os lados por prósperas colônias oficiais européias, estas florestas atraíram então o interesse de especuladores e capitalistas”.⁶⁷

Essa região foi criada numa época em que a Europa estava em conflito, produto de tensão social gerada pelo excedente populacional, sem terra e sem trabalho, decorrente do processo de desenvolvimento de economia européia. Daí certa facilidade para a vinda e o estabelecimento dos imigrantes no sul do Brasil.

No Brasil, quase não houve colonização espontânea. Logo, desde o principio, até hoje, a colonização no país tem sido sempre organizada, planejada, subvencionada e dirigida por alguém: pelo governo federal das províncias ou Estados e dos municípios, companhias particulares ou proprietários de terras individualmente.⁶⁸

O processo de colonização do espaço regional, bem como os novos usos do território introduzidos e desenvolvidos pelos imigrantes europeus, foram orientados e regulados por um conjunto de normas instituídas pelos governos imperial e provincial. Esse arcabouço normativo foi responsável pela lógica e pela dinâmica da organização inicial do espaço nas áreas coloniais no Vale do Rio Pardo, o que mais tarde se refletiria na configuração e no desenvolvimento do seu território atual⁶⁹.

⁶⁶ Roche apud Silveira, 2007, p.124.

⁶⁷ Ibidem, 1949, p.169.

⁶⁸ Ibidem, op.cit. p.168.

⁶⁹ Silveira, op. cit. p.125.

A pequena propriedade rural tem como característica: ser um lote estreito e longo, a partir de estradas construídas por ordem provincial e acompanhando os leitos de rios. O trabalho escravo era proibido, pois a intenção do governo era que ali não se reproduzisse o latifúndio, que fazia a utilização da servidão.

A produção era primordialmente voltada para a satisfação de necessidades de primeira ordem. Assim que houve os primeiros excedentes, estes, por escambo, foram trocados por bens que não tinham condições de serem produzidos, como sal, açúcar, café.

A sesmaria foi o latifúndio onde se desenvolveu a pecuária, ouro do Rio Grande do Sul e, mais do que isso, ela conseguiu ser o centro de irradiação social e político, o núcleo formador do patriarcado rural.⁷⁰ A doação de sesmarias e a expansão da pecuária são marcos originais da formação da estrutura latifundiária, a qual se reflete também na organização e na divisão política do Estado.⁷¹

Desde o início, nas colônias alemãs, por uma questão de necessidade, a policultura foi adotada pelos colonos. Isso se deu devido à pobreza dos pioneiros na sua chegada ao Brasil. O cultivo da terra destinava-se basicamente a suprir as necessidades de consumo familiar. Portanto, o ritmo e a quantidade de trabalho bem como a vida social e cultural são definidos pela relação com a terra e por esse caráter da produção.

No caso da Campanha, é somente na segunda metade do século XIX que a estância gaúcha toma suas características básicas. Mas a introdução da cultura de arroz foi se consolidando com o passar dos anos e, hoje, o Rio Grande do Sul é um dos maiores produtores do grão no país. Na pecuária, começam a ser introduzidas raças européias, por iniciativa do governo.

As mudanças que se sucederam no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, transformaram o Rio Grande do Sul. Este, tentando se adequar ao modo de produção capitalista. Não só o Estado, mas o Brasil passava por esse processo.

⁷⁰ Laytano, D. de. A origem da propriedade privada. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983. p. 55

⁷¹ Rocha, op. cit. p. 30

A agricultura colonial estava tendo sucessivos aumentos de produção e o comércio estava se solidificando pela comercialização do excedente no mercado interno. A colônia, juntamente com a Campanha, passou a figurar como uma economia exportadora regional, limitada aos produtos primários da época.

Os núcleos urbanos coloniais alemães tiveram uma organização espacial distinta, na medida em que, além de serem criados em áreas pré-determinadas pelo projeto colonial, também apresentaram um traçado e o plano urbano com forte influência do urbanismo administrativo luso, como foram os casos das colônias de Santa Cruz, Germânia e Venâncio Aires.⁷²

A ação política e normativa do Estado, promovendo a colonização com base na pequena propriedade agrícola, acabou criando uma organização espacial característica e inteiramente diferente da existente nas áreas de campo.⁷³ Na organização espacial do Rio Grande do Sul, coexistem, lado a lado, a grande e a pequena propriedade, que têm como ponto comum a importância dada à terra como meio de produção principal e caracterizam-se por um sistema econômico de relações sociais de produção singular⁷⁴.

1.2.1 O início das atividades industriais em áreas coloniais de origem alemã no Rio Grande do Sul

A imigração alemã, associada à posterior vinda de italianos para o Rio Grande do Sul, é hoje resultado de uma formação sócio-espacial totalmente heterogênea à da Campanha Gaúcha. No início do século XX, as atividades econômicas industriais eram basicamente as charqueadas, as indústrias têxteis e de fumo, atividades fundadas no beneficiamento e na transformação de matérias-primas obtidas localmente.⁷⁵

Para o Rio Grande do Sul, podemos dizer que não houve apenas uma forma de surgir a indústria, porque as realidades existentes eram diferentes nas diversas regiões. Com isso, a própria indústria se tornou regionalizada. A abolição da escravatura, o reinício da imigração, os progressos da navegação de cabotagem e a

⁷² Silveira e Hermann apud Silveira, 2007, p.131.

⁷³ Silveira, op. cit. p. 127.

⁷⁴ Rocha, op. cit. p.33.

⁷⁵ Lagemann, E. RS: imigração e industrialização. Lando, A. L. et al (org), 2ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p.116.

política protecionista da República foram importantes para que o desenvolvimento da indústria tomasse impulso.

Para tanto, a imigração teve papel social importante a cumprir: o desempenho de atividades agrícolas com base na pequena propriedade, em regime de trabalho livre e por conta própria, sem escravidão.⁷⁶

De acordo com Roche, a indústria esteve até 1875 fracamente representada. Os ramos mais florescentes foram as chapelarias e a tipografia, mas a mais representativa das indústrias de origem alemã foi a fiação Rheingantz.⁷⁷ Foi com ela que realmente se inicia a industrialização no Rio Grande do Sul. Na época, foram fundadas também empresas como Neugebauer (1889), Gerdau (1890), Wallig (1904) e A. J. Renner (1920).

Esses ramos industriais eram satisfatórios para os produtores da Campanha. Os colonos supriam as necessidades da fazenda, com o fornecimento de alimentos de subsistência, e não entrariam em concorrência com a compra e venda de escravos e na agropecuária.

Entre as literaturas pesquisadas, a discussão sobre as indústrias no Rio Grande do Sul é grande. Algumas defendendo o artesanato e outras, a atividade comercial como promotora do desenvolvimento industrial. Mas como se formaram as primeiras indústrias no Rio Grande do Sul? Quem esteve à frente, o artesanato ou a atividade comercial com seus lucros?

A origem da indústria gaúcha, a partir do artesanato colonial, é defendida por alguns pesquisadores. Considerando-se como característica da indústria o fato de ser dominada por um grande número de pequenas e médias unidades, essa associa-se à pirâmide etária de um país subdesenvolvido, para tirar a conclusão do crescimento. Quer dizer, uma indústria grande, um dia foi pequena. Essa seria uma interpretação sobre o artesanato como origem das indústrias.

⁷⁶ Langemann, op.cit. p.119.

⁷⁷ Roche, J. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. POA; ed. Globo, 1969, p.505. No período colocado acima eram realizadas exposições organizadas pela Sociedade de Geografia, no intuito de promover e mostrar a economia do Rio Grande do Sul.

Para esses pesquisadores e em especial Limeira Tejo, as indústrias progrediram, transformando a oficina original, de geração em geração, na indústria atual. Uma visão harmônica de decorrência lógica, resultante da pressão da demanda.

O artesanato rural dividiu-se em dois grandes ramos: o fornecimento dos artigos necessários à vida local e a transformação dos produtos agrícolas para torná-los exportáveis.⁷⁸

Mas devemos deixar claro, como argumenta Roche, que a maior parte das indústrias surgiu de cidadãos e não de artesanatos rurais. Esse último não gerou a indústria e sim os artesanatos urbanos. O exemplo disso está na atividade coureira desenvolvida por Reinaldo Closs em Venâncio Aires no ano de 1873. Este começou a trabalhar artesanalmente, com o curtimento de couro, utilizados para a fabricação de tamancos, bainhas e selas para cavalo.

O equívoco dessa teoria está nas generalizações feitas para a indústria gaúcha, assim como as distorções. Mas a existência de indústria a partir do artesanato é verdadeira. Para que haja certeza sobre a origem da indústria devemos considerar quando e em que condições houve o crescimento.

Os ramos artesanais especializados na transformação de produtos agrícolas ocuparam importante lugar na economia das colônias.⁷⁹ As mais prósperas produções artesanais foram as que permitiram exportar os produtos, valorizando-os, graças a sua preparação e a sua transformação.⁸⁰

Para dar exemplo de indústria que surgiu do artesanato, tome-se o caso da metalúrgica Abramo Eberle S.A, de Caxias do Sul, tida como paradigma da indústria oriunda do artesanato. A funilaria comprada por Abramo Eberle a seu pai, em 1896, deu um passo decisivo em 1904, pois ela associou-se a uma ourivesaria, adquirida em sociedade com Luiz Gasparetto.⁸¹

⁷⁸ Roche, J. 1969, p.481.

⁷⁹ Ibidem p.482.

⁸⁰ Ibidem, p.483.

⁸¹ Lagemann, op. cit. p.126.

Já a teoria explicativa do surgimento da indústria no Rio Grande do Sul através do capital comercial, ou do comércio que investiu na indústria para gerar maiores lucros, se sustenta no contato do comerciante (o vendista) com a economia de subsistência dos colonos.⁸²

O comércio estruturou-se no Rio Grande do Sul por volta de 1860. Surgiu pela necessidade de comercializar o excedente das pequenas propriedades. Estas, sozinhas, não teriam condições de vender em escalas maiores. É quando a rede comercial se estabeleceu e mais tarde se tornaria a principal fonte de investimentos no setor industrial do Rio Grande do Sul.

O comerciante rural desempenhava a função de intermediário entre os produtos agrícolas e os centros consumidores.⁸³ Esses comerciantes utilizavam-se de mecanismos como contas correntes, um caderno especial de anotações em que o crédito e débito se alternavam, colaborando para fixar o colono a sua casa comercial. Processo característico do poder do monopólio do intermediário.⁸⁴ A partir daí, começaram a se acumular os capitais através da apropriação de juros e excedentes e, assim, diversificando e aplicando a instalação de matadouros, destilarias de banha, etc.⁸⁵

Temos, como exemplo disso, a fábrica de banha de Emilio Selbach e Cia. Este tinha uma das mais importantes e acreditadas casas comerciais da vila de Venâncio Aires, mas começou a processar banha de porco. Sua produção era cerca de um milhão de quilos por ano, que eram exportados para os mercados do centro e norte do país.⁸⁶

O comerciante concentrou empiricamente três funções distintas: a do capital comercial, em sentido estrito, e do capital financeiro, ambas improdutivas (por não gerarem os maiores lucros), bem como a do transporte de mercadorias⁸⁷, (produtiva, por permitir uma extração de capitais através de taxas cobradas para realizar o transporte das mercadorias para outras localidades).

⁸² Silva, M. A. op.cit. p.09.

⁸³ Ibidem, p. 35.

⁸⁴ Langemann, op. cit. p.129.

⁸⁵ Ibidem, p.129.

⁸⁶ Vogt, O. op. cit. p.274.

⁸⁷ Montalli, L.T. Do núcleo colonial ao capitalismo monopolista. Produção de fumo em Santa Cruz do Sul. Dissertação de mestrado USP, SP. 1979. p. 36.

Além da iniciativa dos comerciantes nas atividades industriais, muitas destas se associaram à sociedades com técnicos, e estes, por sua vez, tiveram êxito nos seus empreendimentos.

Podemos dizer resumidamente que o capital comercial exerceu função fundamental na constituição da indústria regional e passou pela fase mais negra durante os anos 50 e 60 do século passado. Isso se deu em função das atitudes políticas praticadas no Brasil, dando maiores privilégios às empresas de grande porte.

Defrontando algumas considerações quanto à implantação da indústria gaúcha, esta foi diversificada e expandida pelos imigrantes alemães e italianos. O surgimento das indústrias de origem imigrante tem dois caminhos: um pela exploração das atividades artesanais e, o outro pelo uso de capitais comerciais. Deve-se estudar a história da indústria para se saber sua origem.

Sendo do artesanato ou sendo do comércio, os estabelecimentos industriais foram gerados dentro de uma economia de pequena produção mercantil. Uma formação sócio-espacial específica, que não é desconhecida na história dos povos. Ocorre um desenvolvimento de acumulação de capitais no interior do próprio pequeno modo de produção (exemplo do que aconteceu no Rio Grande do Sul, com as atividades comerciais das regiões das colônias).⁸⁸

Este foi um processo conhecido em várias épocas e em diferentes lugares do mundo, que deu formação a uma classe de agricultores com maiores capitais. A consequência disso foi uma diferenciação de classes no interior dos pequenos produtores. O resultado foi a produção assalariada e as relações burguesas de produção.

⁸⁸ Silva.M. A. da. 2006, op. cit.p. 10 e 11.

2. VENÂNCIO AIRES, DESCRIÇÕES GEOGRÁFICAS E HISTÓRICAS

A influência do modo de vida europeu, migrado para o Sul do Brasil, deu a esta parte do país características próprias. A história do Rio Grande do Sul só pode ser entendida se considerarmos o processo de ocupação européia e suas sociedades formadas nesse processo.

Os motivos pelos quais milhares de pessoas vieram se estabelecer aqui no Brasil não parecem ser mais importante do que seu estabelecimento e sua evolução social e econômica. Foi o que proporcionou o desenvolvimento local e a conquista do reconhecimento do trabalho empregado nas atividades industriais e agrícolas geradoras de renda.

A área em estudo pertence a esse espaço ocupado pelos europeus, que vieram tentar a sorte numa terra que prometia oportunidades de progresso. Entender as características locais, seus mecanismos sociais e econômicos, nos fornece os fundamentos para a compreensão do desenvolvimento local e regional. Conhecer as características históricas e geográficas da área em estudo é de fundamental importância para se compreender o processo de formação do setor econômico industrial.

2.1 O VALE DO RIO PARDO

Venâncio Aires pertence à região do Vale do Rio Pardo, conforme figura 1, dentro da divisão regional feita para o Rio Grande do Sul, considerando o sistema de COREDEs (Conselhos Regionais de Desenvolvimento). Com uma população de 394 mil habitantes (4,8% do Estado), distribuída em 22 municípios, o setor secundário é dominante, pois gera 47,4% do PIB do Vale, sendo seguido pelo setor de serviços, com 28,3%, e pela agropecuária, com 20,1%. O subsetor industrial dominante é o

fumo manufaturado, responsável por mais de 4/5 do produto industrial da região e por quase a totalidade da produção gaúcha.⁸⁹

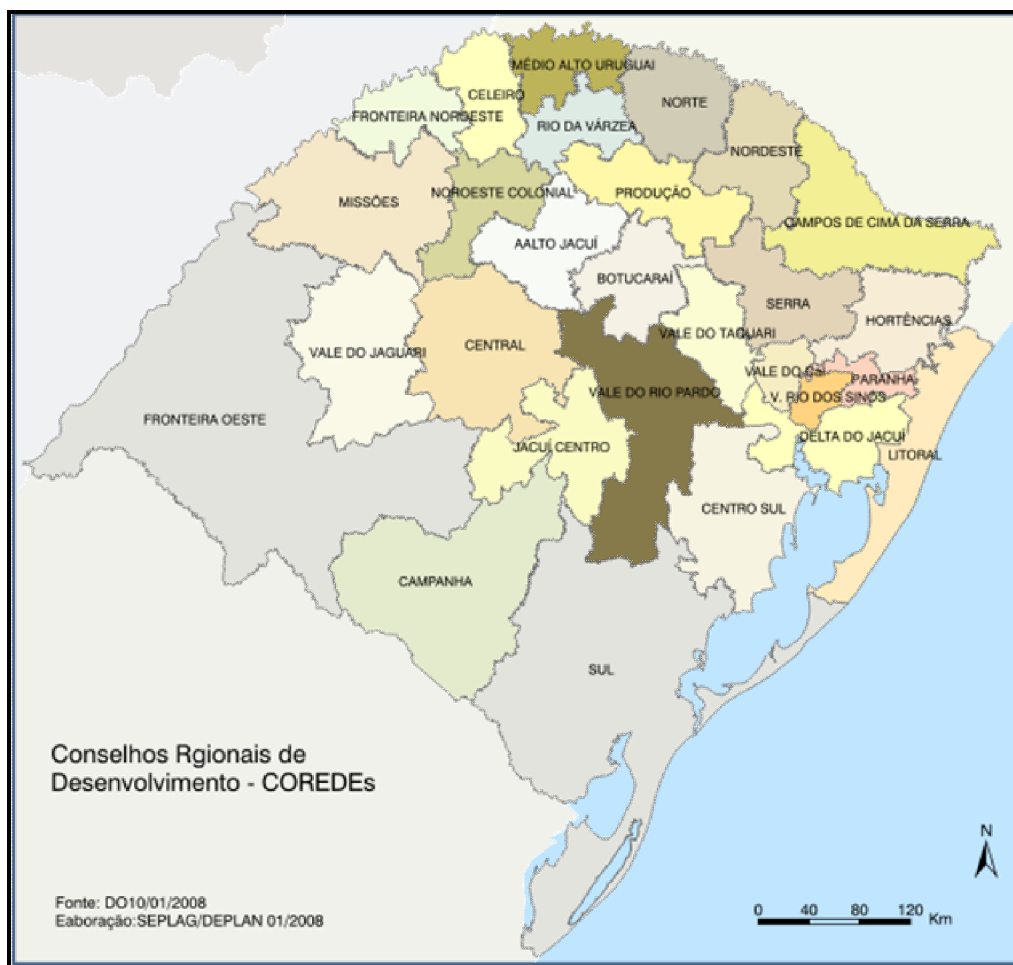


FIGURA 1: Mapa dos COREDEs do Rio Grande do Sul, localizando o Vale do Rio Pardo.

Fonte: Atlas sócio-econômico do RS. Em www.spg.rs.gov.br. Acesso em março de 2008.

Org: Heisler, Traudi

A região tem esse nome em função do rio Pardo, que percorre metade dos municípios que a constituem. O território compreendido pelos municípios que configuram a região do Vale do Rio Pardo caracteriza-se por ambientes com diferentes zonas geomorfológicas e ambientais.⁹⁰

O espaço regional abrange, ao Norte, áreas de Estepe (campos e matas

⁸⁹ Rumos 2015: estudo sobre desenvolvimento regional e logística de transportes no Rio Grande do Sul / SCP-DEPLAN. Porto Alegre: SCP, 2006. 5 v.

⁹⁰ Silveira, R. L. L. da. Op. cit. p.31.

iliares) do Planalto Arenito Basáltico, com altitudes entre 600 e 800 m, onde nascem os rios Pardo, Pardinho e Castelhana. No Centro, ao longo da encosta do planalto, na Depressão Periférica Gaúcha, a drenagem principal forma relevos bastante dissecados. E no Sul, a drenagem atravessa áreas de relevo cada vez mais aplainadas, onde se passa da ocorrência de morros, para o domínio dos campos herbáceos e das áreas alagadiças.

Apenas no extremo Sul da região, vamos ter um relevo intensamente dissecado em forma de colinas e algumas cristas, no Escudo Sul-Riograndense, em cotas de até 350 m, coberto por campos e matas ciliares.⁹¹

A região do Vale do Rio Pardo teve o princípio de sua colonização com o desenvolvimento inicial da pecuária, com a localização de currais e invernadas, e também de criação de gado. Esse processo acabou significando a promoção de um novo modo de apropriação e de uso do território regional.

Diante da necessidade de organização administrativa da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul – atual estado do Rio Grande do Sul - em 1809 a Coroa eleva a então freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo à condição de sede municipal. Efetivada em 1811 como cidade, Rio Pardo, juntamente com Porto Alegre, Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha, integravam então, a primeira divisão administrativa da Capitania.⁹²

Atualmente, o Vale do Rio Pardo tem o fumo manufaturado como responsável por mais de 80% do produto industrial e por quase a totalidade da produção gaúcha. Como reflexo, as cidades de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz, com diferente intensidade, são as com maior dinamismo, por concentrarem as unidades de processamento. E, diante da inexistência de emprego pleno, e má distribuição de renda e crescente especulação imobiliária, têm experimentado processos de urbanização diferenciados.⁹³

O processo recente de urbanização dos núcleos populacionais da região vem se intensificando, mas de modo diferenciado. Enquanto que a população total da

⁹¹ Collischonn apud Silveira, 2007 p.50.

⁹² Silveira, R. L.L da. op.cit. p. 93.

⁹³ Ibid, p. 232.

região cresceu aproximadamente 7,88% entre 1991 e 2000, a população urbana regional, no mesmo período, ampliou 26,66%.⁹⁴

Na agropecuária, a participação no PIB regional ampliou -se de 15% em 1990 para aproximadamente 20% em 2002. No setor, destaca -se o fumo, responsável por cerca de 50% do valor da produção agrícola regional em 2002, tendo apres entado alto crescimento desde 1990 (18,2% a.a.) e estendendo -se para 88% dos municípios. Destacam-se, além dele, o milho e a mandioca, disseminados em todos os municípios. O arroz, em porção menor ao sul, e a soja que, juntos, representam cerca de 90% do valor da produção agrícola regional.⁹⁵

Assim, o território do Vale do Rio Pardo mantém grandes desigualdades internas, quando se considera o dinamismo das cidades industriais ligadas ao setor dominante de processamento de fumo e às pequenas propriedades rur ais. Essas, relativamente isoladas, realizando um comércio não especializado, dominado por alguns comerciantes nos principais centros coloniais. A policultura foi a base da riqueza econômica regional, quando pensamos nas pequenas propriedades rurais. E na parte sul da região, persiste um cenário de estagnação decorrente do modo de colonização e utilização do território pela pecuária desde o século XVIII, evidente nos dias atuais.

2.1.1 Formação histórica de Venâncio Aires

O município de Venâncio Aires foi politicamente emancipado em 30 de abril de 1891, praticamente não alterando o território (728 Km²) até os dias de hoje, conforme figura 2. A ocupação da parte sul do município foi com os lusos, que se dedicaram à pecuária. A parte norte foi ocupada pelos alemães, pequenos agricultores.

⁹⁴ Silveira, R. L. L da. op. cit. p.466.

⁹⁵ Rumos 2015, op.cit.



FIGURA 2: Mapa de localização da área de estudo.

Fonte: Secretária de Planejamento de Venâncio Aires. Org: Heisler, Traudi.

A história do município de Venâncio Aires efetivamente se inicia com a doação de sesmarias, a partir de 1762. Essas se estabeleceram esparsamente ao longo dos arroios Castelhana, Sampaio e Taquari-mirim, afluentes do Rio Taquari. As atividades desenvolvidas na região pelos sesmeiros eram a pecuária extensiva nas várzeas e o extrativismo (madeira e erva-mate) na área de floresta, além de alimentos para sua subsistência.

Os habitantes nativos ou índios, na sua maioria, pertenciam a tribos Tupi - Guarani. Costumavam se estabelecer ao longo dos rios e arroios e se caracterizavam pela confecção de cerâmicas e de machados de pedra polida. Além destes, havia indígenas da tradição Humaitá, também caçador-coletores, aqui conhecidos como kaigangues e que se localizavam nas partes mais altas do planalto, e charruas, que habitavam os campos.⁹⁶

Como já foi referido anteriormente, a distribuição de terras na região também incluiu o atual território de Venâncio Aires. A primeira sesmaria oficialmente concedida foi a um capitão de tropas aquarteladas em Rio Pardo. Anos depois, sua neta fez a doação de parte de suas terras para a construção de uma capela, que mais tarde se tornaria a área urbana do município. Mas a maioria das concessões era dada a pessoas que já exploravam essas terras. O trabalho, nessas sesmarias, era realizado por escravos e mestiços.

Com o início do processo de imigração para o Rio Grande do Sul, promovido pelo Governo Imperial, e a institucionalização da Lei de Terras (1850), os donos de muitas sesmarias passaram a lotear suas terras, transformando -as em colônias particulares, principalmente as áreas florestais, assim como as várzeas. O motivo para que os sesmeiros criassem colônias particulares foi principalmente a terra de floresta, que era imprópria para a criação extensiva de gado, principal atividade de renda do Estado na época.⁹⁷

Foi a partir de 1824, com a chegada dos alemães no Rio Grande do Sul com a fundação de São Leopoldo e das colônias da região, dá -se início à colonização

⁹⁶ Vogt, op. cit. p.55

⁹⁷ Roche, J. op.cit. p.101

dirigida e organizada pelo Governo Imperial no intuito de desenvolver o Rio Grande do Sul.⁹⁸

Na primeira fase da colonização dirigida da Coroa Imperial (1824 – 1847), os colonos viajaram da Alemanha para o Brasil, através do Governo Brasileiro, que custeou as despesas com a viagem. Chegando aqui, seriam imediatamente naturalizados, ainda teriam direito à liberdade de culto e receberiam uma propriedade com 77 hectares, por família, além de animais domésticos como bois, cavalos, vacas e etc..., e seriam isentos de impostos e prestação de serviço. E com uma ajuda de custo pelos dois primeiros anos, sendo que a única condição que lhes foi imposta era de não negociar as suas terras por dez anos.⁹⁹

A segunda fase da colonização germânica dirigida pelo Governo Provincial (1848 – 1874) transformava todos os imigrantes germânicos em agricultores, conforme a legislação vigente, mesmo estes tendo outras profissões, como artesãos. Houve, nesse período, a redução da propriedade recebida para 48 hectares.

Além das colônias oficiais criadas pelo Governo da época, foram criadas colônias particulares, que eram de responsabilidade dos donos da terra. Estes arcavam com a medição dos lotes e abertura das principais vias. O objetivo da empreitada era ganhar dinheiro e acumular capital, através da venda dos prazos coloniais localizados nas florestas.¹⁰⁰

Essas colônias particulares geralmente tinham sua localização próxima das colônias oficiais, pois estas terras acabavam tendo uma valorização extraordinária. As colônias da região são Santa Emilia, fundada em 1865, sesmaria Ubatuba, em 1858 e sesmaria Desterro de 1860 e atual área urbana, que no início possuía a denominação de Freguesia de São Sebastião, criada em 1864. Algumas delas faziam parte da Colônia Monte Alverne, mas com a emancipação de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, esta colônia foi dividida.¹⁰¹

⁹⁸ Roche, op. cit. p.94.

⁹⁹ Roche, op.cit. p.113

¹⁰⁰ Roche, op. cit. p .120.

⁸⁴ Vogt, op.cit. p.270.

Esses migrantes não tiveram opção de escolher outra profissão ou atuar na sua antiga, pois, ao chegar, foram notificados de que não poderiam se desfazer de suas terras no caso das colônias oficiais. Nas privadas, a maioria não possuía capital para saldar suas dívidas. Portanto, tiveram que permanecer e trabalhar na lavoura.

Os relatos sobre a vida na nova colônia dão conta das inúmeras dificuldades e surpresas que ali se encontravam:

A escura floresta virgem com suas árvores colossais e a impenetrável vegetação rasteira que tínhamos de conquistar palmo a palmo, abrindo caminho com o facão, exigia de nós um serviço árduo e não habituado. (...) A maioria, apenas começando, quer desanimar quando as mãos estão feridas e cheias de bolhas. Mesmo assim, é preciso continuar o trabalho, por mais que aperte a dor. Não há outra alternativa para o pobre colono senão reprimir o sofrimento e trabalhar, trabalhar e novamente trabalhar, até que a primeira roça esteja queimada e plantada e a primeira choupana provisória erguida, de maneira que se possa pela primeira vez dormir sob telhado próprio.¹⁰²

Saldadas as principais dívidas, alguns substituíram ou concomitantemente desempenharam uma série de atividades artesanais nas colônias, Eram ferreiros, serralheiros, funileiros, costureiras, entre outros. Além de moinhos de milho e erva-mate, que processavam as primeiras colheitas.

Dessa forma, a agricultura passou a ser a atividade mais expressiva de boa parte das colônias. Mais tarde, se tornaria fonte de renda e de progresso para uma camada de comerciantes, que também desempenhavam o papel de banqueiro e transportador.

A formação do núcleo urbano aconteceu em 1874 com a construção de diversos prédios, no intuito de tornar válida a doação das terras para a construção da Igreja Católica Matriz. Em 1884, foi elevado à condição de freguesia de São Sebastião Mártir, traduzindo o aumento de sua população e a sua importância econômica, na medida em que era para lá que se destinava a produção das colônias mais próximas.¹⁰³

¹⁰² Umann apud Silveira, 2007, p.133.

¹⁰³ Vogt e Rosa Flores apud Silveira, 2007, p.193.

Em pouco tempo se instalaram, nessa freguesia, comerciantes - que eram alimentados por produtos como o milho, a banha de porco, o fumo e a erva mate -, artesãos e prestadores de serviços, visualizado na figura 3. Em alguns anos, a pequena freguesia havia se tornado uma próspera vila, com luz elétrica produzida com geradores de querosene.



FIGURA 3: Centro da Vila de Venâncio Aires em 1932.

Fonte: Programa Google Hearth, acesso em agosto de 2008.

O aumento da produção colonial e o crescimento do comércio animavam o desenvolvimento econômico da freguesia. Em 1891, ocorreu a emancipação do município de Santo Amaro que passa à condição de vila do novo município de Venâncio Aires. A imediata instalação da Câmara Municipal e a construção da nova igreja, em 1895, ampliavam as funções urbanas do núcleo.¹⁰⁴

Algumas características e até traços culturais contribuíram para a formação da sociedade atual e o desenvolvimento econômico. Entre os mais importantes estão a criação de sociedades culturais e recreativas, cooperativas e sociedades com fins econômicos e profissionais. Todos esses não serviam apenas para reunir as pessoas, mas para discutir a região e promover o seu desenvolvimento.

Todas as questões ligadas à educação, religião, saúde e segurança foram instaladas e gerenciadas pelos próprios migrantes, pelo fato de a cidade mais próxima, que contava com esse tipo de serviço, ficar distante. Esses serviços eram

¹⁰⁴ Silveira, op. cit. p.193.

particulares ou, então, em forma de associações comunitárias, importando -se da Alemanha professores e médicos, principalmente.

2.2 POPULAÇÃO

A população de Venâncio Aires é constituída por diferentes etnias de colonização, como alemães, lusos e negros, frutos de diferentes épocas. A figura 4 mostra os principais destinos dos imigrantes chegados ao Rio Grande do Sul. Diferentes regiões do Estado receberam população migrante, sempre com a promoção do Governo Federal, para diferentes funções, seja a proteção do território ou o desenvolvimento de regiões.

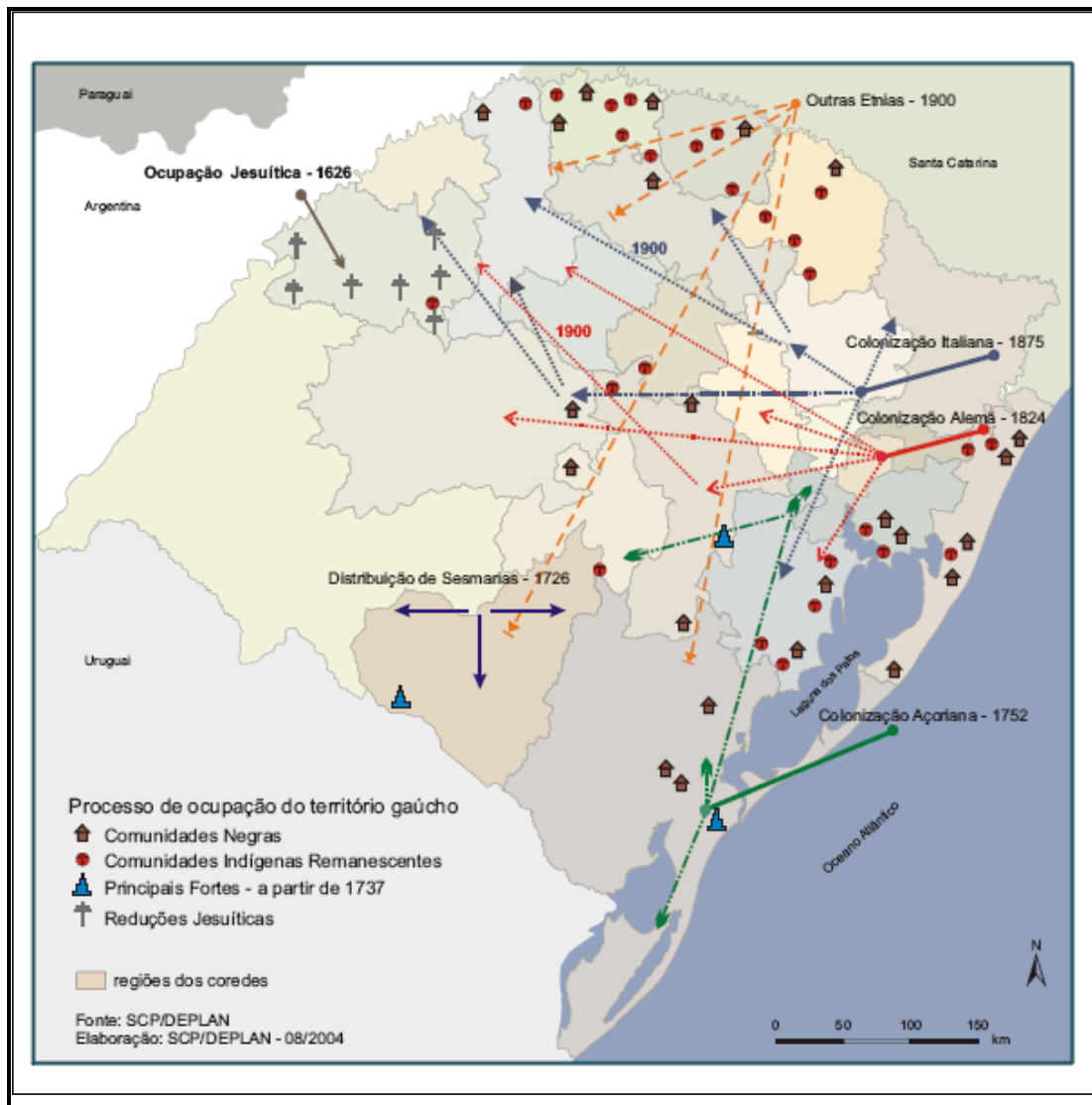


FIGURA 4: Mapa de migrações no Rio Grande do Sul.

Fonte: www.spc.rs.gov.br. Org: Heisler, Traudi.

No relato do processo de colonização, vimos que os lusos foram os primeiros a se estabelecer. Com eles também chegaram os negros. A população negra, em Venâncio Aires, alcança um número expressivo. Utilizados como escravos, estes trabalhavam com criação de gado, além da plantação de subsistência. Após a assinatura da abolição do regime escravista, os negros se estabeleceram próximos à área urbana, para que através do trabalho remunerado pudessem sobreviver.

Os alemães, que chegaram para ocupar uma parte do município pouco utilizada na pecuária, conseguiram, com muito trabalho, uma região próspera e desenvolveram diferentes culturas na sua propriedade.

Analisando a figura 5, sobre população, podemos ver que o crescimento da mesma se deu de forma homogênea. Não havendo grandes disparidades entre homens e mulheres. No período em que houve a chegada do maior número de migrantes, estes vinham com a família. É importante considerar que, durante o período analisado, houve pouca emigração da população local, não sendo necessário um membro da família sair em busca de trabalho.

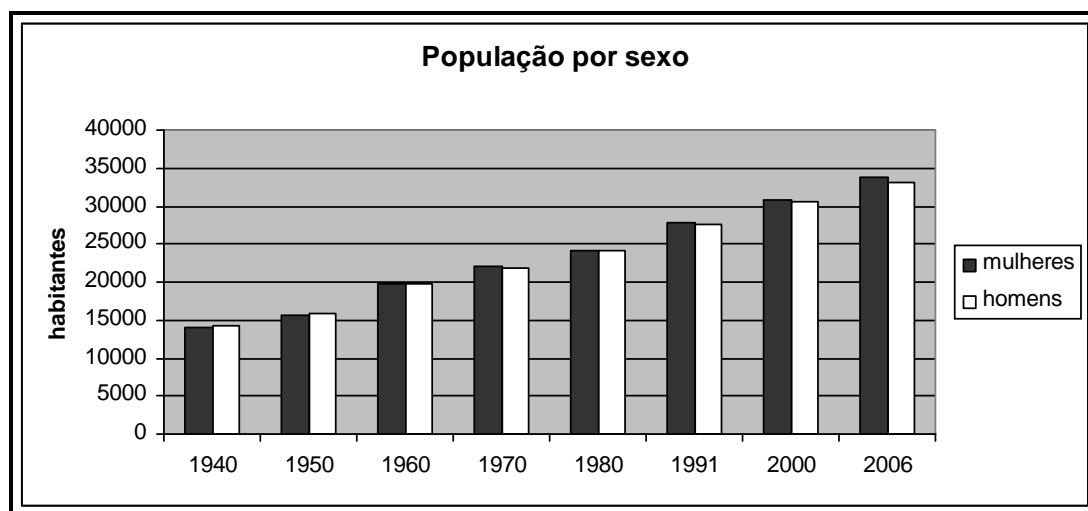


FIGURA 5: Gráfico da população por sexo de Venâncio Aires/RS .

Fonte: Censos IBGE, 1940 a 2006. Org: Heisler, Traudi.

Os períodos de maior incremento populacional foram as décadas de 1950 e 1960, quando o maior crescimento se deu em função da natalidade. De 1980 a 1991, período em que houve uma grande migração por conta do aumento da

industrialização, completa desnacionalização na indústria fumageira e pesados investimentos no setor. E, mais recentemente, de 2000 a 2006, também pelo desenvolvimento de novos ramos de industrialização criados, como a refrigeração comercial.

O crescimento populacional de Venâncio Aires, quanto ao local de moradia (rural x urbano), segue a maioria das cidades industriais. O processo de inversão do número de habitantes começou a se tornar mais visível a partir da década de 1990, conforme a figura 6.

A mudança já começa a se processar em 1970, quando 74,35% da população total moravam na zona rural do Município, enquanto que a zona urbana contava com 25,65% da população total. Em 1991, a população rural era de 53,25% e a população urbana contava com 46,75% da população total. Entre os anos de 1991 e 2000 aconteceu a inversão da população no local de moradia. Segundo o Censo 2000, do IBGE, no ano de 2000 a população rural era de 40,90% e a população da zona urbana era de 59,10% da população total de Venâncio Aires.

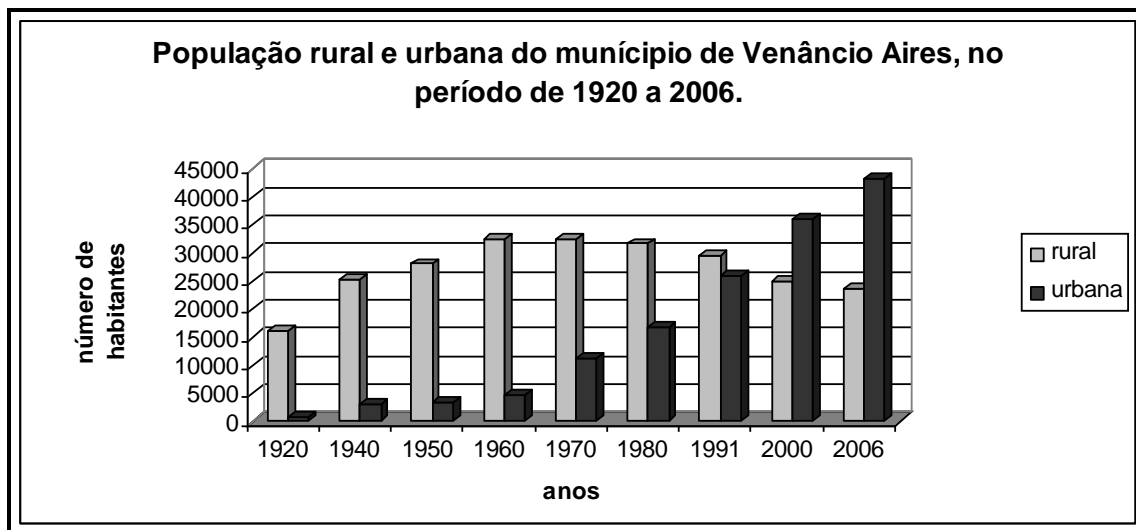


FIGURA 6: Gráfico da evolução da população, quanto ao local de moradia de Venâncio Aires/RS, no período de 1920 a 2006.

Fonte: Censo IBGE de 1920 a 2006. Organização: Heisler, Traudi.

Quanto á população da freguesia nesse período, os dados referentes à dinâmica de crescimento da população total, incluindo a população da zona rural, servem como pista importante para pensarmos o ritmo de crescimento dos moradores do núcleo urbano. Em 1890, a população era de 7.000 habitantes em

1900, passou a 11.000 habitantes alcançou 15.000 habitantes em 1915 e atingia, em 1920, cerca de 20.000 habitantes.¹⁰⁵

Foi um crescimento rápido para uma região que teve seu início há poucos anos atrás. A intenção do Governo Imperial de tornar economicamente viável a região teve seu êxito. Em Venâncio Aires, a intensidade do crescimento da população urbana foi maior entre 1980 e 2000.

A população urbana foi acrescida de 19.567 novos habitantes, representando, no mesmo período, um acréscimo populacional da ordem de 118%. Nesta cidade, 16,53% dos novos moradores migraram entre 1991 e 1996 de outros municípios no estado e no país, evidenciando a sua crescente importância na economia regional.

¹⁰⁶

Esta inversão da situação de domicílio da população de Venâncio Aires, do meio rural para o meio urbano, em parte deve-se ao fato de ter ocorrido no período de maior processamento da indústria do tabaco, que passou a ofertar mão-de-obra. Essas indústrias não exigem mão-de-obra necessariamente qualificada.

A figura 7 mostra a renda da população trabalhadora. A maioria dos trabalhadores ganha de 1 a 3 salários mínimos. Assim podemos inferir vários comentários sobre os dados colocados na figura. O aumento do número de salários é mais visível entre as décadas de 1970 e 1980. O crescimento menor ficou entre as décadas de 1990 e 2000, sendo uma média de salário pago aos trabalhadores das principais indústrias.

Observamos a elevação do número de mulheres que trabalham e ganham de 1 a 3 salários. A indústria fumageira tem preferência pelo trabalho feminino, principalmente em setores onde a atividade é manual e exige maior delicadeza. Outro setor industrial absorvedor de mão-de-obra feminina é o de confecções. Esse ramo é bastante forte na indústria local e ainda num período anterior à indústria de calçados, hoje encolhida.

¹⁰⁵ Verband Deutscher Verein, 1999, p.580.

¹⁰⁶ Censos 1980 a 2000. www.ibge.gov.br/sidra. Acesso em dezembro de 2007.

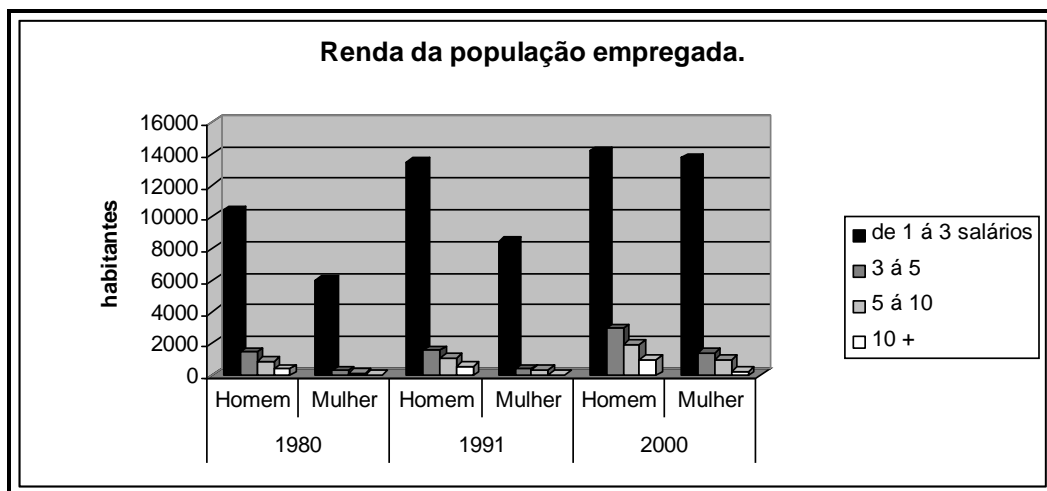


FIGURA 7: Renda da população trabalhadora empregada em Venâncio Aires/RS.

Fonte: Censo IBGE de 1980 a 2000. Organização: Heisler, Traudi.

Outra consideração é o aumento do número de trabalhadores que ganham mais de 3 salários mínimos. Assim como há o aumento de trabalhadores nas indústrias, algumas especializações se tornaram necessárias, refletindo, dessa maneira, na renda dos trabalhadores.

Também devemos observar o aumento considerável do número de mulheres que ganham acima de 3 salários. O maior índice ficou para o ano de 2000, um número 2 vezes maior que na década anterior. Ao mostrar esses dados e essas informações, a intenção é expor uma das partes mais importantes e responsáveis pelo crescimento do espaço urbano, no caso do município.

2.3 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O início do desenvolvimento econômico de Venâncio Aires como um todo e peculiarmente nas colônias alemãs se deu pela produção e venda de excedentes agrícolas, assim como para atender as necessidades da população local. A combinação da atividade mercantil com a agrícola foi muito comum nos primeiros anos após a fundação das colônias.

O que aconteceu nessas colônias foi praticamente uma simbiosis entre o comércio e a agricultura, só possível através de trocas, uma influência decisiva na

economia. Com o passar do tempo, esse sistema passou para “contas -correntes” ou uma conta para cada um dos fregueses das casas comerciais.

Os exemplos de casas comerciais estabelecidas no povoado de São Sebastião mostram que os principais produtos vendidos eram tecidos, farinha, café, arroz e sal, além de ferragens, louças e calçados. Já os produtos mais exportados por essas casas de comércio eram fumo em folha e e rva-mate. Esses dois produtos provavelmente foram os mais rápidos em produção para a venda. O primeiro, por ser rentável e de pouco uso entre os colonos, e o segundo, por ser uma árvore, podendo produzir por várias dezenas de anos, além do fato de na região essa planta se encontrar com facilidade na floresta.

Na colônia, os agricultores passaram a adquirir produtos manufaturados do exterior, principalmente aqueles que tinham reconhecimento de qualidade ou lembravam da terra natal. Com isso, o artesanato, que já havia nascido para alguns produtos, passou a entrar em decadência. Não havia restrições quanto a importações feitas no Sul do Brasil.

No início das colônias, quem tinha algum conhecimento em marcenaria, ferraria e outros ofícios se dedicou a construir os implementos e móveis necessários para o início das atividades. Futuramente, estas atividades entrariam em decadência, sendo asfixiadas pela importação.

O comércio teve uma vida maior do que o artesanato rural, mas também foi sendo derrotado com a modernização dos meios de transporte e comunicação. O desenvolvimento das áreas urbanas e sua especialização em diferentes comércios e prestação de serviços tornaram o interior um espaço apenas de produção agropecuária.

O aumento do número de casas comerciais se processou de maneira diferente nas antigas colônias oficiais e nas novas. Entre 1900 e 1950, os comerciantes triplicaram em São Leopoldo e quadruplicaram em Santa Cruz do Sul. Isso se deve ao fato de nessas cidades já terem se estabelecido pequenas manufaturas, que se multiplicaram no período entre Guerras.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Roche, 1969, p. 426.

Exemplo disso é a atividade comercial em Venâncio Aires, que crescia progressivamente. Em 1900, o número de comerciantes era de 32. Em 1913, esse número subiu para 40 e passou para 217 em 1920. A informação detalhada do Jornal Kolonie, de que, em 1922, o município ... contava com 229 empreendimentos comerciais, sendo: 102 casas de comércio, 6 lojas de sapatos, 5 hotéis, 6 grandes armazéns, 5 armazéns no porto (Mariante), 7 agências, 3 farmácias, 18 restaurantes, 2 cinemas, 6 grandes armazéns de tábuas, 2 locais específicos para compra de tabaco, 22 bares.¹⁰⁸

A configuração e as atividades realizadas pelos comerciantes do povoado não se diferenciavam muito do interior. Alguns desses comércios tinham em anexo moinhos, engenhos e refinarias para processar e dar uma qualidade maior aos produtos vendidos nos mercados maiores, a maioria em Santa Cruz do Sul e Porto Alegre.

Essa foi uma verdadeira revolução nas colônias, da passagem de uma quase auto-suficiência e uma policultura para a produção comercial, que condicionava a agricultura a uma dependência com economias externas. Por volta de 1900, o escambo não mais configurava na relação agricultor e comerciante. Já vigorava a lei da oferta da procura.

Nas colônias novas, o aumento foi menos sensível. O número de comerciantes cresceu irregularmente, por estarem ainda em fase pioneira. O comerciante rural foi de essencial importância por trazer víveres, roupas e ferramentas necessários aos agricultores.

Essa economia colonial, baseada na pequena propriedade rural, deixou marcas importantes na evolução do mercado gaúcho, pois toda essa parcela da população migrada e seus descendentes passaram a ter um médio poder aquisitivo. E também fomentaram muitas das atividades industriais, que mais tarde viriam a se instalar no Rio Grande do Sul e também em Venâncio Aires.

Quanto às fábricas e aos estabelecimentos industriais, o município de Venâncio Aires tinha em 1922: 2 fábricas de banha (Selbach e Cia. na Vila e I.D. Schuler na Linha Brasil), 21 serrarias, 2 alambiques, 11 moinhos de erva -mate, 6

¹⁰⁸ Roche 1969, p.425.

arrozeiras, 5 fábricas de açúcar e rapadura, 2 cervejarias, 5 fábricas de gasosas e água mineral, 15 olarias, 2 fábricas de telhas, 3 moinhos de farinha, 1 instalação para aplainar tábuas, 1 usina elétrica, 3 marcenarias com funcionamento a vapor. No total, são quase 89 estabelecimentos, quase todos com funcionamento a vapor.¹⁰⁹

As colônias que formam o município de Venâncio Aires sempre foram muito prósperas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes. Exemplo disso é o número de estabelecimentos comerciais ou conhecidos como vendas: em 1900, havia 32 vendas espalhadas pelo interior das colônias, mais ou menos quarenta anos depois de iniciar as atividades nas propriedades.¹¹⁰

Como havia dificuldade nos meios de transportes e nas estradas, poucos recursos financeiros, dificilmente um colono se deslocava até alguma cidade por mais próxima que fosse, para comprar objetos que não podiam ser feitos na propriedade. Isso fez com que alguns colonos, não tão aptos ao trabalho da lavoura se dedicassem a atividades comerciais.

Outros optaram pelo artesanato de produtos necessários para a propriedade como ferrarias, marcenarias, moinhos, etc. Mas a maior prosperidade foi mesmo o comércio do interior. Em 1929, existiam 24 ferrarias, 28 engenhos de erva -mate, 57 compradores de produtos coloniais e 142 casas comerciais, além de 18 marcenarias, que se dedicavam a explorar a madeira e vender para os colonos construir suas casa e seus galpões.

O dinamismo das atividades econômicas e do crescimento da população na Vila se fez acompanhado pela demanda de inovações tecnológicas no âmbito da infra-estrutura urbana. Assim, a partir de 1898, as principais ruas da Vila passaram a ser iluminadas com lâmpões a gás. Em 1904, é implantado o telégrafo e em 1908 iniciam os serviços telefônicos. Em 1912, a Vila passa a contar com o sistema de coleta de lixo, de esgoto e de distribuição de água e, em 1916, iniciam os serviços de iluminação elétrica.¹¹¹

¹⁰⁹ Jornal Kolonie apud Vogt e Rosa, 2004, p.276.

¹¹⁰ Vogt, 2004, p.271.

¹¹¹ Vogt e Rosa, 2004. p.194.

No total, existiam cerca de 208 casas comerciais em 1950, espalhadas pelo município, incluindo o centro da cidade. Numa comparação feita por Roche, no que diz respeito à exploração feita pelos comerciantes, no auge da atividade comercial, em relação aos produtores, estes possuíam um patrimônio muito superior ao resto da colônia.

Os comerciantes de varejo tinham, em média, um patrimônio superior em 160%, se comparado com o pequeno produtor. Não tendo muita alternativa para vender o excedente da produção, este era vendido para o comerciante, muitas vezes em troca de produtos que não podiam ser fabricados na propriedade.

Todavia, nas colônias nunca houve mercado nem feiras: é a loja que faz parte integrante de sua paisagem. Por isso, o comerciante, único agente de trocas, tornou-se muito poderoso no seu feudo ¹¹².

A figura 8 mostra o crescimento do número de estabelecimentos industriais na área de estudo. Os maiores picos de indústrias foram nos anos de 1960, devido aos estímulos dados pelas iniciativas governamental nacional e regional. E nos correntes dias, em que o número de estabelecimentos é o maior do período considerado.

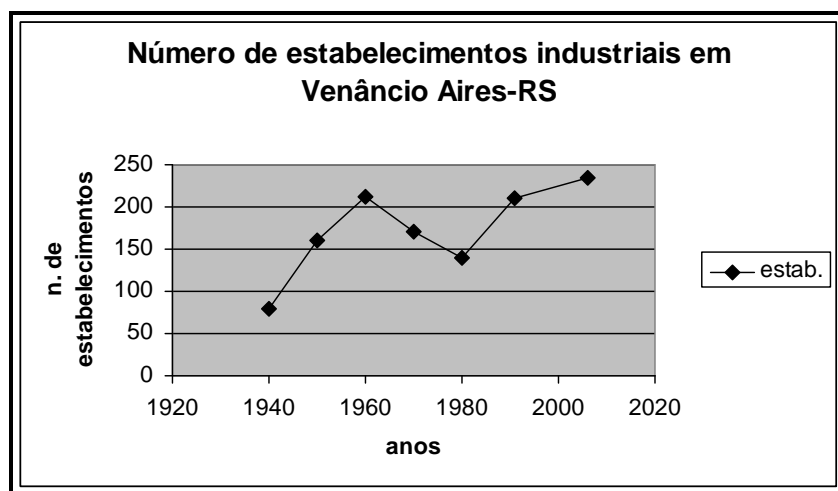


FIGURA 8: Número de indústrias em Venâncio Aires/RS, no período de 1940 a 2006.

Fonte: Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo e IBGE. Org: Heisler, Traudi.

A década de 1980 registra uma queda no número de estabelecimentos industriais, assim como em nível nacional. A famosa “década perdida”, aqui também

¹¹² Roche, op.cit.p.403.

é possível de se perceber. Devido às crises ocorridas no plano econômico nacional e estadual, houve uma diminuição das atividades econômicas em todos os ramos.

No ano de 2006, foram registradas pela Secretária de Indústria e Comércio do município 235 indústrias de diferentes ramos, em sua grande maioria na atividade de transformação. A localização da maior parte delas está na área urbana e algumas ocupando o Distrito Industrial local.

Desse total de indústrias, 21,6% trabalham no ramo da indústria metal-mecânica, fabricando produtos para supermercado, produtos refrigerados para restaurantes e eletrodomésticos. E ainda produtos como microtratores, geradores de energia e estruturas metálicas para construções.

O segundo ramo em número de indústrias é o de alimentos e bebidas, que corresponde a 15,7% do total, dando-se destaque às indústrias de erva-mate e aos frigoríficos, que são em maior número e mais representativos em vendas.

O setor têxtil vem logo após, com 11,8%. Aí estão colocadas fábricas de costura de roupas em geral, desde artigos esportivos até roupas com tecidos mais nobres. Grande parte delas são pequenas confecções, com poucas costureiras. Em seguida, vem a fabricação de móveis em madeira. Este possui cerca de 9% do total de indústrias, dando-se destaque às atividades na fabricação de móveis para escritório.

E por fim, o setor que possui o menor número de indústria, mas tem a maior arrecadação em termos de impostos para o município. São as empresas fumageiras, que possuem 5,7% do total de indústrias. As maiores empresas do município são desse ramo, tanto em tamanho, quanto em produtividade e utilização de mão-de-obra e geração de impostos.

2.4 AS INDÚSTRIAS E O INÍCIO DAS SUAS ATIVIDADES

Nesta parte do trabalho, abordaremos o início das atividades industriais das fábricas visitadas em Venâncio Aires. Foram 11 indústrias de diferentes ramos visitadas e indagadas sobre seu histórico e seu desenvolvimento.

A Alliance One Brasil Exportadora de Tabacos Ltda. foi fundada em 13 de maio de 2005, resultado da fusão dos grupos DIMON Incorporated e Standart Commercial Corporation, representados no Brasil pelas empresas DIMON do Brasil Tabacos Ltda e Meridional de Tabacos Ltda.

A DIMON do Brasil surgiu em janeiro de 1996, com a fusão dos grupos estadunidenses Dibrell Brothers Inc.e Monk – Austin Inc., representados no Brasil pela Dibrell do Brasil Tabacos Ltda e Tabra – Exportadora de Tabacos do Brasil Ltda. No entanto, sua origem no país foi no ano de 1933, quando foi criada, no município de Venâncio Aires – RS, a Loewenhaupt & Cia. Ltda., um pequeno comércio de fumo. Esta empresa foi vendida em 1955 para a fábrica de Cigarros Flórida S.A., que mais tarde, em 1973, foi adquirida pela Ligett & Myers do Brasil Cigarros Ltda. Esta foi comprada, em 1985, pelo grupo Dibrell, que repassou 70% das ações para a Companhia Souza Cruz e 30% para a Verafumos Ltda., formando a Tabasa Tabacos S.A.. Em outubro de 1991, o Grupo Dibrell Brothers readquiriu os 70% das ações da Tabasa, e em 1992, houve a unificação da Verafumos Ltda., Tabasa Tabacos S.A. e Sudam Tabacos Ltda., dando origem à Dibrell do Brasil Tabacos Ltda.

Em 1997, o Grupo Dimon adquiriu a Intabex Worldwide S.A., que tinha uma subsidiária no Brasil, a Intabex Processors do Brasil Ltda., com sede em Venâncio Aires – RS. Essa passou a se chamar, a partir de abril de 1997, DIMON Exportadora de Fumos Ltda., mantendo domínio ainda sobre a Fumex Tabacaleira Ltda., empresa produtora de fumos para charuto, localizada no nordeste brasileiro, atualmente em negociação para venda.

A DIMON do Brasil, juntamente com o Grupo Standart Corporation, no Brasil proprietária da Meridional de Tabacos, fizeram uma fusão de empresas, surgindo a Alliance One Exportadora, em 13 de maio de 2005. Atualmente a empresa é a maior exportadora de fumo em folha do Rio Grande do Sul.

A Tramontini Implementos agrícolas Ltda surgiu em 1984, por uma cisão parcial, na época na cidade de Encantado – RS. Anterior a isso, existia a Retificadora Tramontini, que atuava no conserto de veículos. Com o surgimento da

indústria, o objetivo era fabricar veículos de pequeno porte para atender a pequenos agricultores.

Em 1994, houve o lançamento de microtratores e motores a diesel, que levaram a empresa a ampliar suas instalações e a realizar sua transferência, em 1997 para o distrito industrial de Venâncio Aires. Todos os anos são desenvolvidos e lançados novos produtos que atendem às necessidades dos pequenos produtores rurais.

A empresa e marca Venax são conhecidas há vários anos pela produção e qualidade de seus produtos. A metalúrgica Venax fechou suas portas na década de 80 por problemas financeiros. Depois de enfrentar muitas dificuldades, no início da década de 80, a Metalúrgica Venax, de Venâncio Aires (RS), fabricante de fogões a gás, acabou falindo.

No dia 1º de maio de 1985, Walter Bergamaschi adquiriu a marca Venax e reabriu a nova empresa. A Venax é considerada uma das maiores empresas do ramo metalúrgico a única no ramo de eletrodomésticos de linha branca do Estado do Rio Grande do Sul.

A partir de maio do ano de 2003, a razão social da empresa foi alterada de Metalúrgica Venax Ltda para Venax Eletrodomésticos Ltda, reforçando sua marca. Juntamente, foi criado um novo logotipo para marcar esta mudança, uma identidade para a empresa, apontando a 3ª geração da logomarca.

O início das atividades da Refrimate Engenharia do Frio Ltda se deu em função do fechamento de outra indústria metal-mecânica. Três funcionários antigos da indústria fundaram a Refrimate e passaram a fabricar produtos para supermercados.

A KLIMA surgiu no mercado em maio de 1995, para suprir a falta de uma empresa no ramo de refrigeração, que produzisse equipamentos especiais, sob medida, visando atender a área de alimentação. A ideia inicial era apenas vender ao consumidor, atendendo suas necessidades com produtos de qualidade. Mas, com o passar dos anos, a empresa ficou conhecida nacionalmente. Houve a ampliação da

linha de produtos e passou a fornecer para revendas, através de representantes em vários estados do Brasil.

Para crescer e desenvolver o empreendimento, teve-se a preocupação especial com a qualidade dos produtos e serviços. Em 2003, a empresa iniciou as melhorias, com a aplicação do programa 5S's, implantando o GQT (Gestão Pela Qualidade Total) e, em 2005, realizou o termo de adesão no PGQP (Programa Gaúcho de Qualidade de Produtos). O Meio Ambiente é uma questão primordial para a indústria, que possui uma estação de efluentes, para tratar seus resíduos químicos. Separa e realiza o destino correto dos resíduos (para aterros autorizados) e, devido ao projeto da UNIDO (United Development Organization), a empresa somente utiliza, em seu processo e nos seus produtos, gases ecológicos, que não prejudicam a camada de ozônio.

Em 2006, a KLIMA completou 11 anos com muito desenvolvimento e expansão, se preocupando cada vez mais com os Programas de Qualidade, Ações Sociais e com o Meio Ambiente. Investindo em design inovador, novas tecnologias e em melhorias contínuas em seus produtos e serviços.

A Biovale surge a partir do desenvolvimento de um produto novo. O proprietário iniciou suas pesquisas numa empresa encubada na UFRGS (Bioagrolan), durante a Pós-graduação na área agrônômica. Nessa empresa, foram realizadas pesquisas para produção fumageira orgânica, com o desenvolvimento de insumos e compostos orgânicos utilizados para combater pragas e doenças.

Com a finalização da dissertação, houve o início das atividades da indústria Biovale propriamente dito. Os primeiros clientes foram do setor fumageiro por terem conhecimento dos produtos. Com isso, as pesquisas avançaram para outras áreas, como monoculturas e hortifrutigranjeiros.

A Celtis confecção iniciou na garagem de uma casa, confeccionando agasalhos para escolas da cidade. Permaneceu durante 3 anos. Após, passou para um prédio alugado. Durante o período de 3 anos e meio, mantendo uma estrutura pequena de produção e confeccionando também agasalhos esportivos. Após esse tempo, a empresa passou a funcionar em prédio próprio com uma capacidade maior de produção.

As atividades da Família Kroth Comércio de Carnes iniciaram na década de 1960, com o abate de 1 a 2 bovinos na sexta-feira, para a comercialização em 3 estabelecimentos próximos (vendas). Esse abate era realizado nos fundos da residência e os cortes, no porão da casa. A entrega era feita de carroça.

Em 1972, aconteceu a primeira aquisição de caminhão para o transporte de bovinos até o abatedouro. No início dos anos 80 do século passado, houve a necessidade de inspeção estadual e novas instalações para atender as exigências. As entregas, então, atendiam a área urbana do município e também Santa Cruz do Sul.

A P Projeto foi fundada em 08 de maio de 1961 na cidade de Santa Cruz do Sul, pelos irmãos João Hickmann e Alberto Hickmann. A empresa, nos primeiros anos, funcionava apenas como uma marcenaria na fabricação de móveis sob medida. A razão social da empresa era Hickmann Ind. De Móveis Ltda.

Em 1981, a empresa começou a direcionar o seu trabalho na fabricação de móveis e cadeiras para escritório, vindo, no mesmo ano, para a cidade de Venâncio Aires, com incentivos da Prefeitura Municipal, a qual cedeu um prédio para a empresa na Rua Voluntários da Pátria, destinado para a fabricação de móveis, e outro prédio na rodovia RST 453, na saída da cidade, destinado ao setor da metalúrgica da empresa.

Com o aumento nas vendas e a necessidade de diversificação dos produtos, o espaço cedido pela prefeitura acabou se tornando pequeno. Então, em 1985, foi adquirido um terreno e construído o prédio para aumentar o espaço da empresa. Mesmo com a construção desse novo prédio, os setores de metalúrgica e cadeiras continuaram em prédios separados, já que a empresa começou a exportar seus produtos para todo o Brasil e o volume de produção aumentava gradativamente nesse período.

Por volta de 1998, a empresa deu mais um grande salto, pois começou a exportar seus produtos para o Uruguai, Chile e Argentina, tornando seu nome e sua marca destacada no setor moveleiro no país. Durante os anos 1998 a 2001, a empresa teve sua ascensão no mercado.

Em 2005, com a entrada de novos sócios, a empresa começou a se estabilizar financeiramente, mudando para a atual razão social. Depois de uma crise, a empresa, atualmente está procurando recuperar os mercados perdidos.

A Plásticos Venâncio Aires teve como o início de suas atividades a fabricação de sacolas plásticas para supermercados . Há mais ou menos cinco anos, mudou a produção para rótulos de diferentes tipos de embalagens.

A Plásticos Venâncio Aires Ltda., fundada em 1990, é uma empresa industrial, de cunho familiar, voltada para a produção de rótulos tipo Sleeve (Manga e PVC termo encolhível), Bopp Controll, Bopp Magazine, Bobinas Técnicas e produtos especiais como bandôs, banners, faixas e outros produtos promocionais.

É uma fábrica que exerce uma política contínua de qualidade, desenvolvimento e modernização das suas atividades . para satisfazer as exigências dos clientes aos produtos e serviços que oferece. Vários estudos e desenvolvimentos estão sendo feitos, visando sempre melhorar a qualidade dos produtos, para atender cada vez melhor e com mais capacidade.

3. CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICO-ECONÔMICAS DA INDÚSTRIA DE VENÂNCIO AIRES

O termo indústria está caracterizado por diversos significados, desde uma empresa de pequeno porte, até uma fábrica de qualquer tamanho de um parque industrial, que trabalhe com atividade de transformação e/ou beneficiamento e que use maquinarias e tenha como objetivo criar um terceiro produto. A indústria não está somente na cidade, também está no campo. A sua localização é regida por inúmeros fatores, entre eles fonte de matéria-prima, mercado consumidor, etc.

Com o setor industrial de transformação e/ou beneficiamento, a economia diversifica-se. As indústrias mais modernas têm se baseado em intensa divisão do trabalho, que segmentou a produção em múltiplos setores de atividade. Atualmente, a atividade industrial representa o elemento-chave do dinamismo econômico nacional e regional. Em diferentes contextos territoriais (municípios, estados ou regiões), a ausência da atividade industrial pode representar um obstáculo ao desenvolvimento, ou a estagnação.

3.1 ESTRUTURA INDUSTRIAL, MAQUINARIA, MÃO-DE-OBRA

O progresso tecnológico está relacionado com os melhoramentos nas técnicas, conseguidos pelo uso do trabalho e do capital, resultando, dessa maneira, em ganhos tecnológicos.

Na área de estudo, os ramos industriais instalados são diversificados e iniciaremos por um dos setores mais antigos da região. As 11 indústrias entrevistadas têm tamanhos diferenciados, desde pequenas fábricas até grandes plantas industriais.

A indústria de beneficiamento do fumo, que teve seu surgimento na década de 1930. A empresa do ramo fumageiro entrevistada é uma multinacional de capital estadunidense e possui plantas em Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul, além de Santa Catarina e Paraná. Exporta a maior quantidade de fumo beneficiado do Rio Grande do Sul.

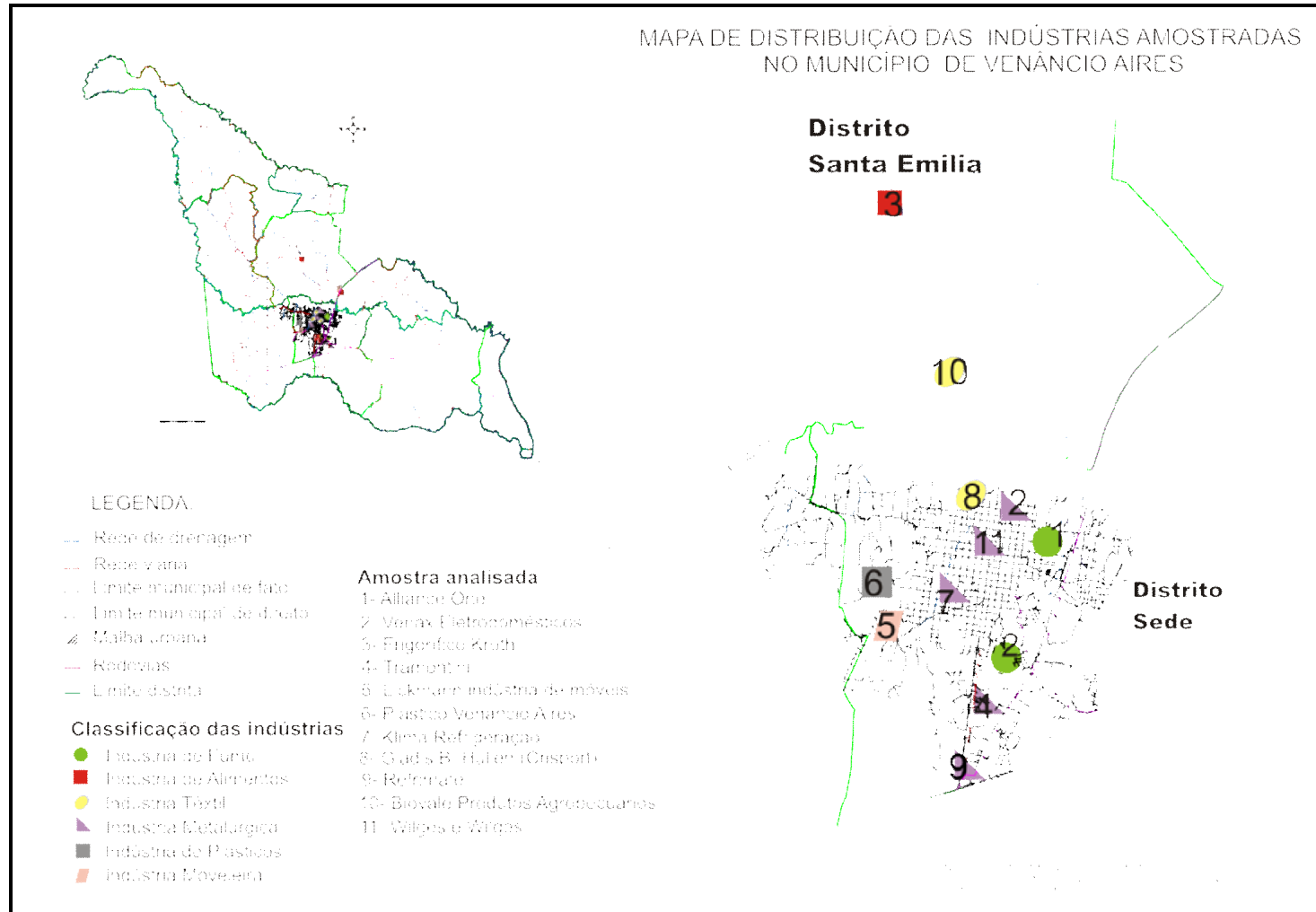


FIGURA 9: Mapa de localização das indústrias amostradas de Venâncio Aires/RS.

Fonte: Prefeitura Municipal de Venâncio Aires. Org: Heisler, Traudi.

A unidade da Alliance One Venâncio Aires possui três linhas de produção em operação, de três turnos durante a safra. Essa safra de beneficiamento vai de fevereiro a junho e, no restante do ano, a empresa passa com a maior parte das máquinas paradas. Apenas uma ou duas linhas de produção em operação, de acordo com a necessidade.

Com relação aos equipamentos utilizados no processamento da folha do fumo, estes são em parte de produção nacional, por exemplo, esteiras e outros. Uma outra parte é fabricada na própria empresa, com utilização de tecnologia no rte americana (pagamento de patente). O restante do maquinário utilizado é importado dos Estados Unidos.

A manutenção de máquinas é feita permanentemente, de acordo com o seu funcionamento. A durabilidade das máquinas é grande, pois a estrutura pode dura r até 30 anos. Mas as peças são constantemente revisadas e trocadas. As estruturas foram planejadas no intuito de receber várias reformas, substituição de peças e motores, sem alterar a capacidade de produção ou melhorar a mesma.

Há a produção de equipamentos pela própria empresa, que são adaptados aos já existentes, tentando otimizar a produção. São feitas manutenções permanentes e desmontagem completa das estruturas e equipamentos durante a entre-safra. A empresa possui a destala das folhas de fumo auto matizadas, sem o uso de força de trabalho humano. Mas esse tipo de tecnologia é próprio da empresa e não está implantado nas empresas concorrentes.

Quanto á questão da mão-de-obra utilizada na indústria, o número total de funcionários na unidade de Venâncio Aires é de 2.000, incluindo fixos e temporários (figura 10). A recontração dos empregados temporários é de 75% na próxima safra. Nesse período, a maioria procura outros serviços, principalmente as mulheres, que têm preferência na contratação, por sere m mais cuidadosas com o manuseio do fumo.

Quanto à pesquisa e ao desenvolvimento, eles são feitos na área de melhoramento genético das plantas e sua adaptabilidade aos diferentes solos. Também é realizada a pesquisa nos insumos utilizados na cultura para p otencializar

a produção. A indústria possui laboratórios, que fazem testes na matéria -prima, além de empresas contratados para fazer testes de qualidade no fumo.



FIGURA 10: Processo de destala na indústria fumageira.

Fonte: Anuário do Fumo da AFUBRA, 2006.

Contrastando com a empresa acima, temos a indústria orgânica de produção de insumos agrícolas Biovale. Está localizada na área rural de Venâncio Aires. Ela é uma indústria recente, surgida a partir de pesquisas realizadas pelo proprietário. Possui duas linhas de produção, que fabricam mais de 140 mil litros por ano de diferentes produtos para a agricultura orgânica.

O maquinário utilizado na preparação consiste em misturadores, câmaras de crescimento, peneiras e moinhos. Por se r um tipo de indústria em desenvolvimento inédito, o maquinário ideal foi cuidadosamente elaborado para manter as propriedades da matéria-prima utilizada.

A maior parte dos equipamentos foi desenvolvida pela própria empresa e constituída por empresas da cidade. No caso das peneiras, estas foram importadas da França. Outros equipamentos vieram de São Paulo. A idade média dos

equipamentos e sua durabilidade ainda não podem ser ditos, pois a empresa ainda não teve a necessidade de substituí-los.

A indústria possui laboratórios de diagnose, que atendem aos agricultores em geral e que também são usados para testar os próprios insumos, além de desenvolver novos produtos. São equipados com microscópio digital e demais equipamentos utilizados para estes fins. Também realizam testes de qualidade internos na elaboração dos insumos. Os testes finais são realizados pelos laboratórios de uma universidade regional credenciada.

Por possuir certificação internacional, a indústria segue normas e regras da produção orgânica internacional. Assim, o nível de alfabetização dos 10 empregados é o ensino médio. São estimulados continuamente a se aprimorarem com cursos técnicos e de formação, geralmente pagos pela indústria. A flexibilidade de postos não é muito utilizada. Cada um é instruído para realizar atividades específicas.

Todos os empregados são enquadrados nas leis de trabalho existentes no Brasil, com critério para certificação orgânica nacional e internacional. Todos são dos arredores da indústria, se deslocam por conta própria e são agricultores ou filhos, que se dividem entre a indústria e a agricultura.

Dentro da classe de indústrias alimentícias, foi entrevistado o frigorífico Família Kroth, também localizado na área rural do município. O Rio Grande do Sul sempre foi reconhecido pela produção pecuária e a industrialização da carne. Sendo assim, não poderíamos deixar de incluir esse tipo de indústria. O abate é de 150 cabeças ao dia, sendo que ele está na sua capacidade máxima de produção.

Os equipamentos utilizados no abatimento e beneficiamento são simples, como câmaras frigoríficas, túneis de metal e serras para corte de carne. Possui uma frota de 12 caminhões de entrega e 4 de recolhimento do gado vivo. Essa indústria tem muitos anos de atividades. Conta com propriedade própria para a criação do gado, mas não é o suficiente, sendo a outra parte adquirida de outros criadouros do Rio Grande do Sul.

Os equipamentos utilizados são substituídos antes de apresentarem problemas. Como o manuseio é feito manualmente, existe perigo de acidentes,

principalmente com as serras e facas. Já a frota de caminhões, indispensável nesse tipo de indústria, é revisada periodicamente.

A indústria possui 78 funcionários contratados de forma permanente. São pessoas da região e que se deslocam por conta própria. O nível de alfabetização é a educação fundamental.

Uma das atividades industriais com maior crescimento no município é a indústria de confecções. Foram realizadas entrevistas em duas indústrias: uma empresa maior, que trabalha para outras marcas, e uma menor, que tem marca própria e comercialização regional. Em ambas, o equipamento utilizado não difere muito, apenas a quantidade e maior tecnologia entre elas.

A Celtis confecções é uma pequena indústria e tem 4 funcionários. Faz a costura de roupas esportivas de diferentes tecidos. Têm equipamentos, como máquinas de costura, de corte, além do setor de estamparia, todos de origem nacional. Seu maquinário tem uma idade média de 7 a 8 anos, sendo substituídos por novos. A indústria possui um estilista contratado para desenvolver as coleções.

A Crisport confecções possui dois turnos de funcionamento, sendo o segundo, somente de bordado. A indústria de confecções costura artigos esportivos de tecido de microfibra.

São 110 máquinas de costura, cada uma com função específica. Possuem de duas à quatro agulhas. O sistema de corte é informatizado e a estamparia foi incorporada recentemente na planta industrial. Anteriormente era terceirizada. A empresa possui outras filiais em municípios próximos.

As máquinas de costura são importadas da Ásia (Taiwan) e têm vida útil de 15 a 20 anos. Esse país tem tecnologia de ponta na fabricação desse tipo de equipamento. A máquina de bordado, recentemente adquirida da China, é totalmente digital. A modernização dos equipamentos é feita anualmente. Tem-se uma oficina mecânica interna, que atende as costureiras.

A criação das coleções é feita com a pesquisa de novas modelagens e dispõe de modelista na indústria, para a confecção de marca própria e também para a marca de uma grande loja de departamentos. A organização é feita por setores no

interior da fábrica, com fileiras de costureiras, setor de corte, setor de bordados, estampanaria, toper (passadeira) e expedição. Esse último, já deixa as peças prontas para serem colocadas nos expositores da loja de departamentos.

Outra indústria visitada foi a de móveis para escritório P Projeto, um ramo à parte da produção de móveis. Um dos setores de maior produção no Rio Grande do Sul. Os equipamentos utilizados são máquinas de corte de madeira, furadeira e prensas de colagem. São equipamentos nacionais na sua maioria e importados da Alemanha. Têm uma durabilidade em torno de 13 anos (as mais antigas), mas são substituídas de acordo com a necessidade.

São 165 empregados de ambos os sexos, com escolaridade mínima do ensino fundamental. Recebem vale transporte da indústria e residem próximos da mesma.

O setor de plásticos também foi entrevistado. A indústria Plásticos Venâncio Aires produz rótulos e embalagens plásticas e termos encolhível. São 3 setores (filme, impressão, acabamento). Os equipamentos utilizados para a produção são máquinas extrusoras, que derretem o polipropileno e o transformam em filme, impressoras para imprimir rótulos e outros produtos promocionais. Além de máquinas de corte e solda. A maioria das máquinas é nacional e as mais modernas são italianas.

A empresa atua na pesquisa e no desenvolvimento de algumas embalagens, mas a maioria já vem com o "layout" do rótulo pronto. São 63 colaboradores de ambos os sexos. A empresa possui um pico de produção, que inicia em outubro e se estende até março.

O setor com maior número de indústrias é o metal-mecânico. Está sendo reconhecido como um pólo, principalmente na atividade de refrigeração comercial. Foram entrevistadas duas indústrias, que têm como principal produção a refrigeração comercial. Uma de eletrodomésticos de linha branca e uma montadora de máquinas agrícolas.

A primeira indústria é a Klima Refrigeração, de montagem de refrigeradores comerciais e equipamentos para cozinhas profissionais. A indústria é dividida por

setores, com uma linha de montagem manual, por haver diferentes tipos de produtos feitos sob encomenda. Tem como carro chefe os balcões tipo ilhas refrigeradas para supermercados. Os equipamentos utilizados na indústria são os mais variados possíveis, sendo os mais antigos de origem nacional e os mais modernos importados. Os últimos, através de projetos realizados com a ONU, para redução do uso de CFC's (clorofluorcarbonos).

A empresa tem o desenvolvimento de idéias próprias e está em fase de implantação um laboratório autorizado pelo INMETRO, para realizar os testes de qualidade e consumo de energia dos produtos na própria empresa. São 90 empregados, com acréscimo na época de safra, que vai de outubro a dezembro. A escolaridade vai desde o ensino fundamental até técnico.

A segunda indústria de refrigeração comercial entrevistada é a Refrimate Engenharia do Frio, muito parecida com a relatada acima. É uma indústria recente e que também trabalha com refrigeradores e balcões expositores, além de gôndolas para supermercado.

A planta industrial foi adquirida recentemente e passa por adequação. O maquinário utilizado em parte é nacional, em parte, italiano. Aqui pode se perceber que o maquinário é originário da Itália, um país especializado na fabricação destes equipamentos. A empresa possui 330 funcionários, mais contratações na época de maior produção, de setembro a dezembro. A escolaridade vai desde o ensino fundamental até o técnico. O deslocamento dos trabalhadores é realizado pelos mesmos.

O desenvolvimento de novos produtos, bem como o aperfeiçoamento dos já existentes, é realizado na própria empresa. Esta não possui laboratório para testes, sendo que os mesmos são executados em laboratórios particulares.

A indústria Venax Eletrodomésticos é de produtos de linha branca, tendo por carro chefe a produção de fogões a gás. Ainda tem a produção de refrigeradores, adegas, geladeiras e fogões à lenha. A empresa está dividida em três setores, de acordo com o produto fabricado. A indústria faz a fabricação da maioria das peças dentro da própria planta industrial, além de possuir uma fundição. Os maquinários da empresa são variados e alguns importados da Itália. São atualizados de acordo com

a necessidade de produção e atualização, segundo as novas tecnologias surgidas. A aquisição de peças para a montagem é reduzida, apenas motores e vidros.

Pelo grande potencial produtivo e sendo a única do ramo no Rio Grande do Sul, esta possui um laboratório para realizar os testes de cocção e de refrigeração autorizados pelo INMETRO. Os testes de segurança com os fogões a gás são realizados em laboratórios próprios do INMETRO.

A última indústria do ramo metal-mecânico é a Tramontini Implementos Agrícolas (figura 11). Produz microtratores, tratores e geradores de energia, utilizados pela agricultura familiar. São 4 linhas de produção e uma linha mestre de montagem de motores. Durante o ano de 2007, foi lançado o primeiro modelo de trator. A empresa, na maior parte do seu funcionamento, faz apenas a montagem dos produtos.



FIGURA 11: Montagem de tratores agrícolas.

Fonte: www.tramontini.com.br. Acesso em maio de 2007.

Os equipamentos utilizados na montagem são chaves de diversos tipos, máquinas pneumáticas para o aparafusamento de peças. A origem dos mesmos é nacional, não havendo a necessidade de equipamentos de tecnologia avançada. Esse é outro fator para que a durabilidade das ferramentas seja imprecisa.

O desenvolvimento e a adaptação dos novos produtos são realizados dentro da própria empresa, incluindo a substituição de peças. Essa produção de peças é realizada em indústrias especializadas locais.

São 65 empregados de diferentes especializações, incluindo técnicos e engenheiros, além dos montadores que possuem ensino médio para trabalhar na

indústria. O deslocamento até a empresa é feito por conta dos próprios empregados, mas são estimulados a virem vários no mesmo carro.

3.2 MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS NA INDÚSTRIA LOCALIZADA

Para que o produto final chegue ao mercado consumidor, a indústria necessita da matéria-prima. O que se observa nas unidades industriais visitadas de Venâncio Aires é uma divisão entre produtos in natura e pré-industrializados, de acordo com a figura 12. A principal característica está na sua localização. A primeira, está situada próxima da indústria e a segunda, tem uma procedência, em geral, de lugares distantes.

O Rio Grande do Sul é o maior fornecedor de matérias-primas para a indústria local, seguido de São Paulo, que tem o maior número de indústria de pré-industrialização e que são utilizadas para a montagem e re-industrialização nas unidades industriais da área em estudo.

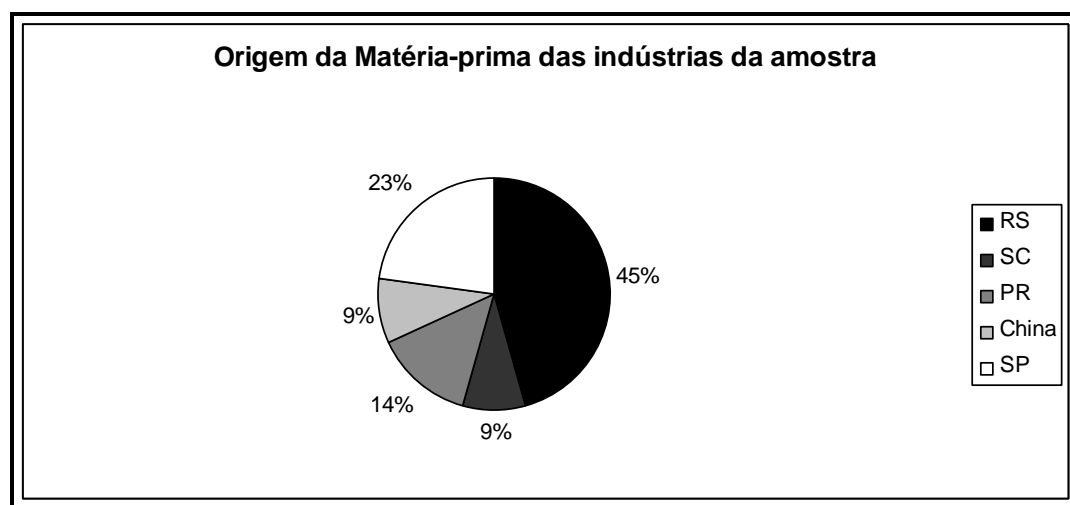


FIGURA 12: Origem das matérias-primas nas indústrias visitadas em Venâncio Aires/RS.

Fonte: Dados da amostra.Org: Traudi Heisler.

A importação de matéria-prima da China aqui é visível. As principais justificativas dadas pelas indústrias mostram que o valor pago por ela é inferior ao do produto nacional. As indústrias dão prioridade à redução de custos. Dessa maneira, o valor do produto acabado se torna competitivo em relação aos seus concorrentes.

No caso do fumo em folha, este chega à indústria apenas seco e pré-classificado na propriedade rural. Até acontecer o processamento, não há utilização de refrigeração para conservação do fumo em folha. Durante o processamento, é feita a destala, retirada da nervura principal das lâminas de fumo por máquinas, sem utilização do trabalho manual.

O acondicionamento do fumo processado, ou seja, limpo e picado, é feito em caixas de papelão e durar por até 5 anos. Muitos clientes dessas fumageiras mantêm pavilhões alugados na região, deslocando o fumo somente próximo à fabricação dos cigarros, principal produto feito com folha. A matéria-prima da indústria do tabaco é proveniente dos três Estados da região sul do Brasil. Santa Catarina é o maior produtor de fumo do sul, mas as maiores áreas individuais se concentram na região em estudo.

A produção de insumos orgânicos da Biovale para a agricultura orgânica tem como principais matérias-primas o arroz e o melado de cana-de-açúcar. Como são produtos naturais, estes provêm da região, de áreas produtoras de arroz e também de outros Estados, como São Paulo. Esse tipo de atividade industrial é recente e as pesquisas ainda estão sendo realizadas. Mas a eficiência comprovada dos produtos está sendo reconhecida pelos produtores.

O gado utilizado para o abate do frigorífico, em parte, é de pequenos produtores rurais das proximidades, sendo o restante oriundo da região sul do Estado. Ainda há a compra de carne do centro do país, para atender aos pedidos de cortes mais consumidos no sul, por exemplo, a costela.

Na fabricação dos móveis para escritório da P Projeto, o couro é comprado no Rio Grande do Sul e a madeira é originária de São Paulo, Santa Catarina e Paraná. Os materiais utilizados na montagem das cadeiras são adquiridos de São Paulo, Caxias do Sul e Bento Gonçalves e os tecidos, vindos de Porto Alegre.

Na indústria de materiais plásticos, toda a matéria-prima provém do Pólo Petroquímico de Triunfo, no Rio Grande do Sul. Como se necessita de poucos materiais para a produção, somente polipropileno e tintas, estes são encontrados regionalmente.

Os materiais para a montagem dos produtos de refrigeração comercial da indústria Refrimate são originários de diferentes regiões do Brasil, como São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul. As lâminas de aço e outros materiais são importados da China. Indagado porquê dessa importação, a empresa confirmou o custo menor do produto em relação ao nacional. Dá-se destaque à produção dos vidros curvos localmente.

A indústria de eletrodomésticos Venax mantém uma forma peculiar de produção. A maior parte das peças e dos componentes de seus produtos são fabricados na própria empresa. Em torno de 90% dos materiais são de São Paulo e 10%, do Rio Grande do Sul. Como esta empresa possui também uma fundição, complementa principalmente a fabricação de fogões à lenha.

A montagem de tratores e a fabricação dos geradores de energia e de microtratores da Tramontini seguem muito próximo à refrigeração comercial. Os tratores vêm parcialmente importados da China e a montagem acontece aqui. As outras peças são de diversas regiões do Estado, além da fabricação de algumas peças por outras empresas do município.

3.3 O MERCADO CONSUMIDOR E A PRODUÇÃO LOCAL

Um dos principais fatores de produção é o mercado em que os produtos são comercializados. Na atualidade, com todas as facilidades de transportes e de comunicação, a localização de uma indústria não se restringe somente a esses fatores.

As interações entre diferentes regiões acontecem constantemente. Uma região especializada na produção de determinado produto exporta para inúmeras regiões distantes ou próximas. Por isso, um produto de Venâncio Aires pode ser encontrado no norte do Brasil ou, então, em alguma região da Europa.

A figura 13 mostra o destino dos produtos das empresas amostradas nesse trabalho. Dentro das onze indústrias visitadas, o destino da maior parte da produção é o Brasil, nas suas diferentes regiões. Sendo superior à metade da produção.

Os exemplos das indústrias que vedem seus produtos exclusivamente para o país são as de implementos agrícolas. A produção do último ano foi em torno de 1800 produtos. Grande parte fica para a Região Sul, por possuir número relevante de pequenos produtores que utilizam esses produtos.

As indústrias têxteis vendem sua produção nacionalmente. A primeira é subcontratada para outras marcas, principalmente lojas de departamentos. Essa indústria conta com uma produção de 2 mil peças por dia. A segunda tem uma produção menor, faz a comercialização somente no Estado e não tem interesse na venda para outros Estados. As indústrias gaúchas de vestuário, reconhecidas pelo uso da tecnologia e da inovação, tiveram nessas características fatores fundamentais para a sobrevivência do ramo nos últimos anos, tendo em vista que o trinômio carga tributária, pirataria e concorrência asiática dizimaram boa parte das fábricas do segmento no Rio Grande do Sul.

Esse último fator fez com que essas indústrias se tornassem competitivas, inclusive importando equipamentos chineses. O Oriente possui o que há de mais moderno em equipamentos para o setor têxtil. Como a mão-de-obra é barata e com redução de impostos, o Oriente se transformou num verdadeiro vilão para o produto nacional.

A indústria gaúcha de plástico também tem inovado em negociações políticas para aumentar a competitividade. O setor negociou com o Governo Estadual a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), comprometendo-se a ampliar a arrecadação, com o incremento das vendas. O resultado foi extremamente positivo e serviu de exemplo para outros segmentos.

A Plásticos Venâncio Aires, que possui uma produção de 40 milhões de rótulos por mês, comercializa no Brasil para diferentes tipos de indústrias, como refrigerantes, laticínios, etc.

A venda de carne bovina e seus derivados se restringe somente ao Rio Grande do Sul, sendo que o frigorífico está em busca da liberação e da autorização para a comercialização além do Estado. A produção é de 130 cabeças de gado abatidas por dia.

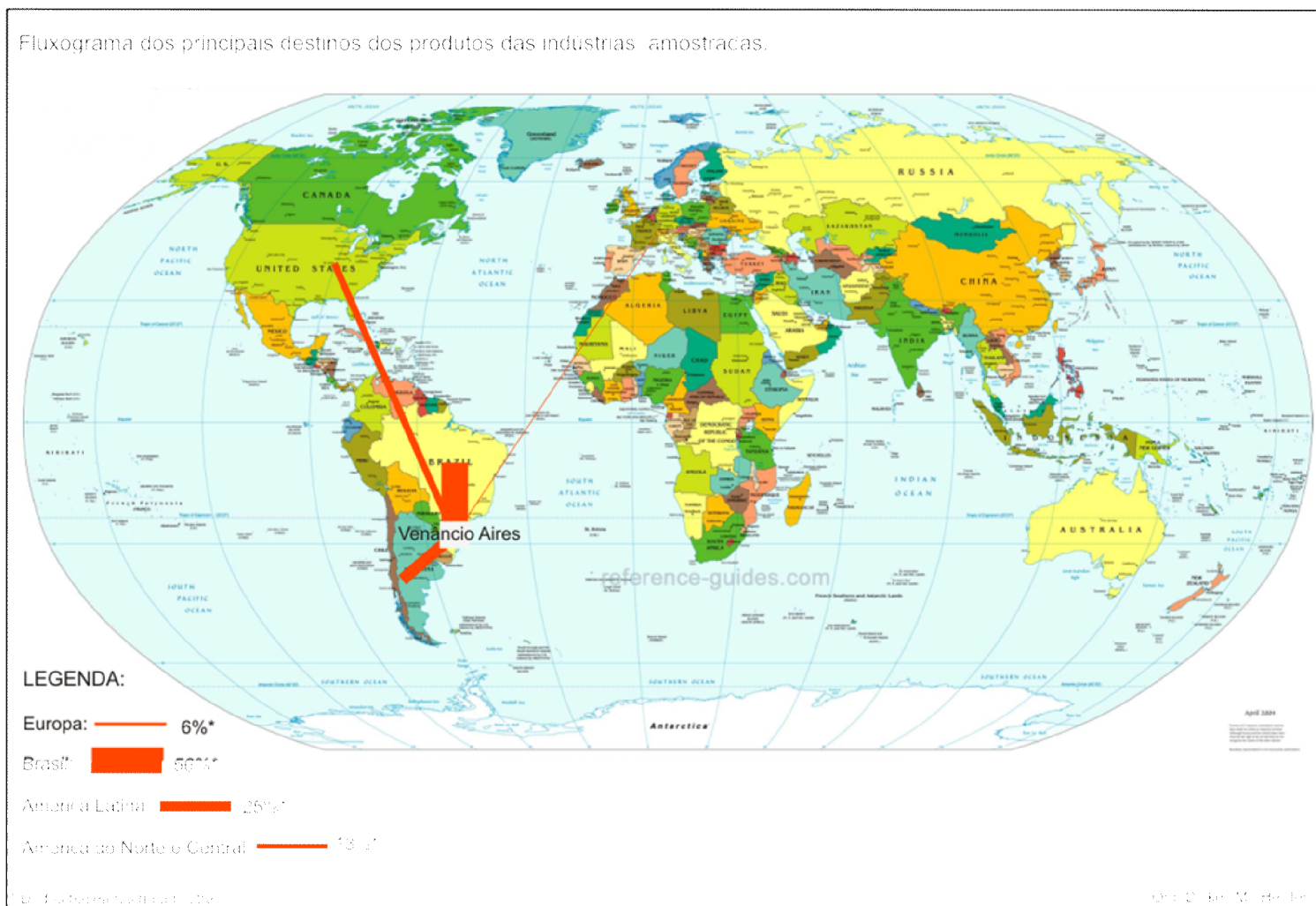


FIGURA 13: Mapa de fluxograma dos destinos da produção das indústrias amostradas de Venâncio Aires - RS.
 Fonte: www.reference-guides.com/ Acesso em março 2008. Org: Heisler, T.

Devido às novas exigências do mercado consumidor, acredita-se que em pouco tempo toda a carne será em cortes sem ossos, embalada a vácuo, conservando, dessa maneira, por mais tempo o produto.

A carne é um dos produtos mais tradicionais do Rio Grande do Sul. O território das antigas charqueadas possui cerca de 700 abatedouros de gado inspecionados, mantém o oitavo maior rebanho do país. É no Rio Grande do Sul também que se registra o maior consumo *per capita* de carne do Brasil. Fato esse que justifica a importação, principalmente, da costela, uma das partes mais consumidas no Estado. E a venda de outras partes para frigoríficos da região, que são autorizados a vender carne para outros Estados. É realizada a reinspeção, para depois fazer a comercialização.

A América Central e os Estados Unidos são a segunda área a receber a produção local, dando destaque aos países de fronteira com o Brasil. A Venezuela adquire uma grande parte dos eletrodomésticos produzidos em Venâncio Aires. Os fogões a gás são fabricados e enviados à Venezuela, onde lá são montados e comercializados. Na realidade, a indústria local é subcontratada das empresas venezuelanas, argentinas e uruguaias. Ainda há a exportação da marca própria para esses países, não só de fogões, mas de outros eletrodomésticos.

São, no total, 26.000 mil peças, entre refrigeradores e fogões a gás por mês. E 30.000 mil fogões à lenha por ano, muito utilizados na região sul do Brasil para aquecer as casas.

A produção e distribuição de alimentos não poderia existir sem a refrigeração comercial. É um segmento que vem se desenvolvendo rapidamente e de recente incorporação no mercado da refrigeração. Com a introdução de novos componentes e sistemas, as câmaras de resfriamento e frigoríficas, balcões, expositoras de bebidas e os demais equipamentos que contribuem para o bem-estar do consumidor são parte do ramo metal-mecânico.

Um dos melhores exemplos de utilização da refrigeração comercial é a dos alimentos pré-preparados ou congelados, que vêm ganhando cada vez mais espaço na vida moderna. E a indústria local é um pólo reconhecido em outras regiões do país nessa produção.

A Klina produz em torno de 400 peças por mês de produtos refrigerados e cozinhas industriais sob encomenda. Dessa forma, tendo a necessidade de um espaço maior para estocar a produção. A exportação para os Estados Unidos é de produtos para a refrigeração comercial. Além deste, ainda exporta produtos para a América Latina.

O fato de haver uma sazonalidade na produção diz respeito à venda para regiões litorâneas do Brasil. Questionando as indústrias sobre o porquê das vendas serem maiores no período que antecede o verão, estas responderam que os estabelecimentos comerciais realizam a troca para receber os turistas que costumam freqüentar o litoral brasileiro durante esta época do ano.

O crescimento expressivo da participação da agricultura orgânica no mercado nacional e internacional e a exigência do cumprimento de padrões mínimos de produção têm pressionado os produtores na busca de alternativas para o manejo da agricultura orgânica. Diante disso e de incentivos governamentais, o surgimento da indústria de insumos orgânicos se fez de maneira quase natural.

A Biovale conquistou os mercados latinos para os defensivos orgânicos. Os países como Uruguai e Argentina recebem também as caldas orgânicas para produção sem o uso de defensivos químicos. Alguns países da Europa estão utilizando experimentalmente os produtos. No último ano foram produzidos mais de 140 mil litros de caldas orgânicas.

O Estado do Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor de móveis no Brasil e responde por cerca de 26% da produção nacional. É também o segundo maior Estado exportador de móveis do país, responsável, em 2005, por 26,7% das exportações do setor (MICT, 2006). Além disso, o Estado conta com três principais regiões produtoras de móveis: Bento Gonçalves e arredores, Lagoa Vermelha e arredores e Região das Hortênsias, sendo que o Município de Bento Gonçalves se destaca como o principal produtor.

A maioria das empresas moveleiras do Estado fabrica móveis com base em madeiras processadas — *medium density fiberboard* (MDF), aglomerados e compensados —, sendo muito poucas as que produzem móveis de madeira maciça em larga escala.

A indústria de móveis para escritório P Projeto possui produção média, feita em valores, em torno de R\$ 100.000 por dia. Os produtos fabricados são móveis e cadeiras para escritório, pré-montados ou sob medida. Os mesmos são produzidos sob encomenda.

E por último, a Europa, que recebe somente um produto exportado, perfazendo 95% da produção da unidade da Alliance One. O tabaco é beneficiado e exportado para a fabricação de cigarros. Foi visitada somente uma indústria de tabaco, mas não existem muitas diferenças em relação a outras unidades do mesmo produto. O restante da produção é comercializado para países do Oriente. Esses, não somente adquirem o produto, como também a tecnologia de produção. A capacidade de produção de cada linha é de 14 mil quilos por hora, num total de 1 milhão de quilos por dia, 230 milhões de quilos por ano na Unidade de Venâncio Aires.

O fato do tabaco não ser exportado para os Estados Unidos, que são donos das indústrias estabelecidas na região, se dá porque aquelas que possuem unidades de fabricação de cigarros, o fazem aqui no Brasil, por exemplo, Souza Cruz e Philip Morris, conhecidas mundialmente (mas não possuem unidades em Venâncio Aires). Na indústria local não existe fabricante de cigarros, apenas o processamento do fumo.

A imigração alemã iniciou por volta de 1824, pela colônia de São Leopoldo, próxima a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. O fumo foi cultivado pelos colonos desde a chegada destes e muito além de suas próprias necessidades. Em 1832, já se instalaram pequenas fábricas de charutos em São Leopoldo e Porto Alegre.¹¹³ Mas a maior expansão da cultura se deu em torno de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz que acabou se tornando um pólo de produção em escala mundial.

O maior interesse da produção do tabaco foi do Governo Imperial, visando à exportação, pelo lucro do mesmo, e também o consumo interno. Houve grande empenho com a distribuição de folhetos explicativos sobre o cultivo e a doação de sementes.

¹¹³ Roche op.cit, p. 251

A cultura do fumo foi introduzida no Rio Grande do Sul com a finalidade de desenvolver as colônias de imigração e torná-la comercialmente viável. A produção do fumo se dá no interior da pequena propriedade rural através da utilização da força-trabalho familiar, tal como as demais culturas coloniais.¹¹⁴ Tal situação se mostra atraente até hoje, apesar da evolução e mudanças ocorridas nesse período.

Mas existem fatores que são próprios da região para promover o desenvolvimento da cultura e beneficiamento durante o século XX. Cita-se, o tamanho da propriedade (pequena propriedade rural), uma mão-de-obra até certo ponto especializada e implantação de infra-estrutura de beneficiamento. Tudo foi determinante para que essa atividade agrícola se desenvolvesse.

A cultura do tabaco sempre foi associada a outros gêneros alimentícios utilizados para consumo próprio e o excedente destinado à comercialização. Diante desse aumento de produção, houve a necessidade de se certificar o tabaco, A indústria fumageira do final do século XIX, além de incrementar o beneficiamento do fumo, que até 1919 era exportado de forma bruta, passou a fazê-lo de modo mais qualificado, através do emprego de processos mais modernos.¹¹⁵

Uma das primeiras indústrias de grande porte a se instalar em Santa Cruz do Sul foi a Souza Cruz, pertencente ao Grupo da British American Tobacco. Ela veio para Santa Cruz em 1918, Além desta outras indústrias de capital local se constituíram na região. A British Tobacco, nos anos 20, a impôs um padrão de beneficiamento para as demais empresas e uma orientação para a agricultura do fumo na direção preferencial de determinadas espécies.

Com isso as outras empresas locais com vistas de participar da concorrência, tiveram que adotar medidas parecidas, bem como novas técnicas para assim terem oportunidade de competir, caso contrário estes estavam sob ameaça de eliminação do mercado.

O processo de industrialização da região do tabaco esteve e continua a estar intimamente ligada a agricultura, esse sucesso possibilitou a exportação e o estímulo ao desenvolvimento das atividades de beneficiamento de produtos

¹¹⁴ Pesavento, 1988 p.194

¹¹⁵ Silveira, op.cit. p.67

primários, permitindo dessa forma o acúmulo de capital realizado pelos comerciantes. As atividades de “exportação” do fumo possibilitaram a acumulação de um excedente de capital nas mãos dos intermediários (comerciantes), a qual proporcionou subsequente as atividades industriais.

No nesse momento da chegada da BAT, havia uma corrida pelo domínio do mercado, assim como a formação de um monopólio mundial. O truste do tabaco, desde o dia de sua fundação, consagrou todos os esforços n o sentido de substituir, em largas proporções o trabalho manual pelo trabalho mecânico. Nesse sentido, comprou todas as patentes que tivessem qualquer relação com a preparação do tabaco tendo, para tal fim, despendido somas enormes.¹¹⁶



FIGURA 14: Recepção de fumo "in natura" na indústria Companhia Brasileira de Fumo em Folha, em Santa Cruz do Sul.

Fonte: Anuário Brasileiro do Fumo 2007, AFUBRA.

Tudo isso dita um novo modelo a ser seguido não só pela indústria, mas pelos produtores que fizeram as devidas adaptações na produção do tabaco. Essa situação permaneceu até as décadas de 20 e 30 do século XX. Havia poucas empresas manufatureiras que estavam concentradas nas áreas produtivas da cultura do tabaco e em grandes centros urbanos, como Rio Grande e Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul .

¹¹⁶ Lênin, V.I. O imperialismo: fase superior do capitalismo. Ed.4, São Paulo:Global, 1987

Até a década de 60 do século passado, se manteve esse panorama colocado acima, a partir daí teve o início á crise na cultura do tabaco e na indústria, como consequência das políticas de crédito adotadas pelo governo, restringindo o mesmo.

A crise da indústria do fumo enraiza-se na política antiinflacionária do governo federal, posta em prática desde 1962 e acentuada após 1964 com conhecidos efeitos negativos sobre a indústria nacional.¹¹⁷ Através dessas políticas houve um processo de desnacionalização da indústria do tabaco, gerando uma nova conformação do ramo agrícola, bem como uma estrutura do capital, vindo de outras partes do mundo.

O processo de desnacionalização da indústria do fumo em Santa Cruz do Sul foi por um lado, possibilitado pela crise da indústria fumageira, e por outro, pelas condições favoráveis á entrada de capital internacional oferecidas pela política econômica do governo, que ocorreram em períodos coincidentes. Com essa entrada de capital estrangeiro, trouxe uma garantia de fornecimento de tecnologia, aumento de produtividade e comercialização garantida.¹¹⁸

Devido à existência dessa zona produtora consolidado, a atividade industrial do tabaco, foi tomando o posto principal atividade, onde a presença do capital estrangeiro e as relações de produção se tornaram profundas. Com a entrada das agrofumageiras multinacionais, alterou-se, substancialmente, o comportamento da produção e do beneficiamento industrial do fumo... O resultado imediato dessas transformações foi um crescimento acelerado da produção e uma melhora substancial do produto local.¹¹⁹

A dominação também se processa com a comercialização da produção, retirando o vendeiro, ou comerciante presente no início . E agora com a indústria comprando diretamente do produtor e vendendo para compradores internacionais.

Foi a partir da internacionalização do setor e da chegada de empresas multinacionais, na década de 1970 e com aumento significativo da produção e do beneficiamento industrial do fumo, ampliando também a demanda de trabalho, que a

¹¹⁷ Montalli, op. cit. p. 64

¹¹⁸ Silveira, op. cit.

¹¹⁹ Ibidem, p. 82

atividade temporária teve acrescida a sua importância no processo de produção.¹²⁰ Isso tem gerado periferias com trabalhadores quase exclusivos da indústria, sendo que o período em que não estão na indústria sobrevivem de pequenos serviços (biscates) até recomeçar a safra na indústria.

O processo de desnacionalização da indústria do fumo em Venâncio Aires, como mostrado no Quadro 1, foi, por um lado, possibilitado pela crise da indústria fumageira, e por outro, pelas condições favoráveis à entrada de capital internacional, oferecidas pela política econômica do governo, que ocorreram em períodos coincidentes.

Essa entrada do capital estrangeiro trouxe a garantia de fornecimento de tecnologia, aumento de produtividade e comercialização. Devido à existência dessa zona produtora consolidada a atividade industrial do tabaco foi se tornando a principal, na qual presença do capital estrangeiro e as relações de produção se tornaram profundas. A atividade industrial acelerou o crescimento da produção. As multinacionais aperfeiçoaram o processo produtivo, almejando mais qualidade e principalmente, aumento da produtividade.¹²¹

Destacam-se como principais características, a sazonalidade e a divisão territorial do trabalho. Enquanto a produção rural (plantio, adubação, tratamentos culturais, combate às pragas, colheita e cura) é basicamente, realizada no segundo semestre do ano. O beneficiamento industrial é realizado nos primeiros seis meses do ano seguinte. A agroindústria fumageira, estrategicamente, combina assim a expropriação do sobre trabalho da mão-de-obra familiar dos pequenos produtores, quando da comercialização da safra com extração da mais-valia junto aos trabalhadores safristas no beneficiamento industrial.¹²²

Mas vale destacar que apesar de haver vínculo permanente, para o pequeno produtor essa cultura oferece os maiores lucros se comparado com outros produtos agrícolas, de forma que enfrentam o poder público para a permanência da produção e comercialização. Ainda lembrando que as indústrias se concentram no beneficiamento do fumo e na fabricação de produtos, como o cigarro.

¹²⁰ Ibidem, p.147

¹²¹ Montalli, op. cit. p.75.

¹²² Ibidem, p.149

Desnacionalização da indústria fumageira em Venâncio Aires/RS.

EMPRESAS INSTALADAS ATÉ 1965 (POR ORIGEM DO CAPITAL)	ALTERAÇÕES NA PROPRIEDADE DAS EMPRESAS ENTRE 1966 E 1974 (POR ORIGEM DO CAPITAL)	PROPRIEDADE DAS EMPRESAS - 1975-85 (POR ORIGEM DO CAPITAL)
Cia. Fumosul - 1946 (BRA) Rio Grande Tabaco Ltda. - 1936 (BRA) → Fábrica de Cigaros Florida S/A - 1955 (BRA) →	Cia. Fumosul - (BRA) Rio Grande Tabacalera - 1973 (ESP) ¹ Liggett & Myers do Brasil - 1973 (EUA) →	Cia. Fumosul - (BRA) Rio Grande Tabacalera - (ESP) Dibrell Brothers Inc. - 1931 (EUA) Cia. Tabasa - 1935 (EUA-ING) ²

PROPRIEDADE DAS EMPRESAS - 1985 (POR ORIGEM DO CAPITAL)	ALTERAÇÕES NA PROPRIEDADE DAS EMPRESAS ENTRE 1985 E 1994 (ANO DE CRIAÇÃO E ORIGEM DO CAPITAL)	ALTERAÇÕES NA PROPRIEDADE DAS EMPRESAS ENTRE 1995 E 2004 (ANO DE CRIAÇÃO E ORIGEM DO CAPITAL)	EMPRESAS INSTALADAS EM 2005 (ANO DE CRIAÇÃO E ORIGEM DO CAPITAL)
Cia. Fumosul - (BRA) → Rio Grande Tabacalera - (ESP) ³ Dibrell Brothers Inc. - 1935 (EUA) Cia. Tabasa - 1935 (EUA-ING) →	Universal Leaf Tobacco/26 - 1993 (EUA) ⁴ Rio Grande Tabacalera - (ESP) Dibrell Brothers Inc. - (EUA) Dibrell Brothers Inc. - 1991 (EUA) Continental Tobacco Alliance - 1994 (BRA) Brafumo - Ind. Brasileira de Fumo - 1994 (BRA)	Universal Leaf Tobacco (EUA) Diman do Brasil Tabacos - 1998 (EUA) → Estrela do Sul Tabacos Ltda. - 2001 (BRA) Continental Tobacco Alliance - (BRA) Brafumo - Ind. Brasil. Fumo Ltda. - (BRA)	Universal Leaf Tobacco - (EUA) Avance do Brasil Ex. Tabacos - 2005 (EUA) Estrela do Sul Tabacos Ltda. - (BRA) Continental Tobacco Alliance S.A. - (BRA) Brafumo - Ind. Brasil. Fumo Ltda. - (BRA)

1 Controlada pela Tabacalera Espanhola que a partir de 1978 passa a dividir o controle da empresa com a americana MBS Tobacco.

2 Controlada por parceria entre a americana Dibrell Brothers Inc. e anglo-americana British American Tobacco, através da Cia. do Souza Cruz.

3 Controlada por uma parceria entre a neerlandesa Dibrell Brothers Inc. e a anglo-americana British American Tobacco, através da Cia. do Souza Cruz.

4 A Cia. Fumosul foi comprada em 1992 pelo grupo inglês Cassara Services Ltd., que em 1993, repassou a para a empresa neerlandesa Universal Leaf Tobacco.

Fonte: SILVEIRA R. L. L. da. Complexo agroindustrial do fumo e tabaco.

A formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Parana - RS.

Tese de doutorado, UFSC, Florianópolis, 2007.

Org. Traço Heisler.

QUADRO 1: Quadro de desnacionalização da indústria fumageira de Venâncio Aires/RS.

Fonte: Silveira, op. cit. p.239. Org: Heisler, Traudi.

As exportações vêm mantendo um ritmo contínuo de crescimento, tornando cada vez mais sólida a posição do Brasil de maior fornecedor mundial desse produto. Em 2004, foram exportadas 588 mil toneladas, que geraram receita de US\$ 1,49 bilhão; em 2003, chegaram a 465 mil toneladas, com receita de US\$ 1,13 bilhão.¹²³

A reconhecida qualidade do tabaco brasileiro tem permitido uma gradativa ampliação do mercado, tanto em relação a clientes tradicionais como nos novos. Atualmente, o Brasil exporta cerca de 85% da sua produção para mais de 100 países. Entre os principais compradores estão União Européia (40% do total), Extremo Oriente (23%), Leste Europeu (13%), América do Norte (13%) e, ainda, África, Oriente Médio e América Latina. Individualmente, os Estados Unidos são o maior cliente, embora fixem cota de 80.200 toneladas para o Brasil¹²⁴.

Para as nações da União Européia, o aumento das exportações entre 2003 e 2004 ficou em 21,5%. Entre os principais clientes estão Alemanha, Inglaterra, Bélgica e Holanda. Para o Extremo Oriente, as vendas subiram, com crescimento de 61,5%, destacando-se China e Japão. Com países da África e do Oriente Médio, os negócios aumentaram 47%, enquanto na América Latina com elevação de 32,7%. Diante deste cenário, evidencia-se que houve incremento das exportações brasileiras de fumo para todos os mercados.¹²⁵

O posicionamento do Brasil como segundo maior produtor de fumo e maior exportador dessa matéria-prima gera consequências positivas para o País, em especial à região Sul, que concentra a quase totalidade da produção nacional.

De acordo com a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), dos 1.188 municípios da região Sul, 759 – ou 64% – plantam tabaco. A maior participação ocorre em Santa Catarina, onde 86% das 293 localidades estão envolvidas com a atividade.

¹²³ Anuário Brasileiro do Fumo, Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta, 2005.

¹²⁴ Ibidem

¹²⁵ Ibidem

3.4 QUESTÃO AMBIENTAL E INDÚSTRIA LOCAL.

O resíduo industrial é um dos maiores responsáveis pelas agressões ao ambiente. Alguns deles, como produtos químicos (cianureto, pesticidas, solventes), metais (mercúrio, cádmio, chumbo) e solventes químicos, ameaçam os ciclos naturais onde são despejados. Na grande maioria das vezes, os resíduos sólidos são amontoados e enterrados; já os líquidos, são despejados em rios próximos. Os gases são lançados sem tratamento no ar. Assim o ambiente e, conseqüentemente, os seres que nele vivem sofrerão as conseqüências.

Predomina, em muitas áreas urbanas, a disposição final inadequada de resíduos industriais. Por exemplo, o lançamento dos resíduos industriais perigosos em lixões, nas margens das estradas ou em terrenos baldios, o que compromete a qualidade ambiental e de vida da população.

Na área em estudo, a preservação do meio ambiente é levada a sério por um grupo de empresários locais. A falta de um lugar para depositar os resíduos industriais sólidos produzidos por algumas empresas do município motivou, em 1997, a criação da Fundação Ambiental de Venâncio Aires (Favan).

A iniciativa foi pioneira no Vale do Rio Pardo. A idéia de criar uma entidade direcionada à preservação ambiental no município foi apresentada, primeiramente, por dois empresários que possuem consciência ambiental, o que foi fundamental para a concretização do projeto. A Favan é integrada pelas fumageiras Continental Tobaccos Alliance (CTA), Universal Leaf Tabacos, Alliance One do Brasil e Brasfumo, pelas metalúrgicas Venax e Venâncio Aires, Móveis Projeto, Umbro e Fundação Venâncio Aires (Faires).

Dessas, três foram entrevistadas para o trabalho. A fundação dispõe de uma área de 18,5 hectares em que foram construídos dois pavilhões de 600 metros quadrados cada um para armazenar os resíduos industriais sólidos das empresas associadas. Na área da Favan, ainda foram plantadas 10 mil mudas de árvores nativas.

A fundação mantém todo um trabalho de análises periódicas no lençol freático para verificar a qualidade da água. O serviço é realizado por técnicos de

uma universidade da região. Todo esse trabalho desenvolvido pela Favam pode ser conferido pela sociedade local.¹²⁶

Os resíduos do abate (sangue, vísceras, sobras de gorduras e carcaças condenados pela vigilância sanitária) dos bovinos do frigorífico entrevistado são recolhidos por uma empresa da região, especializada no processamento e na fabricação da farinha de osso. O recolhimento é feito diariamente, após terminado o abate. O couro é vendido separadamente para empresas que fazem seu curtimento. Quanto menos furos e cortes houver maior é o valor pago. Há um cuidado grande em toda cadeia produtiva da carne na preservação do couro, desde a criação até o abate, além de ser um ramo industrial antigo, como vimos nos capítulos anteriores, e ter alto valor “in natura”.

A Klimatec refrigeração faz o encaminhamento de seus resíduos, como o líquido dos tanques de imersão, para outras empresas especializadas em resíduos industriais, autorizadas por órgãos ambientais. São produtos altamente poluentes, com metais pesados utilizados para impermeabilizar carcaças de refrigeradores.

O reaproveitamento da água acontece através de tanques com filtros e também da água da chuva. A indústria está localizada no perímetro urbano, não tendo um espaço maior para acondicionar mais sistemas de tratamento. Com a contemplação do projeto da ONU para redução de usos de CFC's, a indústria passou a utilizar somente gases ecológicos e materiais expansivos recicláveis.

Todo material reciclável é vendido para sucateiros devidamente autorizados a fazer a coleta e a compra. Isto foi necessário para que a contemplação do projeto da ONU fosse possível. Aqui são seguidas as regras internacionais de produção industrial, assim como na produção orgânica (Biovale).

A Refriate ainda não possui um sistema efetivo de gestão de resíduos. O recolhimento do lixo reciclável é feito por catadores próximos à empresa. A mesma está implantando uma forma de gestão de resíduos eficiente, devido à recente troca da planta industrial.

¹²⁶ Jornal Gazeta do Sul. Guia Socioeconômico 2004, p.60.

As indústrias de confecções têm poucos resíduos. Ambas fazem a doação dos rejeitos de tecidos a entidades filantrópicas, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) local, para confecção de tapetes e outro artesanatos, e que são comercializados pela entidade. Fios e demais resíduos são recolhidos pelo serviço municipal de lixo.

4. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE VENÂNCIO AIRES

A partir da revolução industrial no século XVIII, as cidades começaram a adquirir os aspectos que apresentam atualmente, resultado, em parte, da consolidação da produção industrial. Desde essa época, os lugares dominados ou influenciados por esse sistema de organização do trabalho humano passaram a apresentar, como característica principal, a concentração de pessoas com o desenvolvimento das fábricas.

A cidade, que anteriormente concentrava apenas atividades comerciais ou era o lugar de concentração de poder político e militar, tornou-se também um espaço de produção, transformando inclusive as formas de se organizar o trabalho no campo, que teve de se reestruturar para abastecer as crescentes necessidades de alimentos e matérias primas das cidades.

O crescimento físico da cidade, resultante do aumento econômico e demográfico, se traduz em sua expansão, através de diversos equipamentos urbanos. Muitas vezes, resultando em renovações urbanas, quando construções existentes são substituídas por outras, mais adequadas às novas atividades pretendidas, em locais dos quais são expulsas as atividades anteriores.

A industrialização permitiu que houvesse o alargamento econômico das cidades, devido às economias de escala, que permitiram que a produção chegasse aos mais diversos e longínquos lugares. As evoluções das técnicas, em conjunto com a cultura do consumo, se tornaram fatores de grande importância no processo de distribuição espacial da indústria.

A concentração das atividades industriais provocou uma reconcentração espacial. A partir do momento em que a classe trabalhadora procura habitar regiões próximas as fábricas, visando, dessa maneira, encurtar distâncias entre a indústria e a casa.

A partir de 1970, os padrões de localização das indústrias começaram a se alterar fortemente. Nos países de industrialização recente, após um histórico processo de concentração industrial em um número limitado de cidades ou

metrópoles dominantes, vem ocorrendo, nas últimas décadas, o enfraquecimento dos processos de polarização, com a emergência de áreas industriais e rápido crescimento em cidades de porte médio e pequeno.¹²⁷

No Brasil, o surgimento de novas áreas industriais foi em parte promovido pelo crescimento da infra-estrutura econômica, dos transportes e das telecomunicações, resultando na unificação do mercado nacional. Esse processo foi determinante para que houvesse a descentralização industrial. Nesse sentido, se faz urgente promover o entendimento da organização espacial.

Os estudos sobre a organização espacial mostram que ela é materialidade social. Termo este utilizado por Corrêa e que, segundo ele, é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem. Isso faz parte da construção histórica local, através da transformação do espaço e da sociedade.¹²⁸

Fazendo uma análise da organização do espaço urbano de Venâncio Aires, podemos perceber que este ainda mantém muitos traços de seu surgimento. A figura 16 apresenta um zoneamento feito pelo poder público municipal. Juntamente com o zoneamento, temos a figura 20, que mostra o crescimento do perímetro urbano. Através da análise conjunta dessas figuras, teremos informações mais detalhadas da organização espacial local.

O mapa utilizado foi adaptado para o presente trabalho, havendo o aproveitamento do zoneamento realizado pelo poder público municipal. Esse zoneamento coincide muito com a configuração empírica da cidade e a localização dos equipamentos urbanos.

A área central ou Zona Comercial 1 concentra as atividades comerciais mais relevantes, como agências bancárias, lojas de departamento, supermercados, móveis e eletrodomésticos. É a parte mais antiga da cidade, onde começou a se formar o núcleo urbano. Desde o princípio da colonização até os dias atuais, a área central continua com a mesma função, a de ser referência para o comércio e a prestação de serviços (figura 15).

¹²⁷ Diniz, C. C. & Crocco, M. A. Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. Nova Economia, v.6, n.1, Belo Horizonte, julho de 1996. p.78.

¹²⁸ Corrêa, R. L. Organização espacial e região. SP: Atica, 1987, p. 53.

Nos últimos anos, alguns pontos da área central vêm sofrendo modernizações. Os prédios mais antigos estão sendo substituídos por novos, surgindo a verticalização no intuito de promover a valorização imobiliária dessa parte da cidade. A expansão dos serviços urbanos, localizados nessa área acontece de forma lenta e esparsa para as demais regiões da cidade.



FIGURA 15: Igreja Matriz São Sebastião Martir, na área central da cidade.

Fonte: Programa Google Earth; acesso em maio de 2008.

A zona comercial 2 ou “ZC2” representa as áreas de comércio recentemente surgidas, ao longo de ruas que servem de ligação para áreas residenciais de trabalhadores (figura 16). Estão localizadas nos bairros mais povoados e que nos últimos anos tiveram um grande número de novos imóveis. Estão próximas de áreas industriais. O tipo de comércio é de lojas de confecções, supermercados, vídeo locadora, etc.

A Zona Residencial Comercial “ZRC” se localiza em torno da área central. É onde estão as residências de alto padrão e o comércio dos mais variados tipos. É uma área que se formou a partir de 1960, quando as residências eram de grandes comerciantes, empresários e prestadores de serviços, como médicos e advogados.

Nessa zona, encontramos uma distinção acentuada do poder aquisitivo dos proprietários, revelando, dessa forma, uma segregação residencial, se a compararmos com as zonas criadas recentemente e que estão localizadas aos

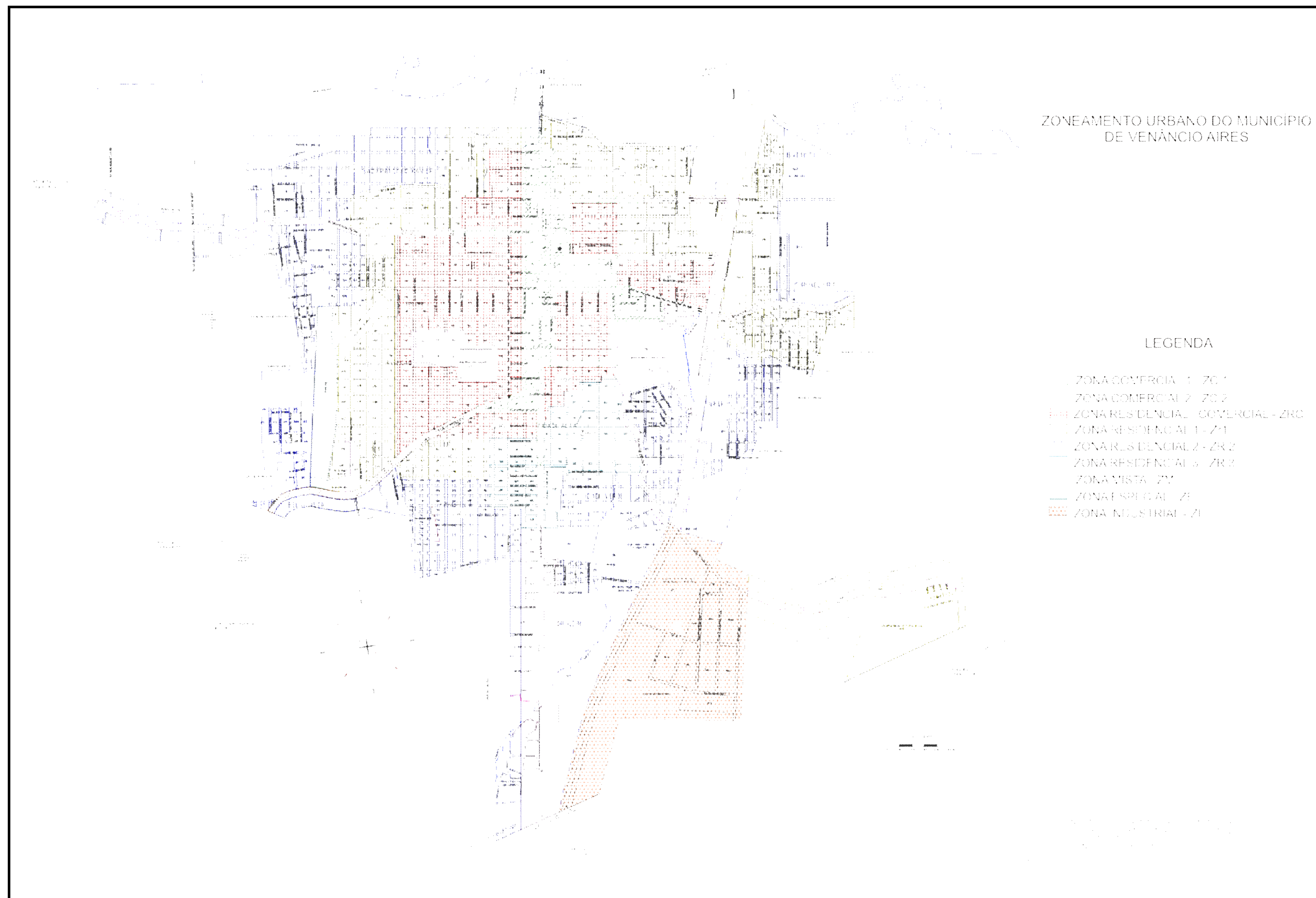


FIGURA 16 - Mapa de Zoneamento do espaço urbano de Venâncio Aires/RS.
Fonte: Prefeitura Municipal de Venâncio Aires. Org: Heisler, Traudi.

redores das antigas indústrias. Aqui foi onde a atividade industrial se iniciou e os seus resquícios ainda se encontram preservados. Alguns prédios ainda são utilizados por pequenas indústrias.



FIGURA 17: Imagem da Zona residencial e comercial de Venâncio Aires.
Org: Heisler, Traudi.

A Zona Mista ou ZM concentra a localização de indústria dentro de áreas residenciais. Estas surgiram numa época em que as residências eram poucas e não havia uma definição clara das áreas especiais para determinada atividade. São indústrias que surgiram nos anos de 1970 e que hoje ocupam partes consideráveis da área urbana. Com o tempo, a população trabalhadora foi se instalando nos redores dessas indústrias. Uma delas é a Alliance One, que se localiza na área urbana residencial. A mudança da planta industrial para outra área é inviável pelo tamanho da mesma. No mapa, ela está localizada no bairro Macedo.

Na zona Residencial 3 ou ZR3, se encontra a área de residências de alto padrão, surgida nos últimos dez anos. É uma área adicional da ZRC, que foi se valorizando. É onde os novos empresários e prestadores de serviços escolhem para fixar residências. Consultando num jornal local o valor de alguns dos imóveis dessa zona, estes vão de R\$ 250 a R\$ 500 mil reais.

A Zona Residencial 1 ou Zr1 corresponde a áreas adjacentes à ZRC. São espaços de ocupação residencial, pequenas oficinas e indústrias, além do campus

da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E, futuramente, haverá ali a instalação de uma escola técnica federal.

A área da Unisc foi incorporada em 1996 e localiza-se ao longo da RS 287. O avanço na ocupação desse espaço deve-se à instalação do campus da Universidade de Santa Cruz do Sul. A partir dessa zona de expansão é que o perímetro urbano está se concentrando, devido às atividades de prestação de serviços e às educacionais de nível superior e técnico estarem se instalando, pois existe uma demanda considerável para esse tipo de serviço.

A Zona Residencial 2 ou ZR2 concentra as áreas residências de menor valor. Além de serem lugares periféricos de trabalhadores das indústrias locais. Concentram-se os loteamentos de moradias populares promovidos pelo poder público, bairros próximos às maiores indústrias, a fumageiras que contratam um número grande trabalhadores durante a safra.

Este setor se caracteriza por uma área concentradora da população menos favorecida financeiramente, devido ao preço dos terrenos. Incluem-se algumas áreas loteadas clandestinamente e que não possuem infra-estrutura completa. Além de serem áreas afastadas do centro urbano de Venâncio Aires.

A Zona Industrial ou ZI está localizada ao longo da RST 453, onde está incluído o Distrito Industrial (conforme figura 11) e outras indústrias. Esta zona da área urbana possui alta concentração industrial e também loteamentos residenciais no seu entorno. O Distrito Industrial está infra-estruturado com todos os serviços necessários, principalmente no que diz respeito ao escoamento e a entrada de matérias-primas nas indústrias.

As indústrias que se localizam no Distrito Industrial são de médio e pequeno porte. Uma definição para este tipo de empreendimento mostra que este é caracterizado como um agrupamento de empresas, geralmente pequenas, no qual os recursos compartilhados são de vários tipos, entre diversos agentes econômicos locais, favorecendo a produção local e a prática da inovação. Estão concentradas em torno do Distrito Industrial fábricas metal-mecânicas (figura18), de alimentos, de bebidas e as fumageiras, que são as maiores plantas industriais do município. As

novas indústrias estão aproveitando esta área para instalar suas plantas no intuito de aproveitar principalmente a localização.



FIGURA 18: Indústria instalada no Distrito Industrial.

Fonte: www.venax.com.br; acesso em maio de 2008.

E, por último, há a Zona Especial ou ZE, onde se localiza o aeroclube da cidade. Atualmente utilizado para cursos de pilotagem, pouso e decolagem de pequenas aeronaves .

Aliada à figura 16 sobre o zoneamento, tem-se a figura 20, que mostra a expansão do perímetro urbano, o surgimento da vila e o adição de novas áreas ocupadas na formação do espaço urbano de Venâncio Aires. A formação do mesmo é regulamentada por lei municipal, sendo que foi nas leis de criação do perímetro urbano que o mapa foi realizado.

O primeiro núcleo urbano e sub-urbano foi regulamentado em 1952. É onde hoje se localiza a parte mais central e antiga da cidade. A forma da malha urbana das cidades de colonização alemã foi idealizada pelo Governo Nacional, que utilizou técnicos lusos que fizeram os desenhos de acordo com normas das colônias de Portugal. Este tipo de planejamento urbano ocorreu em várias cidades do Rio Grande do Sul, como São Leopoldo, Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. ¹²⁹

¹²⁹ Roche, J. op. cit. p.218.

A planta dessas cidades possui características próprias de cidades pequenas, com ruas retilíneas que se cortam paralelamente em ângulos retos, observando a figura 05. O lugar para se estabelecer a cidade ou a sede era alguns lotes rurais reservados, delimitados geometricamente e divididos em quadrados iguais e contíguos de 100 metros de lado. Juntamente com as medições das quadras da cidade, também eram medidas as quadras menores, reservadas para as praças, que tinham 20 x 50 metros.¹³⁰

Toda essa rigidez na demarcação e construção das cidades fez com que elas tivessem pouca expressão própria ou Germânica, devido às normas oficiais e aos códigos oficiais, que condicionavam a forma da cidade. A figura 05 mostra uma parte da planta urbana do município de Santa Cruz do Sul, que como Venâncio Aires também possui um traço semelhante, no qual se destacam algumas características, como o alinhamento rígido das casas, que favorecia o surgimento de grandes jardins e também a arborização das ruas.¹³¹

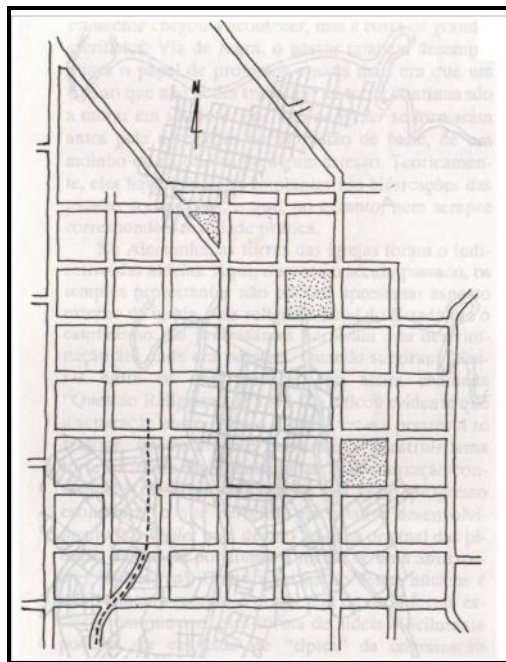


FIGURA 19 - Planta da cidade de Santa Cruz do Sul/ RS.

Fonte: Günter Weimer (org.), Urbanismo no Rio Grande do Sul.

Organização: Traudi Heisler

¹³⁰ Roche, J. op. cit. p. 218.

¹³¹ Weimer, G. Urbanismo no Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1992.

As manchas de 1970 são compostas por quatro áreas alongadas que se constituem de ocupações ao longo de vias importantes da cidade, uma continuação da área suburbana realizada nas principais saídas da cidade.

As áreas localizadas a oeste se constituem de ligações feitas entre a zona rural e a zona urbana do Município. Essas são vias de acesso e saídas da cidade, muito utilizadas para o escoamento dos produtos agrícolas, principalmente erva-mate e o fumo, que são levados para as indústrias de beneficiamento na cidade. Devido aos grandes fluxos dessas vias, esses trechos começaram a ser valorizados, acelerando a ocupação.

Atualmente as funções dessas vias de trânsito rodoviárias começaram a mudar. Além de serem usadas como ligação entre o meio rural e meio urbano, servem de conexão para bairros surgidos recentemente. Os arredores já foram tomados pela ocupação e foram incorporados ao perímetro urbano e servem de ligação intra-urbana.

A mancha urbana, que corresponde ao ano de 1991, está composta por várias áreas. A mais importante corresponde à área onde atualmente está instalado o Distrito industrial, localizado ao sul da cidade, ao longo da RST 453. O Distrito Industrial está infra-estruturado com todos os serviços necessários, principalmente no que diz respeito ao escoamento e à entrada de matérias-primas nas indústrias. Por estar localizado próximo a um entroncamento de duas rodovias estaduais, as RS 453 e 270, o acesso é fácil e evita maiores transtornos.

As outras manchas de 1991, conforme mostra o mapa da figura 13, correspondem a uma ocupação contínua exercida pelos migrantes que a cidade de Venâncio Aires atrai. Devido à especulação imobiliária, essas áreas novas possuem grande interesse pelo seu baixo preço, quase sempre acessível a trabalhadores de pouca remuneração.

A mancha de 1998 faz parte das últimas áreas incorporadas ao perímetro urbano da cidade de Venâncio Aires. Este setor surge em função de loteamentos particulares feitos para valorizar o solo urbano. Essa área é de característica rural, pois se localiza numa faixa de transição do urbano para o rural e está próxima à área industrial 2.

E a última mancha incorporada corresponde ao ano 2000. Este setor se caracteriza por uma área concentradora da população menos favorecida financeiramente, devido ao preço dos terrenos. Está localizado nas proximidades do Distrito Industrial.

4.1 CARACTERÍSTICAS DA MÃO - DE - OBRA NAS INDÚSTRIAS DE VENÂNCIO AIRES/RS.

Os novos requisitos exigidos para a contratação da mão -de-obra têm em vista os processos produtivos e organizacionais, bem como os impactos da situação de aumento da competitividade e de mundialização das economias. Verifica -se, dessa forma, que as tecnologias da informação e das comunicações têm conduzido à industrialização dos serviços, à inovação organizacional e a novas formas de comercialização de bens e serviços.

O emprego nas indústrias manufatureiras está declinando devido a certas formas de reorganização da produção, que afetam os níveis de emprego. A intensificação do trabalho, a racionalização da produção e do investimento e a mudança técnica são visíveis nas indústrias de Venâncio Aires.

Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul, as duas maiores cidades do Vale do Rio Pardo, foram responsáveis por 56% das empresas e por 59% dos empregos industriais criados na região, entre 1996 e 2003. Em Venâncio Aires, o desempenho foi respectivamente de 55,13% e 11,29%. Devido à economia diversificada, estruturada não apenas no setor fumageiro, mas também no setor metal -mecânico e metalúrgico, que se manteve em 2003 como o segundo mais importante, respondendo por 18,69% das empresas e por 25,81% dos empregos industriais na região. ¹³²

¹³² Silveira, R. L., op. cit. p. 478 e 479.

A tabela 1 mostra o número total de indústrias durante seis décadas e o número de empregados nessas indústrias. O aumento é considerável de 1980 até 1990, quando houve um grande incremento de postos de trabalho em função da indústria internacional do tabaco.

Tabela 1 - Número de indústrias e pessoas ocupadas em relação à população total entre 1940 e 2000 em Venâncio Aires/RS.

ano	número de indústrias	número de empregados	população total
1940	80	309	28.205
1950	161	759	31.405
1960	212	1.053	39.612
1970	170	2.374	43.734
1980	128	4.390	48.274
1990	211	12.252	55.482
2000	235	27.637	61.234

Fonte: Censos IBGE, 1940 a 2000.

Durante a década de 1980 aconteceu a instalação do distrito industrial, a reativação da indústria de eletrodomésticos e de outras. Na amostra do presente trabalho, o maior número de criação de indústrias ocorreu na década de 1990. As mais recentes, em sua maioria, são menores e possuem um número menor de empregados.

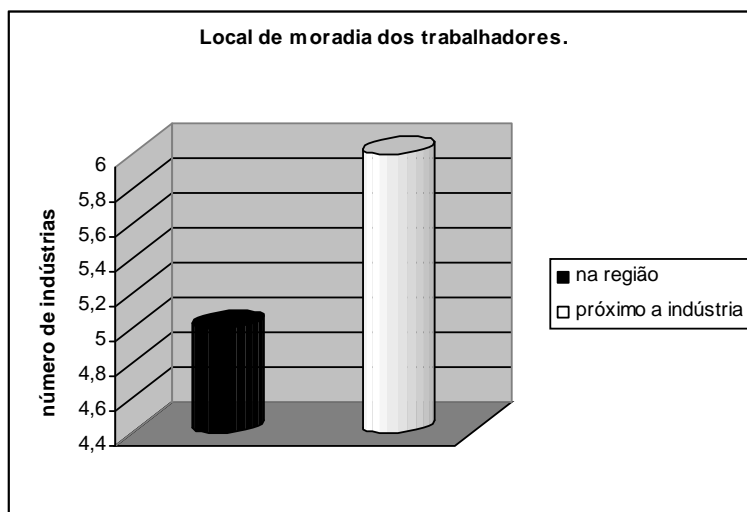


FIGURA 21 - Local de moradia dos trabalhadores das indústrias amostradas de Venâncio Aires/RS.

Fonte: Dados da pesquisa de campo. Org: Heisler, Traudi.

Utilizando os dados fornecidos pelas onze indústrias amostradas neste trabalho, tem-se a figura 14, que mostra o local de moradia dos trabalhadores. As

mesmas não possuem precisamente o número de funcionários moradores de cada bairro. A maior parte das indústrias confirmou que seus trabalhadores residem próximos, não sendo necessário a utilização de transporte público para chegar ao trabalho. As que utilizam mão-de-obra da região são as indústrias com maior número de empregados e que fornecem vale transporte ou contratam empresas para fazer o deslocamento de seus empregados.

Algumas indústrias menores argumentaram que seus empregados não utilizam transporte público, pois os horários disponibilizados pelas empresas não condizem com o horário das indústrias. Sendo que, dessa forma, se vêem sem muitas alternativas. Muitos dos horários de linhas são adaptados ao funcionamento das indústrias do tabaco; os horários das mesmas são diferentes das outras indústrias.

Os bairros dos trabalhadores são aqueles que já foram referidos anteriormente, quando analisada a organização da cidade. São as zonas residenciais 1 e 2, onde se localizam a maior parte das habitações de rendas inferiores.

A figura 15 diz respeito à sazonalidade da produção. As indústrias de tabaco e de refrigeração comercial possuem períodos em que são contratados funcionários temporários. Em relação ao fumo, esse não deve ficar muito tempo exposto às intempéries climáticas, precisando ser acondicionado corretamente para não perder suas características.

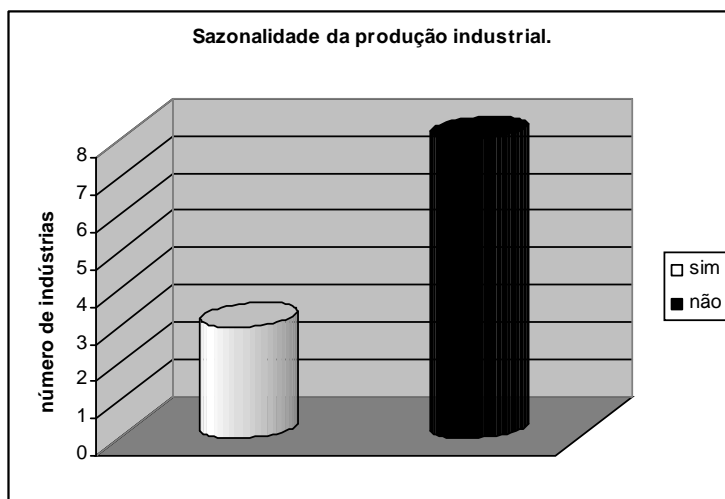


FIGURA 22 - Sazonalidade da produção e contratação de funcionários das indústrias amostradas em Venâncio Aires/RS.

Fonte: Dados da pesquisa de campo. Org: Heisler, Traudi.

As indústrias de refrigeração comercial têm uma produção acentuada no período que antecede o verão. Por não possuírem estoque e realizarem a produção de acordo com as vendas esse período têm um aumento considerável na contratação de mão-de-obra. Os eletrodomésticos de linha branca são produzidos e estocados, inclusive por serem exportados. Os fogões à lenha tem um período maior de vendas antes e na entrada do inverno.

Estas indústrias fazem a produção contínua durante o ano, sendo que a necessidade de contratar funcionários temporários acontece sem muita freqüência. As indústrias têxteis fazem as entregas sempre antes de iniciar uma nova estação. Durante a estação, fazem a confecção da próxima estação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos propusemos aqui a realizar um estudo da sociedade local, partindo de sua formação sócio-espacial colonial. De acordo com as informações históricas levantadas, a primeira consideração diz respeito à colonização alemã de grande parte do município, que deu características peculiares ao desenvolvimento local.

A formação histórica e materialista da área em estudo se insere no processo de colonização da região sul do Brasil. Num Estado onde a atividade econômica principal era a agropecuária, o surgimento de uma nova forma de produzir e abastecer as grandes propriedades, através de pequenas porções de terras, parecia não se concretizar.

Passados muitos anos, o que vemos são áreas altamente industrializadas, com concentração populacional e economicamente desenvolvidas. No primeiro momento, os alemães trouxeram na bagagem um cenário de formação feudal, a partir de suas relações.

No segundo momento, a partir da instalação de inúmeras indústrias, fomentadas pelo capital comercial, passamos a uma economia baseada na capitalização industrial. O desenvolvimento de todo esse processo faz com que Venâncio Aires, atualmente, integre o pólo mundialmente reconhecido das indústrias fumageiras.

A rede de comércio, posteriormente formada e que serviu para fomentar o desenvolvimento das atividades industriais, foi que impulsionou não só a indústria regional como estadual. As áreas de maior concentração industrial estão nas zonas colonizadas por alemães e italianos.

Não podemos negar que a cultura do fumo foi de suma importância para o atual panorama da indústria local. Além deste, outros tipos de indústrias, instaladas no passado e que acabaram sendo substituídas pela modernização dos produtos, a erva-mate e a banha de porco, também tiveram sua importância.

Atualmente, as indústrias do tabaco são as maiores geradoras de divisas fiscais e movimentam intensamente o comércio local. A maior geração de empregos

se concentra na indústria, ainda que sazonalmente. A principal consideração a fazer é sobre a população rural. Em torno de 25 % da população total se concentra no meio rural. Sem a cultura do tabaco, este percentual seria bastante reduzido. Fazendo a comparação com outras culturas, esta é a mais lucrativa, pois não há a necessidade de grandes porções de terras e a mão de obra utilizada é a familiar.

O processo de desnacionalização, que ocorreu por um período na indústria do tabaco, extinguiu a indústria de capital nacional e/ou local. A partir de 2000, novas unidades de processamento de capital misto ou nacional surgiram. Adquirem o fumo através de compradores independentes e fazem a venda para grandes indústrias. São pequenas indústrias. Têm um número pequeno de funcionários e atendem somente na região.

Mas as indústrias fumageiras do Rio Grande do Sul estão enfrentando dificuldades em relação à desvalorização do câmbio, pois elas exportam quase que totalmente sua produção. O não ressarcimento de créditos de exportação pelo governo do Estado está provocando a transferência das mesmas para Santa Catarina.

A metalurgia, outro ramo de atividade muito presente na área em estudo, não surgiu recentemente. As primeiras indústrias do ramo foram de fogões à lenha. Iniciaram suas atividades na metade do século XX e o enfraquecimento do mercado deste produto fez com que houvesse o fechamento de unidades industriais e a criação de novos produtos e ramos, como a refrigeração comercial.

A especialização do ramo de refrigeração comercial fez com que fosse reconhecido um pólo regional de produção e tecnologia na área. A união de empresários, em busca de novos resultados, foi fator fundamental para o sucesso dos produtos. Aqui, vale incluir que o início se deveu à necessidade de fornecer equipamentos às indústrias do fumo, na década de 1990.

Nas atividades metal-mecânicas pode-se observar sua inserção no comércio mundial, através da compra da matéria-prima de outros países. Uma estratégia de competitividade entre elas, pela redução do custo de produção e o aproveitamento de ramos ainda pouco desenvolvidos no Brasil.

O reflexo da implantação da refrigeração comercial está agora numa fase em que há necessidade de empregado e da criação de cursos técnicos. Um primeiro passo está sendo dado com a escola técnica federal, que possui cursos de formação para áreas de metalurgia e refrigeração. Em função de trabalhadores com experiência ou especializados, se fez necessário a implantação d esse tipo ensino técnico.

As áreas recentemente incorporadas ao espaço urbano de Venâncio Aires. Resultam de sua atual condição econômica, diante da consolidação da agroindústria fumageira, metalúrgia e de confecções. A valorização de imóveis está tornando a cidade cada vez mais segregada, principalmente por trabalhadores com formação superior, que possuem rendimentos maiores e que têm privilégios na localização de suas casas. São áreas próximas à região central de comércio e prestação de serviços.

O crescimento da população, principalmente na área urbana, não se deveu somente à migração rural urbana, mas às migrações feitas em busca do trabalho nas indústrias da cidade. Primeiro pela indústria fumageira, que tem necessidade de um grande número de colaboradores, sem especialização ou experiência. E pelas indústrias metal-mecânica e de confecções, que têm necessidade, principalmente, de especialização.

Existem muitas indústrias únicas, que se instalaram como fornecedores para outras indústrias. Exemplos são a fabricação de vidros curvos para a refrigeração comercial, a usinagem de precisão para a indústria mecânica, as fibras de carbono e vidro para a metalurgia. Todas essas e mais outras formam um quadro diversificado da pequena indústria local.

No âmbito político, os incentivos para a instalação de novas unidades industriais no município são maciços. Das mais variadas formas, por projetos de lei e obras de infra-estrutura e créditos para o financiamento.

A localização das indústrias em Venâncio Aires, as sim como na maioria das cidades industriais, contribuiu para organização espacial local. Os bairros de trabalhadores estão próximos das mesmas ou, então, nos redores do perímetro urbano.

A configuração da cidade é muito parecida com as de estudos feitos por vários pesquisadores em geografia urbana, mostrando as diferentes localizações dos serviços, bairros residenciais de distintos padrões econômicos, possíveis áreas de crescimento e localização das zonas industriais.

Desta forma Venâncio Aires é parte importante no desenvolvimento econômico regional quanto nacional. Durante o período analisado, observou-se que a formação do espaço e da sociedade se fez através de um conjunto de variáveis de distintas escalas geográficas, articuladas entre si e que configuraram a organização e o uso desse espaço.

Ao longo desse processo da formação sócio-espacial, estavam lado a lado o antigo e o novo, em constante adaptação. Esse movimento é responsável, em parte, pela continua mudança da sociedade de Venâncio Aires, resultando, dessa maneira, na sua atual organização espacial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DO FUMO - 2003, 2004, e 2005. Santa Cruz do Sul: Gazeta Grupo de Comunicações, RS.

BÄHR, J. & MERTINS, G. **Um modelo de la difereciación sócio-espacial de las metrópolis de América Latina**. In Revista Geográfica, n.98. México, julio -diciember, p. 23-29, 1983.

BRUMER, S. **Estrutura, conduta e desempenho de mercado da indústria metal - mecânica gaúcha**. Porto Alegre, FEE, 1981.

CASTILHOS, C. C & PASSOS, M. C.(org). **Competitividade e inovação na indústria gaúcha**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, Porto Alegre, FEE, 1998.

Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul – 1824-1924. Tradução de Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Ed.Unisinos,1999 .

CORREA R. L. **Organização espacial e região** . São Paulo: Atica, 1999.

_____. **Redes urbanas**. São Paulo: Atica, 1999.

_____. **Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira**. ANAIS- ANPUR (IX encontro), v.3,2001.

_____. **Corporação e organização: um estudo de caso**. **Revista Brasileira** 1999.

_____. **O Espaço Urbano**, 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, A. B. da & PASSOS, M. C. **Crescimento e crise na indústria gaúcha: 1959-85**. Ensaio FEE, Porto Alegre 8 (1):3 – 20, 1987.

COSTA, A. B.da. **Inovações e mudanças na organização industrial** . Ensaio FEE, Porto Alegre, v.21, n.2, p. 7-31, 2000.

COSTA, R. H. da. **Latifúndio e identidade regional** . POA: Mercado Aberto, 1988. **de Geografia**. Rio de Janeiro: FIBGE, vol. 53, nº. 3, jul./set., 1991.

DICK, O. **História de Mato Leitão**. (tradução de Wolfgang Hans Collischonn), Mato Leitão, 1999.

DINIZ, C. C. & CROCCO, M. A. **Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira** . Nova Economia, v.6, n.1, Belo Horizonte, julho de 1996.

do Sul: 1824 – 1924. Tradução: Rambo, A. B. São Leopoldo: Editora Unisinos,

DOBB, M.H. **A evolução do capitalismo** . Tradução de Manuel do Rego Braga. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.

FEE. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. **Censos do RS 1803-1950**. Porto Alegre, 1981.

FEE. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. **Censos do RS 1960-1980**. Porto Alegre, 1984.

FINKLER, A. **Os imigrantes alemães em Venâncio Aires**. REDES, Santa Cruz do Sul, v.4, p.25-33, ago.1999.

FIORAVANTE, E. (et al). **Conceito de modo de produção**. Tradução de Philomena Gebran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GROS D. B. **Burguesia industrial gaúcha e o estado nacional 1964 -1978**. Porto Alegre: FEE. RS nº 12, 1987.

KON, A. **Economia Industrial**. São Paulo: Nobel, 1999.

KREMER, A. C. (et al). **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. Porto Alegre:Globo, 1969.

LAGEMANN, E. Imigração e industrialização. In: DACANAL, J. H. (Org.). **RS: Imigração & colonização**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1996, p.114-134.

LANDO, A. M. e BARROS, E. C. **A colonização no Rio Grande do Sul - Uma interpretação sociológica**. Porto Alegre: Ed. Movimento/IEL, 1976.

LAYTANO, D. de. **Origem da propriedade privada**. POA:Martins Livreiro, 1983.

LIMA, R. S. de. **Notas á margem da estrutura industrial do Rio Grande do Sul**. Ensaio FEE, Porto Alegre, v.24, n. 1, p. 49 -92, 2003.

MAMIGONIAN, A. **A industrialização da América Latina: o caso brasileiro**. Fundamentos para o ensino de geografia. Seleção de textos, governo do Estado de São Paulo, p. 83-88, SP, 1989

_____. **Revista Brasileira de Geografia**. Estudo Geográfico das Industrias de Blumenau. Jul-set. 1965.

_____. **Teorias sobre a industrialização**. Cadernos Geográficos. UFSC. nº 1.maio 1999, Florianópolis; 1999.

MARTINS, S. F. **Friches industrielles no extremo sul do Brasil: uma análise sobre o caso da cidade de Rio Grande/RS**.

<http://www.ub.es/geocrit/9porto/solismar.htm>. Acesso em 01 abril de 2008.

MONTALLI, L.T. **Do núcleo colonial ao capitalismo monopolista. Produção de fumo em Santa Cruz do Sul**. Dissertação de mestrado USP, SP. 1979.

PEREIRA, L. C. B. & RÊGO, J. M. Um mestre da economia brasileira: Ignácio Rangel. **Revista de Economia política**, v.13, n. 2 (50), abril-junho de 1993.

PESAVENTO, S. J. **RS: agropecuária colonial e industrial**. POA; Mercado Aberto, 1983.

_____ **História do Rio Grande do Sul**. 8ª ed. POA: Mercado Aberto, 1983.

RANGEL, I. **Economia: milagre e anti-milagre**. RJ:Jorge Zahar; ed. 1985.

Revista Território. Rede Urbana e Formação espacial uma reflexão considerando o Brasil. Roberto Lobato Corrêa. RJ, ano V, nº. 8, pp. 121 -129, jan/jun, 2000.

REVISTA TRAMONTINI. Ano 1, n.1, abril 2007.

ROCHA, L. H. M. da & MIORIM, V.M.F. **A importância da terra na organização espacial: a formação econômico-social do espaço sul-rio-grandense**. Geografia Ensino & Pesquisa. Santa Maria, n.3, p.7 -37, dez. 1989.

ROCHA, L. H. M. da **O papel de Santa Maria como centro de drenagem da renda fundiária**. Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis, 1993 .

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. POA; ed. Globo, 1969.

ROOS, J.L.S.(org). **Geografia do Brasil**. SP. 2001.

Rumos 2015: estudo sobre desenvolvimento regional e logística de transportes no Rio Grande do Sul / SCP-DEPLAN. Porto Alegre: SCP , 2006. 5 v.

SILVA, L. X. da. **Análise de estratégia competitiva do complexo fumageiro do sul do Brasil**. Estudos CEPE, Santa Cruz do Sul, n.11, p.59 -74, jan/jun. 2000.

SILVEIRA L. L. da . **A produção da periferia urbana em Santa Cruz do Sul – RS: O lugar dos safristas na terra do fumo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SILVEIRA, M. R. **A importância geoeconômica das estradas de ferro no Brasil**. Tese de doutorado, Pós-graduação em Geografia, Unesp, 2003.

SILVEIRA, R. L. L. da. **Complexo agroindustrial do fumo e território: A formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo - RS**, Tese de doutorado, UFSC Florianópolis, 2007.

SINGER, P.I. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. SP. Nacional, 1977.

SUERTEGARAY, D.M. **Notas sobre epistemologia da geografia**. In Cadernos Geográficos,UFSC, 1999.

SUZIGAN, W. **Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento**. RJ:brasiliense, 1986.

TEJO, L. Ensaios FEE. **Contribuição á crítica da economia Rio Grandense** . POA, 3(1), 79-108, 1982

VARGAS, M. A, FILHO, N. dos S., ALIEVI, R. M. **Análise da dinâmica inovativa em arranjos produtivos locais no RS: complexo agroindustrial fumageiro** . Estudos CEPE, Santa Cruz do Sul, n. 9/10, p.149 -173, jan/dez 1999.

VERBAND DEUTSCHER VEREINE. Cem anos de germanidade no Rio Grande

VERDUM, R., L. A. e SUERTEGARAY, D.M.A. **RS: paisagens em transformação** . POA. Ed. da UFRGS, 2004.

VIEIRA, M.G.E. de D. **Formação social brasileira e geografia: reflexões sobre um debate interrompido** . Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis. 1992.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 1998.

VOGT, O.P. (org.). **Abrindo o baú de memórias: o museu de Venâncio Aires conta a historia do município** . Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

WEIMER G. **Urbanismo no Rio Grande do Sul** , Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1992.

ZILLMER R. J. & MARAFON G. J. Considerações sobre o espaço urbano. Santa Maria. **Revista Ensino e Pesquisa**, n. 67, p. 109-128, 1994.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO 01

Direcionado para a administração/gerencia das indústrias visitadas:

- 1) Razão social da empresa. Filiais e empresas que compõem o grupo empresarial.
 - Data de fundação
 - Ramos de atividades
- 2) Breve histórico da indústria.
- 3) Capital inicial empregado
 - Sociedade %
 - Empréstimos
- 4) Tipo de mão-de-obra empregado no início das atividades.
 - Técnicos especializados
 - Familiar
- 5) Quais eram os primeiros equipamentos utilizados na empresa.
- 6) Quais os produtos inicialmente produzidos?
 - Houve pioneirismo do produto
- 7) Alterações na produção (produto) desde sua fundação?
- 8) Houve incorporação de outras empresas (fusões e aquisições)
 - Características (se houve)
- 9) Sobre a mão-de-obra
 - Quantos postos existem
 - É emprego sazonal ou permanente
 - Demais características (de onde vem e como se desloca)
- 10) Principais fatos da evolução da empresa.
 - Conquistas (mercado, prêmios de qualidade)
 - Investimentos

QUESTIONÁRIO 02

Entrevista direcionada á visita ao chão de fábrica:

01) LINHA DE PRODUÇÃO:

- Quantidade.
- Produção.
- Origem da matéria-prima.
- Destino da produção

02) EQUIPAMENTOS

- Tipo.
- Origem.
- Idade média dos equipamentos/ durabilidade
- Utilização de energia.

03) PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

- Gastos.
- Laboratórios.
- Publicação.

04) MERCADO

- Lançamento de novos produtos (perspectiva)
- Qual a posição dos produtos perante os concorrentes.
- Estratégia de comercialização.
- Relações com os clientes e fornecedores de matéria -prima.

05) RECURSOS HUMANOS

- Nível de alfabetização
- Representação sindical
- Flexibilidade de postos (polivalência)
- Estabilidade de mão-de-obra.

06) ESTRATÉGIAS

- Gestão de produção.
- Modernização das instalações e equipamentos.
- Técnicas organizacionais.
- Quais os resultados obtidos pelas técnicas organizacionais.
- Competitividade dos produtos (preços, entrega, devolução)

07) Participa como subcontratada de clientes:

- Em quais produtos.
- Desde quando: